

**ESTE LIVRO É UM TESTEMUNHO
DA ADMIRAÇÃO DO IBDD
POR CADA UM DOS 18 MILHÕES
DE BRASILEIROS COM DEFICIÊNCIA.
NELE PROCURAMOS TRADUZIR
EM ARTE A HISTÓRIA DE
ALGUMAS DE SUAS VITÓRIAS.**



HEROÍSMO SEM LIMITES.

TEXTO

**JOÃO MÁXIMO
ROGÉRIO DAFLON**

FOTOGRAFIA

ROGÉRIO REIS

PROJETO GRÁFICO

VICTOR BURTON

IBDD 2007

TEXTOS
João Máximo
Rogério Daflon

FOTOS
Rogério Reis

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA
Victor Burton
Angelo Allevato Bottino

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Moinho Produções Artísticas e Editoriais

PRÉ-IMPRESSÃO
Ô de Casa

IMPRESSÃO
Gráfica Minister

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

M419h
Máximo, João, 1935-
Heróis/sem limites / texto João Máximo, Rogério Daflon ;
fotografia Rogério Reis. - Rio de Janeiro : IBDD, 2007.
II, color.

ISBN 978-85-
1. Atletas deficientes - Brasil - Biografia. 2. Atletas deficientes -
Brasil - Obras Avulsas. 3. Esportes para deficientes - Brasil. 4. Deficientes -
Direitos fundamentais - Brasil. 5. Deficientes - Brasil - Condições sociais.
I. Daflon, Rogério. II. Reis, Rogério. III. Instituto Brasileiro dos Direitos
da Pessoa com Deficiência. IV. Título.

07-2725. CDD: 927.96786
CDD: 929.796-066.26

16.07.07 13.07.07 00276

SUMÁRIO.

6.
A ARTE DO ENCONTRO.

7.
MAIS QUE UM PATROCÍNIO,
UMA PRESENÇA.

9.
TERESA COSTA D'AMARAL.
A ENCANTADORA SABEDORIA
DO ESPORTE.

13.
JOÃO MÁXIMO.
NA SAGA DO IBDD,
O CHARME DA CONQUISTA.

21.
JOÃO MÁXIMO.
NO TRIUNFO DO ESPÍRITO,
O ESPÍRITO DO TRIUNFO.

45.
ROGÉRIO DAFLON.
NA HISTÓRIA DE CADA UM,
A VITÓRIA DE TODOS.

47.
ANTÔNIO TENÓRIO.

41.
CACO.

47.
RICARDO MANGUEIRA.

53
QUIRINO.

59.
EDUARDO.

65.
MAMEDE.

71.
ZECA.

77.
ANDRÉ BRASIL.

83.
LOURDES.

89.
PAULO ROBERTO
& ROBERTO JULIAN.

95.
THIAGO.

111.
RENATA.

117.
ROBERTO PAIXÃO.

123.
JOÃO MÁXIMO.
DE HOMERO E JACÓ
AO OURO DE ATENAS.

138.
OS HERÓIS DO IBDD.

A ARTE DO ENCONTRO.

POUCAS VEZES ASSISTIMOS A CONSPIRAÇÕES DO DESTINO TÃO GENEROSAS QUANTO A QUE RESULTOU NESTE LIVRO.

Essa conspiração do destino nos fez encontrar João Máximo, por exemplo, que é o mesmo que encontrar o jornalismo esportivo brasileiro, mas é também o mesmo que encontrar a alma sensível de um profundo conhecedor da nossa música popular, a alma de um poeta que frequenta as redações de esporte e de cultura desde os anos 1960. *Gigantes do futebol brasileiro, História ilustrada do futebol brasileiro, História das 10 Copas, Brasil Musical – Viagem pelos sons e ritmos populares, Noel Rosa – Uma biografia, Bossa nova, do barquinho ao violão* são títulos de livros escritos por João, sozinho ou com parceiros. Aqui, em *Heroísmo sem limites*, o João Máximo que pensava conhecer tudo do esporte descobriu um mundo novo, belo, rico, e honra a causa das pessoas com deficiência ao se apresentar como seu mais novo engajado.

No lugar certo, na hora certa, na editoria de esportes de uma redação de jornal. Onde mais poderíamos encontrar o parceiro ideal de João para construir as palavras deste livro? A conspiração do destino então nos reuniu a Rogério Daflon, que acabara de sentar à sua mesa para redigir a matéria do dia, bem em frente a João. Daflon gosta “de andar pelas ruas do Rio e de qualquer cidade do mundo descobrindo coisas interessantes”. É verdade que ele já conhecera o mundo invisível das pessoas com deficiência quando fez uma reportagem sobre o nadador André Brasil. Mas nunca mergulhou tão fundo. Ao entrevistar atletas com diferentes deficiências, que têm em comum histórias de vida muito ricas, e escrever seus perfis, Rogério Daflon descobriu o universo dessas estrelas. Serão elas autoras dessa conspiração generosa?

É impossível pensar um livro de esportes sem riqueza de imagens. João Máximo, sem saber que iria ao encontro de uma idéia já aventada, disse o nome do fotógrafo Rogério Reis para acompanhá-lo neste trabalho. O nome foi consenso pois só um olhar criador poderia capturar os momentos fugidios de beleza e movimento do esporte. Das oficinas de arte do MAM, nos anos 1970, ao projeto da Unesco “Our Place – the Photographic Celebration of the World’s Heritage”, que passa a integrar em 2007, e sem esquecer a foto de Drummond em Copacabana, de 1982, reproduzida em bronze no centenário do poeta, Rogério eternizou incontáveis instantes de humanidade. Nas imagens deste livro está registrada sua própria humanidade, pois ele também descobriu um mundo novo e se apaixonou.

Antes de conquistar seu objetivo final, o livro que agora pode ser apreciado, a conspiração leva João Máximo a outro encontro com idéia já aventada. O nome de Victor Burton. Um mestre nas artes gráficas. Sim, é dessa maneira que apresentamos a participação de Burton neste livro. Jovem ainda, ele retornou de Milão no final dos anos 1970 e se tornou diretor de arte da Editora Nova Fronteira. Hoje seu portfólio contém mais de duas mil capas e centenas de projetos de livros, e sua trajetória profissional desenhou um estilo próprio, de forte personalidade. Há muito tempo Victor Burton é referência no design gráfico brasileiro. Seus parceiros neste livro não eram desconhecidos para ele e a amizade já o aproximara de Teresa Amaral. Com certeza as estrelas sabiam disso e o escolheram porque autores, atletas e IBDD têm na sua arte o lugar do encontro.

INCLUSÃO, DESENVOLVIMENTO E CIDADANIA.

TODO BRASILEIRO ASSOCIA O NOME PETROBRAS AO BRASIL. ASSIM COMO O PAÍS, A COMPANHIA ENFRENTOU E SUPEROU MUITOS DESAFIOS PARA CRESCER FORTE E LÍDER, COMO UMA EMPRESA DO SETOR DE ENERGIA QUE A CADA DIA SE PREOCUPA MAIS COM AS PESSOAS E COM O MEIO AMBIENTE.

Ao lado do crescimento e da rentabilidade, o compromisso com a Responsabilidade Social e Ambiental está cada vez mais inserido em seu cotidiano, sendo expressa na Missão e Visão da Companhia. Busca-se, dessa forma, colaborar para a mudança da realidade de milhões de pessoas no Brasil e nos outros países onde atua.

Dentro de seu escopo de atuação, a promoção da diversidade, seja cultural, racial ou religiosa, ocupa lugar de destaque. Mais que adequar-se às exigências da legislação brasileira, a Petrobras investe fortemente no desenvolvimento pessoal e profissional das pessoas com deficiência entre a sua força de trabalho e também na sociedade.

Já há muito tempo seu nome também é associado, mais especificamente, ao incentivo à cultura e aos esportes. Muitos atletas brasileiros, apoiados pela Petrobras, têm levado nossa bandeira aos pódios em todo o mundo. Atletas sem deficiência e também atletas com deficiência, como os personagens deste livro.

Como patrocinadora da área de esportes do Instituto Brasileiro dos Direitos das Pessoas com Deficiência (IBDD), a Petrobras, com muito orgulho e admiração, colabora pela inclusão social e profissional e pelo aumento da qualidade de vida dos atletas com deficiência do Instituto. É muito mais que um simples patrocínio.

Neste momento em que os olhos de toda a América estão voltados para o Brasil, devido aos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, a Petrobras apóia e torce pelos atletas do IBDD que vão participar dos Jogos Parapan-americanos de 2007, nas modalidades de judô, futebol de sete e natação.

Aliando o esporte ao desenvolvimento profissional, os resultados somente podem ser positivos e de grande importância para as vidas dessas pessoas historicamente excluídas da sociedade. Hoje, elas conquistam cada vez mais o seu espaço e, por esse motivo, a Petrobras sente-se honrada e orgulhosa em compartilhar os desafios e as vitórias alcançadas.





TERESA COSTA D'AMARAL. **A ENCANTADORA** **SABEDORIA DO ESPORTE.**

ESTE LIVRO É UM TESTEMUNHO DA ADMIRAÇÃO DO IBDD
POR CADA UM DOS 18 MILHÕES DE BRASILEIROS COM DEFICIÊNCIA.
NELE PROCURAMOS TRADUZIR EM ARTE
A HISTÓRIA DE ALGUMAS DE SUAS VITÓRIAS.

O IBDD é uma instituição diferente e que pode dar a certeza, a nós brasileiros, neste momento de perplexidade e dúvida quanto ao nosso futuro como país, de que somos capazes de construir a coisa pública com sabedoria e competência.

Somos uma organização não governamental diferente, não recebemos recursos governamentais, nos sustentamos com nosso trabalho, atendemos a todos os deficientes que nos procuram com eficiência e resolutividade. Atuamos em três áreas: defesa de direitos, colocação no mercado de trabalho e esporte.

Vibro com cada causa ganha na justiça defendendo um deficiente, me emociona a conquista de emprego de deficientes que encaminhamos para empresas, e em momentos difíceis me amparo na declaração da Andréa, que foi nossa aluna: "O IBDD fez uma revolução na minha vida".

Mas é com o esporte que minha emoção se liberta da razão, voa livre das amarras da luta diária por construir uma instituição diferente, por construir cidadania em um país tão injusto.

João Máximo, Victor Burton, Rogério Reis e Rogério Daflon foram sendo conquistados com tranquilidade pelos atletas do nosso esporte para fazer este livro que queremos seja o testemunho de muitas paixões. Coloco esperança na arte dos atletas e dos autores para prosseguir em uma conquista maior: fazer a sociedade brasileira conhecer e admirar as pessoas com deficiência.

Reconheço, o mundo de hoje tornou meus sonhos compatíveis com a indescritível alegria de poder ver a força e a determinação de uma pessoa com deficiência superar não as suas próprias dificuldades, mas as duras provas impostas pelo preconceito.

Mais duro do que vencer as barreiras dos impedimentos resultantes da deficiência é conviver com o total descaso do Estado brasileiro em prover às pessoas com deficiência o acesso aos seus direitos. A sabedoria de cada pessoa com deficiência que se realiza está em superar as intermináveis negativas de acesso aos direitos humanos mais básicos que recebe todo dia e se tornar uma pessoa realizada, capaz de construir sua cidadania.

Digo isso porque convivo quotidianamente no IBDD com as mais estarrecedoras formas de preconceito e segregação que nosso país impõe às pessoas com deficiência. Mas é também no IBDD que todo dia descubro, encantada, as formas ao mesmo tempo personalíssimas e incluídas que a maioria dos deficientes que nos procuram constroem para se tornarem cidadãos.

A convicção de que é possível fazer uma instituição diferente e solidária me mostrou que as imensas adversidades que marcam a vida das pessoas com deficiência são infinitamente suavizadas quando conseguimos fazer com que a mão de fraternidade e a força da coragem passem por suas vidas.

O IBDD acredita que é capaz de transmitir, a cada deficiente que o procura, sua convicção inesgotável de luta e sua capacidade permanente de construir justiça social. Podemos por isso mesmo celebrar a realização de fazer um Brasil mais humano através desses deficientes.

E certamente a força do esporte é essencial para alimentar essa capacidade, esse encantamento que vivo todo dia no IBDD.

De nada adiantou o descaso da sociedade em fazer o Tenório perder a visão dos dois olhos, ele é meu herói, herói brasileiro com três medalhas de ouro paraolímpicas, uma de cada vez, de cada ano em que competiu. Atlanta, Sydney e Atenas. Existe maior herói brasileiro do que o Tenório, que vence os problemas de cada dia e vence as lutas de cada competição com a mesma convicção de que assim como o destino foi menos forte que ele, também os adversários não poderão derrubá-lo?

Como falar da magia da natação? E do André Brasil que já não é promessa mas campeão realizado? Existe exemplo mais bonito do que o do Caco, que não abriu mão de continuar a acreditar na força do treinamento e na luta por outras medalhas, além da de ouro que trouxe de Atlanta, mesmo quando sua derrota foi a deslealdade de dirigentes? Você Caco, que foi meu companheiro na minha única tentativa, mesmo que indireta, de participar de uma eleição, no desejo de conquistar o Comitê Paraolímpico e a possibilidade de democratizar sua administração. Eleição perdida mas simbolicamente vencida.



E o exemplo do Eduardo que sabe ser herói dos seus companheiros e continuar suave nas relações com a vida – lutando por sua forma física com a mesma tenacidade com que luta pelo amor e pela amizade? Eduardo, como me encanta ser sua amiga, você que é ídolo e professor de judô de crianças ainda na escola, e elas certamente aprendem com você a construir uma sociedade menos preconceituosa.

A alegria, inteligência e persistência do Cassiano alegam meu dia quando chego ao IBDD.

ADMA Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompei
insectat ossifragi.

PÁGINA AO LADO Saburre fortiter
conubium santet verecundus
rures. Quadrupel lucide
senesceret quinquennalis syrtes.
Pompeii insectat ossifragi.



ABAXO Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.

PÁGINA AO LADO Saburre fortiter
conubium sanctet verecundus
rures. Quadrupel lucide
senesceret quinquennalis syrtes.
Pompeii insectat ossifragi.



A Viviane, dançando seu bellissimo
tango, me embala nos vãos de sua
cadeira de rodas.

E não existe maior exemplo de
sabedoria e vitória do que a vida de
um por um dos jogadores do futebol
de sete, todos atletas campeões,
e todos com paralisia cerebral,
resultado do destino cruel construído
pelo Estado brasileiro através do
descaso no atendimento pré, peri
e pós-natal. Eles venceram essas e
outras omissões, como a falta de
acesso à saúde e à educação, com
a vida de cada dia. Treinam três vezes
por semana, fazendo longas viagens
de casa até o campo do Aterro do
Flamengo, e depois cumprem suas
jornadas de trabalho no emprego ou,
a maioria, no trabalho informal
porque a sociedade ainda confunde
deficiência com incapacidade.

Dentre eles falo do Manguiera,
que só se descobriu com deficiência
adolescente ouvindo sua voz no
gravador e é nosso funcionário
exemplar, tão exemplar que criamos
um prêmio no IBDD só para
homenageá-lo. E do Zeca, meu herói,
que ganhou medalha em Atenas e
que, encerrada a festa que fizemos
para a chegada dos campeões, ia
saindo discretamente para pegar
um ônibus até a Central e depois
outro ônibus até Austin. E do Márcio,
herói que escreve com os pés e
sustenta seus filhos com bravura.

12.13



E como esquecer a mais bonita
imagem de respeito humano que já vi,
como não levar para sempre na alma
o gesto do Luiz Cláudio de pé frente
à minha mãe morta? Ele, tetraplégico
por erro médico no atendimento
após o acidente que não o lesionara
totalmente. Ele que, mesmo com o
diagnóstico de só lhe restar conseguir
mexer os olhos, conquistou em
arremesso 6 medalhas de ouro
e um recorde mundial nas duas
paraolimpíadas que disputou.

Luiz, lutamos juntos há vinte anos
e sabemos que o esporte mostra
o nosso ideal de beleza e competência
de cada pessoa com deficiência.
Ele é o nosso modo de procurar
encantar os milhões de brasileiros que
ainda não conhecem a nossa garra.

Você é, Luiz, em cada atleta nosso,
a encantadora sabedoria do esporte.
E a luta, que corre pelo nosso corpo
e envolve a nossa alma, é a decisão
de nunca desistir de um Brasil mais
justo para os 18 milhões de brasileiros
com deficiência.



JOÃO MÁXIMO. NA SAGA DO IBDD, O CHARME DA CONQUISTA.

A VIDA TEM ENSINADO MUITAS LIÇÕES A TERESA COSTA D'AMARAL. LIÇÕES SOBRE OS OUTROS E LIÇÕES SOBRE SI MESMA. A HISTÓRIA DO INSTITUTO BRASILEIRO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA (IBDD), DO QUAL É CRIADORA E ATUAL SUPERINTENDENTE, É UMA SOMA DESSAS LIÇÕES. UMA HISTÓRIA QUE COMEÇA MUITO ANTES DE 1998, QUANDO ELA ENTROU NA FILA PARA TIRAR O ALVARÁ DE FUNCIONAMENTO DE UMA ONG QUE, SE A MUITOS PARECIA SONHO IMPOSSÍVEL, PARA ELA TINHA JEITO DE OBRA JÁ FEITA, PRONTA, CONCRETIZADA, OU PELO MENOS COM TODOS OS DETALHES ARQUITETADOS, SÓ FALTANDO DAR O PRIMEIRO PASSO. POIS UMA DAS LIÇÕES QUE TERESA APRENDEU SOBRE SI MESMA É DE QUE NÃO HÁ SONHO QUE SUA CAPACIDADE DE LUTA NÃO REALIZE.

Para essa capacidade, que poderíamos chamar de perseverança, ou obstinação, ou persistência, ou pertinácia, ou mesmo teimosia, ela tem um nome só: charme. Não o charme discreto, maroto, sedutor, de distribuir gratuitos encantos femininos por onde passa, mas o charme indiscreto da conquista, do não desistir nunca, do transpor obstáculos sutil e habilmente, do valer-se da ternura e da delicadeza para dobrar contrários e do saber transformar dois “nãos” do outro num definitivo “sim” só seu.

A história do IBDD realmente começa muito antes do dia em que Teresa, sozinha, foi atrás do alvará. Os que conhecem sua história familiar acreditam que sua estreita relação com os deficientes tem tudo a ver com Maria Aurora, irmã que perdeu em 1964, ou com Felipe, sobrinho morto em 1998, ambos deficientes. Muito a ver tem, certamente, mas não tudo. Como também não acerta a pessoa que um dia lhe fez este comentário: “Você só fez tudo isso, Teresa, porque nasceu em berço de ouro”. Se fosse assim, algum de seus seis irmãos vivos, que também perderam Maria Aurora e Felipe, e que também são filhos do jornalista, romancista, poeta, acadêmico, político e homem importante Odylo Costa, filho, teriam abraçado a causa do pai quando ele se ligou às Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs) e à Federação das Sociedades Pestalozzi. Dessa última, Odylo chegou a ser presidente de honra. E Teresa, ainda indecisa entre a Sociologia e a História, sua secretária.

Todas essas causas, mais as lições, mais uma desmedida força interior, explicam as ações de Teresa. Marcio Tavares d'Amaral, marido, companheiro de luta, homem cuja modéstia procura atenuar a importância do papel que representa na vida da mulher, acredita em missão. A luta de Teresa pelos deficientes seria sua missão na vida. Do que ela, que com alguma frequência usa o verbo discordar no tempo presente, discorda. Missão, em sua maneira de ver, teria um quê de obrigação, de meta imposta, de caminho que não se pode evitar. No seu caso, o que fez, o que faz e o que ainda pretende fazer, é mais opção do que missão.

Se não foi em 1998, em que momento o IBDD terá começado a existir? Quando, exatamente, foi aquele "muito antes"? Como nas grandes idéias, ou nas grandes obras, onde nada nasce de uma hora para outra, os momentos são muitos. Somam-se, multiplicam-se e pontuam aqui e ali uma longa história. História que vale a pena conhecer.

Odylo e sua mulher Nazareth tiveram nove filhos: Maria de Nazareth, Odylinho, Pedro, Teresa, Virgílio, Maria Aurora, Antonia, Isaias e Manoel Luis. Odylinho, assassinado por adolescentes de rua quando descia com a namorada uma rua de Santa Teresa, foi a primeira perda trágica da família. Tinha 18 anos. O episódio, raro na cidade então maravilhosa, traumatizou uma população ainda não atingida pela banalização da violência. Um ano depois, morria Maria Aurora. Nascida com paralisia cerebral severa, nunca passaria de três meses de idade mental. Não falava, não mastigava, não engolia, não andava, mas sorria. Uma menina bonita, de feições não afetadas pela marca da doença. E uma presença meiga, suave, naquela casa. Não era escondida, era mostrada.

- Eu adorava brincar com minha irmã - conta Teresa, quatro anos mais velha que Maria Aurora. - Era um prêmio quando minha mãe me deixava dar comida a ela, o que exigia atenção, cuidado, delicadeza. Maria Aurora tinha um sorriso lindo, presente até quando, já perto de morrer, eu ia visitá-la no hospital. Aquele sorriso me acompanha até hoje.

E certamente foi o sorriso que a impeliu ao voluntariado para cuidar de deficientes. Mais, ainda, do que a morte de Felipe, filho de Antonia, sobrinho com síndrome de Down cujos 17 anos de vida foram uma das alegrias da família. Tinha olhos puxados, cabelos lisos, tonicidade muscular pouco comum nos portadores da síndrome, o que lhe permitia caminhar normalmente, correr, nadar. Mais que tudo, Felipe era menino de extrema afetividade. Costumava se aproximar das pessoas, dizer de graça um "te adoro" e ir embora sem esperar nada. Todos o amavam, Teresa em especial. Mas, quando Felipe morreu, caindo do 15º andar onde brincava, corria o ano de 1998, o mesmo da fila para o alvará.

Teresa sempre foi diferente dos irmãos, que por isso implicavam com ela, dizendo que era filha adotiva. Dos nove, foi a única nascida no Piauí. A única, também, de um parto complicado, Odylo tendo de substituir o médico que se recusou a continuar assistindo Nazareth quando esta, com impaludismo, estava para dar à luz a criança de seis para sete meses. A única, ainda, de cabelo ondulado, que gostava de arrumar a casa, de ir à feira com a mãe. Teresa gostava de sentar-se, horas a fio, ao lado de Maria Aurora. A única, finalmente, que se envolveu de corpo e alma com a causa do deficiente.

ACIMA Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtis. Pompeii
insectat ossifragi.

As preocupações sociais sempre fizeram parte da vida da estudante de esquerda que acreditava poder participar da formação de um país melhor. No Brasil dos anos 70, impossível. Já tinha feito sociologia, já se formara em história, quando, em 1974, foi trabalhar com o pai na Pestalozzi, onde ele ocuparia cargos de diretoria, além da presidência, cumprindo ali um papel mais de relações públicas, de divulgador, de teórico em busca do norte político que a federação deveria ter. Para Teresa, alguns anos de experiência bastante proveitosa.

- Por um lado, encontrei resposta para algumas questões pessoais - diz ela. - Fazer sociologia, para quê? A que órgão daria consultoria? Como encontrar espaço para trabalhar no auge da repressão política? Mudar para história não seria a solução. Para quê, se eu detestava dar aula? De que modo poderia fazer algo de útil e que ao mesmo tempo me desse prazer? Trabalhar com deficientes me mostrou as respostas. E me permitiu conhecer o assunto, participar de discussões sobre legislação, decretos, projetos, as posições do Governo sobre o tema, saber que era justamente do Governo a responsabilidade da reabilitação e da educação. Tudo para, no fim, ter consciência de que no Brasil fazia-se muito pouco pelo deficiente.



Em 1971, casou-se com Marcio. Tinham se conhecido na faculdade, ele um líder estudantil, membro da VAR-Palmares e organizador de panfletagens estudantis contra o regime militar. A paixão bem pode ter nascido quando, numa das reuniões, distribuindo tarefas aos alunos para o mês de julho, viu Teresa levantar o dedo e dizer: "Em julho eu não posso, pois vou passar férias no Maranhão". Impressionou-o a coragem, a autenticidade daquela garota que, numa reunião subversiva, tinha a audácia de valer-se de argumento tão burguês para impor sua vontade.

Em 1985, Odylo morto havia seis anos, Marcio e Teresa estavam em Paris, aonde ele tinha ido para estudar filosofia com Michel Foucault. Catarina, a filha única, já havia nascido. Do Brasil distante, restava apenas a vaga noção de não haver lugar para nenhum dos dois, nem para a filosofia de Marcio, nem para a luta de Teresa, quando um acaso histórico fez de José Sarney o primeiro presidente civil do Brasil em 21 anos. E Sarney tinha sido um grande amigo de Odylo, dos filhos de Odylo, da família de Odylo.

- Ainda faltava um ano para Marcio concluir o pós-doutorado - lembra Teresa. - Acreditando que, com Sarney na presidência, alguma coisa poderia ser feita pelo deficiente, convenci Marcio de que era hora de voltarmos para o Brasil. Até porque Foucault, o principal motivo de estarmos em Paris, tinha morrido logo no começo da bolsa.

Voltaram. Com esperança no novo presidente e a crença, importante para Teresa, de que a questão do deficiente começava a ser rediscutida em todo o mundo, principalmente nos Estados Unidos, onde, cerca de 25 anos antes, a decisão de outro presidente, John Kennedy, levava a sociedade a questionar muitas de suas posições sobre o assunto. Kennedy, cuja irmã Rosemary fora confinada para sempre numa instituição para doentes mentais, proibia que medidas iguais fossem adotadas a partir dali. Embora o ato mal escondesse uma expiação de culpa familiar (sua irmã fora submetida a uma lobotomia frontal para "solucionar" problemas de comportamento e agressividade na adolescência), era um primeiro passo rumo à desinstitucionalização da internação.



ABAIXO Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtis. Pompeii
insectat ossifragi.

– Aquilo me ensinara que só um motivo muito próximo de um presidente, um motivo pessoal ou político, poderia resultar em mudanças. Dada a minha proximidade com Sarney, achei-me na obrigação de, pelo menos, tentar.

Primeiro foi um emprego no então Ministério da Educação e Cultura (MEC), no cargo de assessora especial da área de educação. Foi ali que um funcionário mais experiente sugeriu a Teresa formar uma comissão para a educação especial, ou seja, para o deficiente. O ministro Marco Maciel, que adorava criar uma comissão, recebeu Teresa em sua casa em Brasília e logo ficou sabendo como ela pensava: de nada adiantaria criar uma comissão se o Governo não se propusesse a estudar a fundo a questão, tendo como objetivo uma legislação que a amparasse. Sua proposta era de que a comissão para isso seria integrada por 50 membros da sociedade, do Governo, de instituições de deficientes, incluindo o próprio deficiente: “Uma coisa é, como instituição, falarmos do deficiente e outra é ele falar dele mesmo, do que sente, do que sofre, do que precisa”.

Maciel puxou sua já conhecida Futura vermelha e pediu que, com ela, Teresa incluísse também os sindicatos. Mesmo sabendo que eles dificilmente se envolveriam, ela obedeceu. O ministro aprovou o documento e mandou Teresa levá-lo ao secretário-geral, Everardo Maciel, o futuro “leão da Receita”. O outro Maciel olhou-a de cima a baixo e disse: “Esta é a caneta do ministro, mas a letra não é a dele”. Teresa explicou que a letra era dela, escrita com a caneta que o ministro lhe dera. Incomodado, talvez, com a intimidade da funcionária com o ministro, o secretário-geral passou a evitar Teresa. Só lhe dirigiu novamente a palavra quando, comissão definida, documento fechado, ela voltou ao seu gabinete no dia marcado para a cerimônia em que Sarney o assinaria. Depois de lê-lo, Everardo Maciel foi taxativo: “Assim como está, não passa!” Era contra os sindicatos e outros detalhes do texto. Teresa: “Eu só quero assim porque o ministro mandou que fosse assim”. Ele: “Pois não aceito”. Criado o impasse, Teresa manteve-se firme. Só restou ao secretário-geral desistir: “Pois então eu me retiro de minha sala, a senhora fica com a secretária, a máquina Remington e faça como bem entender”. A comissão foi criada.

Durante seis meses, os 50 membros da comissão trabalharam até chegarem a um relatório que estabelecia 90 ações a serem feitas para o deficiente (a grande maioria até hoje não saiu do papel) e a criação de uma coordenadoria que articulasse as ações do governo. Teresa foi pessoalmente a Sarney para pedir que se criasse uma coordenação para trabalhar sobre as 90 ações. O presidente encaminhou-a ao consultor-geral, Saulo Ramos: “Nenhuma dessas ações pode ser criada por decreto – explicou. – Elas têm de ser levadas ao Legislativo como projeto de lei, mas podemos criar uma coordenadoria para tratar disso”. Teresa concordou.

Com a Consultoria da República e a consultora que já se tornara sua amiga, Thereza Helena Paranhos, ela redigiu o decreto criando a Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), na época ligada à Presidência, hoje no quinto escalão de algum ministério. Documento pronto, ela, Marco Maciel e Saulo Ramos voltaram ao presidente. “Essa coordenadoria vai ser um problema – opinou Sarney. – Vai ter muita gente brigando pelo cargo de coordenador”. Teresa não via problema algum: “Aproveitando uma ida minha ao telefone – disse ela, – a comissão escolheu meu nome por unanimidade”. Diante do quê não houve como Sarney dizer “não”, muito menos como ministro e consultor discordarem.



ADMA Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeli
insectat ossifragi.

ADMA Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeli
insectat ossifragi.



ACIMA Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.



A CORDE foi criada tendo Teresa como coordenadora. Em seguida, ela, Thereza Helena Paranhos, Saulo Ramos e Celso de Mello, futuro ministro do Supremo, transformaram as 90 ações num projeto de lei. Faltava fazê-lo passar no Legislativo. Para isso, Sarney mandou Teresa procurar Henrique Hargreaves, então seu assessor parlamentar. “Nem em dez anos essa legislação passa”, sentenciou Hargreaves. Pois passou em um ano, mesmo tendo Hargreaves tentado fazer com que Sarney não a sancionasse. Como é norma, entre a aprovação pelo Legislativo e a assinatura do presidente, cada ministério deve dar seu parecer. Teresa já tinha o “sim” de todos. A lei 7.853, considerada em estudo de 2004 a mais moderna das Américas, criava uma coordenadoria e estabelecia direitos e deveres baseados nas 90 ações. Mas Hargreaves fez com que o ministro do Planejamento voltasse atrás e vetasse os artigos que davam ao coordenador o status de ministro, convencendo-o de que isso oneraria o Orçamento.

– Sarney vetou o artigo – conta Teresa. – E eu, embora amiga dele, gostando muito dele até hoje, consegui derrubar o veto na Câmara. Só não o derrubei no Senado por causa de dois votos: Roberto Campos e Saldanha Derzi.

Foi uma experiência de quatro anos de convívio com o poder, com os meandros do poder, com a complexidade político-administrativa dos ministérios, mas também com os deficientes. Muitas foram as viagens a Brasília, já que o trabalho de Marcio como professor os impedia de se mudarem para lá. A função de Teresa era atender às reivindicações de política social. Coordenadorias estaduais foram criadas para colaborarem com a CORDE. Em todas, novas lições. Uma delas, exemplo do quanto ainda havia por fazer, levou-a ao Ceará, onde se dizia que a educação especial era assunto resolvido. A educação de cegos, então, era fantástica. Fazia-se lá um curso itinerante, com as professoras indo de casa em casa para ensinar cegos a ler e a escrever. Teresa ficou impressionada e perguntou pelas provas. Como era feita a avaliação do aproveitamento desses alunos? Em Braille, claro, respondeu uma das responsáveis pelas aulas. No dia da prova, a professora levava a máquina datilográfica Perkins para que nelas se escrevessem as respostas das questões. “Pelos cegos?”, indagou Teresa. Não, não era bem pelos cegos. As perguntas eram feitas a eles, que as respondiam oralmente, cabendo à professora escrevê-las em Braille na Perkins. “É que a máquina é muito cara e eles podem quebrá-la”. Apenas mais um exemplo para confirmar que a educação especial no Brasil era uma farsa. No Ceará, fingia-se ensinar cego a escrever.

Os problemas em Brasília eram muitos e de todo tipo. Como no dia em que, Sarney extinguindo o Ministério da Habitação e do Bem Estar Social e passando a CORDE para o do Interior, decidiu-se que Teresa poderia levar com ela uma dotação do Orçamento para ser usada em instituições filantrópicas. Ótimo. Teresa tratou de distribuí-la em apoio às instituições. Dias depois, estando em casa às voltas como uma conjuntivite, foi chamada a Brasília: “Dona Teresa, a senhora gastou o sagrado dinheiro do deputado”. O deputado dera um soco na mesa do ministro, exigindo que lhe fosse devolvida a dotação do Orçamento. Teresa não entendeu e foi a Sarney: “Não sabia que deputado no Brasil tem dinheiro sagrado”. O presidente prometeu apurar, mas Teresa foi mesmo proibida de usar um dinheiro já distribuído. Chegou a pedir demissão, mas Sarney a demoveu. Ela sugeriu às instituições que seriam beneficiadas com o dinheiro que fossem cobrá-lo ao deputado. Furioso, este lhe mandou um recado em tom de ameaça: “Pergunte a essa moça se ela tem família e se gosta da família dela...” Em tempo: o deputado chamava-se João Alves, um dos anões do Orçamento, o mesmo que enriqueceu ganhando 221 vezes em senas, lotos e loterias outras.

ACIMA Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.

ACIMA Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.



ADMA Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeli
insectat ossifragi.

Findos os quatro anos de experiência, Teresa pediu demissão convencida de que lutar contra aquela farsa era sua vida. Seria sondada para trabalhar no governo Collor e não aceitou. A mesma coisa no governo Itamar. Lembrava-se com saudade da sabedoria do pai: "Só se deve fazer uma coisa pela segunda vez quando se tem a certeza de que se fará melhor que a primeira". No Rio, passou a fazer consultoria para ONGs, sempre inconformada por ver quase todas elas dependendo de dinheiro do Governo. Realizou trabalhos isolados, como a criação de uma fábrica de cadeiras de rodas em Niterói (pouco tempo depois, tudo nela foi sucateado). Sentiu, em cada etapa malograda, que muito de seu esforço, de sua vontade, se perdia. Mas não desistiu.

Mas onde, em tudo isso, o IBDD começou a existir?

Em 1988, quando ainda estava na CORDE, Teresa fez-se responsável pela formação da delegação brasileira aos Jogos Paraolímpicos que se realizariam em Seul, Coreia do Sul. Reuniu apoio de quatro ministérios, procurou empresas privadas e conseguiu que nossa equipe de paratletas viajasse. Luiz Cláudio Pereira – um desses paratletas, até hoje grande amigo de Teresa e seu mais forte braço direito – foi quem trouxe para ela as primeiras informações sobre o esporte entre deficientes. Vinte sete medalhas foram ganhas em Seul: quatro de ouro, dez de prata e 13 de bronze.



Deve-se certamente àquela primeira iniciativa o convite que o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) fez a Teresa para, oito anos depois, chefiar a delegação aos Jogos Paraolímpicos de Atlanta, Estados Unidos. Seria uma experiência enriquecedora, profundamente marcante e decisiva em sua vida. Apesar dos aborrecimentos que enfrentou – ou talvez por causa deles – Teresa voltaria ao Brasil convencida de que as coisas jamais seriam as mesmas para ela: mudariam para melhor.

Antes do embarque, Teresa já tivera ligeiro desentendimento com um dirigente do CPB. Como se pretendia trazer para o Rio os Jogos Olímpicos de 2004 (e com eles os Paraolímpicos), Teresa chamou a atenção do dirigente para a importância do projeto, a necessidade de se tratar aquela candidatura seriamente, com muito trabalho e sem improvisações. Ele não gostou, deixando Teresa em dúvida se deveria ou não acompanhá-lo a Atlanta.

Antes, houve um período de adaptação para os paratletas em Manaus, cujo clima, diziam, era muito parecido com o do verão de Atlanta. A delegação passou uma semana hospedada nas melhores acomodações. Quanto a isso, tudo bem. O que impressionou a chefe da delegação, o que a deixou abatida, mortificada, foi a situação da grande maioria de nossos paratletas. A falta de saúde, o abandono, o desrespeito humano àqueles que ali estavam para representar o país numa competição internacional. Outra farsa. Como era possível fazer do esporte um meio para conquistar a auto-estima, a dignidade, a inclusão social, a cidadania – se aqueles atletas, digamos, integrantes de nossa elite paraolímpica, estavam tão entregues à própria sorte? Em Atlanta, pior ainda, mais dramática seria a situação. Na primeira noite, fria apesar do verão, não havia cobertores para os atletas. A firma contratada para alimentar toda a Vila Olímpica rompera o contrato sob a alegação de que gastara todo o seu dinheiro nos Jogos Olímpicos realizados antes. Todos os atletas tiveram de fazer fila, ao sol, por um prato de comida. Era triste o contraste dos nossos paratletas com os de outros países, como se estes tivessem sido criados com leite AAA e os nossos com soro caseiro. Teresa, a quem cabia a tarefa de distribuir os atletas pelos quartos, dividiu o seu com dois tetraplégicos necessitados de atenções especiais:

22.23

– Eu nunca tinha passado por aquilo – afirma. – Ver um homem nadar sem mover braços e pernas. Tão incrível que tive de assisti-lo competir para saber se era verdade.

Mais impressionante, aos olhos da chefe da delegação, foi saber que a maioria daqueles paratletas tinha viajado sem treino, sem preparo, sem apoio técnico ou psicológico. Este estava gripado, aquele tinha dor de dente, aquele outro sentia-se desconfortável. Um ambiente de pobreza e doença. Para Teresa, mais uma lição. Governo, ONGs, Comitê Paraolímpico, todos se dando as mãos para tratar mal, ou mesmo não tratar deficientes que ainda assim ganhariam 21 medalhas em Atlanta, duas de ouro, seis de prata e 13 de bronze.

Oito anos após Seul, Teresa colhia as informações, quase sempre desalentadoras, a partir de sua própria experiência. Não precisava tanto para concluir que dirigente esportivo no Brasil, o olímpico em geral e o paraolímpico em particular, recebe recursos públicos sem ser governo nem entidade particular sem fins lucrativos. Há muito de *nonsense* no esporte brasileiro.

Um dia, tendo concluído suas provas em Atlanta, o judoca Alessandro quis voltar mais cedo para o Brasil. Procurou a chefe da delegação para que lhe adiantasse a passagem. Teresa pediu a passagem a um dirigente uma, duas, três vezes. Quando soube que ele estava num jogo de basquete em cadeira de rodas, foi falar com ele. Ao lhe repetir o pedido de Alessandro, foi recebida aos gritos.

– O dirigente achou que eu estava entrando na seara dele – observa Teresa. – Devia estar nervoso por outras razões.

ABAIXO Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeli
insectat ossifragi. Quadrupel
incredibiliter



Teresa lembra-se de ter chorado no peito de Luiz, então presidente da Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas, que por uma das decisões absurdas no CPB não fora credenciado para entrar na Vila Olímpica. Um choro mais de revolta que de humilhação. Ficou quase três semanas sem se dirigir outra vez ao dirigente do CPB. Até que, ao fim dos Jogos, ele marcou uma entrevista coletiva, um fim de festa habitual na Casa do Brasil, onde o Comitê Olímpico Brasileiro, o CPB, Pelé e outros ilustres se reúnem entre comes e bebes para falar do "sucesso do Brasil" na competição. Alguns paratletas pediram a Teresa para não ir e ela os liberou. Outros não foram sem pedir. Quando ela chegou ao local da entrevista, o dirigente levou-a para uma sala e gritou ainda mais alto. Culpou-a pela ausência dos paratletas e decidiu que os ganhadores de medalha seriam punidos com o não recebimento do prêmio em dinheiro pré-estabelecido. Teresa: "Isso você não pode fazer, pois o dinheiro é deles". No dia seguinte, o da volta ao Brasil, ela reuniu a delegação na saída da Vila e agradeceu a todos por terem competido em condições tão adversas: "Quero agradecer, também, pela lição de vida que vocês me deram".

O episódio teve desdobramentos, sobretudo porque só então Teresa transmitiu-lhes detalhes dos dois incidentes com o dirigente. A questão do prêmio que ele ameaçava não pagar resultou num protesto geral, numa quase revolta. O mais veemente em defesa de seus direitos foi José Afonso Medeiros, o Caco, medalha de ouro nos 50 metros, nado borboleta, que logo se tornou *persona non grata* do CPB. Pode-se mais do que suspeitar de que se deveria a isso a estranha manobra que alijaria Caco dos Jogos Paraolímpicos de Sydney, dali a quatro anos.

Mais *nonsense*, mais lições. Graças à indignação que testemunhou em Atlanta, graças em particular à postura do CPB, Teresa voltou ao Brasil com a convicção de que só se realizaria em sua luta se criasse sua própria ONG, livre, independente, objetiva, sem depender de dinheiro do Governo. Sonho impossível? Não para ela.

O IBDD finalmente estava a caminho.

ABAIXO Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeli
insectat ossifragi. Quadrupel
incredibiliter





ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi, Quadrupel
incredibiler

No papel, o IBDD já existia desde 1988 como uma idéia nascida daquela experiência no Governo, dos primeiros contatos com os paratletas, da vontade de trabalhar com o deficiente sem vínculos oficiais. Já existia até – embora meio subliminarmente – no tripé sobre o qual seria construído: inclusão do deficiente no mercado de trabalho, defesa de seus direitos e prática do esporte. No papel desde 1988 e na prática a partir de 1997, quando Teresa, como se impulsionada pelos ventos maus de Atlanta, foi em frente.

Um primeiro desafio: onde funcionaria? Resposta: numa sala de 40 metros quadrados alugada no prédio ao lado da Igreja de Nossa Senhora da Glória, no Largo do Machado. Segundo desafio: quem procuraria uma ONG desconhecida, com um nome comprido (Instituto Brasileiro de Defesa dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência, depois abreviado com o corte das palavras Defesa e Portadora) e ainda por cima escondido numa pequena sala? Resposta: os que foram sabendo aos poucos dos serviços que a nova ONG poderia prestar. Terceiro desafio: como pagar os primeiros funcionários, entre eles Luiz? Resposta: com o mesmo charme da conquista que não aceita “não” como resposta.

Um “não” Teresa recebeu, mas em parte. À época do aluguel da sala, ela e Marcio foram ao casamento de parentes dele em Joinville, Santa Catarina. Isolde, mãe de Marcio, é, com os filhos, acionista da fábrica de camisetas Hering. Depois da venda do braço da empresa que se dedicava à indústria de alimentos, Isolde permitiu-se doar um milhão de reais à Orquestra de Câmara de Blumenau. Só que a orquestra praticamente deixara de existir, era uma instituição falida, uma ruína, o que tornava a doação inviolável. Sabendo disso, já na igreja, Teresa dirigiu-se à sogra e não fez por menos: “Mami, você doaria aquele milhão pro IBDD?” Isolde disse que sim, que ela procurasse Carlos, o Quico, irmão de Marcio. “Está louca?”, foi a reação dele. Teresa foi descendo: 800 mil? 500 mil? 400 mil? Quando chegou nos 250 mil, o “não” de Quico virou “sim”. Com esse dinheiro foi possível manter o IBDD por três anos.

ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.



Em 2001, conta bancária a zero, Luiz e os demais funcionários tendo de ser demitidos por não haver como pagá-los, Teresa foi procurada pela Ashoka, fundação envolvida na busca de soluções para problemas sociais no mundo inteiro. Criada por Bill Drayton, ex-assessor do presidente Jimmy Carter, a fundação passava a investir em líderes de perfil empreendedor, com posições éticas e idéias inovadoras (como o economista indiano Muhammad Yunus, que, bolsista da Ashoka, ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 2006). Teresa foi convocada para entrevistas de avaliação. A primeira pergunta feita a Teresa já era esperada: como vinha mantendo o IBDD? E ela: “Com o dinheiro de minha sogra”. A entrevistadora, Mônica, também brasileira, ergueu-se: “Pelo amor de Deus, não diga isso a ninguém. Pode desacreditar o seu projeto. Vão pensar que você é uma dondoca que depende da sogra e que não tem mérito algum para conquistar seu espaço financeiro”. Teresa discordou. Tanto que, na segunda entrevista, agora com um americano, deu a mesma resposta. Causa, talvez, da demora na aprovação da bolsa pela Ashoka e de esta só a conceder em caráter experimental.



O importante é que o IBDD recobrava o fôlego. Luiz era recontratado, com o psicólogo Roberto Pinto e Marco Aurélio Oliveira. Eles e João Carlos Farias da Rocha, Alexandre Gaschi, Ana Paula Massa Ramos, uma pequena equipe, puseram-se a trabalhar em projetos vários, o primeiro dos quais a desinstitucionalização de uma clínica na Muda. Criada para atendimento de deficientes em reabilitação e por muito tempo mantida com dinheiro do Governo, agora estava falida. Um quadro sinistro: entre 50 e 60 deficientes, pobres e abandonados, que se arrastavam aos gritos por uma casa que o Juizado decidira interditar. Mas interditar como? O que fazer daquelas pessoas?

A equipe trabalhou. E a fundação municipal encarregada de manter a clínica, que se negava a pôr dinheiro naquilo em que não acreditava, o IBDD reagiu com firmeza: só trabalharia ali em seus próprios termos. Isto é, com apoio financeiro para manter a instituição funcionando bem até achar lugar onde cada um dos deficientes tivesse tratamento adequado. Uma firmeza corajosa, pois a pequena equipe precisava muito daquele primeiro contrato. E o IBDD não foi contratado.

– Para mim o Estado acabara de acabar – afirma Teresa.



ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeli
insectat ossifragi.

As coisas iam acontecendo. Ádria Rocha Santos, a grande corredora cega do Brasil, e Antônio Tenório, campeoníssimo do judô entre cegos, foram os primeiros paratletas que o IBDD apoiou. Teresa e Luiz estavam juntos na forma de ver o esporte como importante componente do tripé. Que ao menos os dois, Ádria e Tenório, tivessem o que faltara à maioria dos nossos representantes em Atlanta. Cada vez ficava mais nítida a impossibilidade de ajuda oficial nesse tipo de iniciativa. Um exemplo: Teresa cansou-se de pedir a Gilberto Carvalho, então secretário da prefeitura de Santo André, e hoje secretário particular do presidente Lula, que conseguisse trabalho para Tenório como professor de judô em Santo André. Nada.

A quatro meses dos Jogos Paraolímpicos de 2000 o dinheiro encurtou. Como e onde conseguir recursos para que Ádria e Tenório fossem lutar por medalhas em Sydney? Foi o contador do IBDD, Sérgio Arthur Ribeiro da Silva, que comentou com Teresa sobre a admiração que outro cliente seu tinha pelo trabalho dela. O cliente era ninguém menos que Leonardo, craque da seleção brasileira, então jogando pelo Milan da Itália. Teresa pediu a Sérgio que os apresentasse. No dia em que Leonardo telefonou de Milão para o IBDD, foi um alvoroço na sede. O contingente feminino, incluindo Catarina, formou um belo e empolgado time de fãs do jogador. O telefonema durou quase uma hora, ao fim do quê, muito pelo mesmo coração nobre que o fizera criar com Rai a Fundação Gol de Letra (o esporte como incentivo à educação), mas muito também por aquele nosso já conhecido charme, o cidadão brasileiro Leonardo Nascimento de Araújo bancou do próprio bolso o treinamento, a orientação técnica, a alimentação, que permitiram a Tenório e Ádria ganharem suas medalhas de ouro em Sydney, ele uma no judô e ela duas no atletismo.

ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeli
insectat ossifragi. Quadrupel
incredibiliter

ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeli
insectat ossifragi. Quadrupel
incredibiliter

28.29

Sempre vencendo o desafio de não saber o que pode fazer no dia seguinte, o IBDD ia-se tornando uma realidade, um fato irreversível. Mais ainda no dia em que Getúlio Carvalho, amigo que Teresa fizera nos tempos de Brasília, informou-a de que a Fundação Vitae, em Liechtenstein, associara-se à Avina, da Suíça, para um projeto conjunto. O presidente da Vitae pediu a Carvalho para indicar um líder social que os ajudasse a implantar o projeto no Brasil. Carvalho indicou Teresa. Mas havia um problema, dos grandes: a Vitae e a Avina só liberariam recursos se o IBDD tivesse sede própria.

É quando entra na história Pedro Parente, secretário de Orçamento de Sarney, outro de quem Teresa ficara amiga em Brasília, e que agora era o ministro da Casa Civil do presidente Fernando Henrique. Foi nesse cargo que Teresa o procurou atrás de alguma estatal que a ajudasse na aquisição da sede. Parente prometeu ajudá-la. É possível até que tenha esquecido, pois, num reencontro com Teresa, estranhou que ela ainda não tivesse resolvido o problema. Mas, depois de uma semana de férias, em que leu, emocionado, o livro *Odylo Costa, filho – O homem com uma casa no coração*, de Cecília Costa, Parente conseguiu junto à Petrobras os 300 mil (260 mil para a sede e 40 mil para as adaptações) que transportaram o IBDD da sala alugada ao lado da igreja aos dois andares na Rua Arthur Bernardes, no Catete. Sinal livre para Vitae e Avina passarem.



O IBDD, hoje, tem situação financeira estável, conta com várias parcerias, já tem um fundo de reserva que lhe permite pensar em nova sede, maior, mais funcional. E pode celebrar o fato de inserir incontáveis deficientes no mercado de trabalho, de preparar outros tantos para a vida, de manter um pequeno exército de advogados, estudiosos e líderes atentos às questões legais, discutindo ou mesmo tentando modificar leis inadequadas, e, finalmente, complementando o tripé, de patrocinar 40 bravos paratletas.

- Temos que tocar a vida dessas pessoas - persevera Teresa. - Se não for para isso, de nada adianta o IBDD. Se a mão do Estado não protege a pessoa com deficiência, nós é que temos que fazer alguma coisa por ela. Antes eu achava que o IBDD tinha que mudar a vida do deficiente. Uma ousadia, uma pretensão descabida. Quem somos nós para mudarmos a vida de alguém. Nem sei se essas pessoas querem mudar suas vidas. Nesses oito anos, aprendi que não é assim. Só quero que as que nos procurarem saibam que têm aqui uma mão amiga para ajudá-las.

É claro que Teresa deve muito ao marido a alegria de poder realizar a obra que assumiu ao criar o IBDD. Reconhece nele - com toda a franqueza e nenhuma gota de sentimentalismo - o parceiro sem o qual tudo seria mais difícil. Algo assim, acrescentamos nós, como o grande homem que deveria estar por trás de toda grande mulher (por que só se usar ao contrário o velho lugar-comum?). No caso desse casal atípico, o reconhecimento de Teresa tem contrapartida na admiração de Marcio. Percebida não só no olhar dele, enquanto ela fala, mas também nas flores que ele lhe leva quando jantam fora sem nada para comemorar.

Marcio é homem inteligente, sensível, de fala serena e ponderada, que preside o IBDD no impedimento legal de Teresa (ocupante de cargo executivo de uma ONG não pode presidi-la). É sincero mas excessivamente modesto quanto ao seu papel, atribuindo ao casamento a proximidade com os movimentos das pessoas com deficiência. Professor de filosofia, psicanalista, advogado, é o pensador da casa. Um ser que Teresa define como reflexivo, em oposição a ela, ativa. Oposição talvez não seja a palavra certa, já que, em lugar de se oporem, eles se completam, ajustam suas diferenças.

- O que faço aqui - esclarece Marcio - é levar uma palavra de conscientização a empresas que nos consultam. Transmito a elas meus pensamentos, minhas idéias sobre deficiência, igualdade, diferença. Falo de reivindicação, de exclusão, de não se condenar o deficiente a guetos, em se lutar pelo respeito, pelo direito à diferença, na medida que, lutando-se por esse direito, luta-se pela igualdade.

ACIHA Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtis. Pompell
insectat ossifragi.

ACIHA Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtis. Pompell
insectat ossifragi.

Marcio realmente acredita que, para Teresa, o IBDD é missão de vida. Pouco importa que ela não concorde. É uma condição existencialmente distinta da sua, ele que na verdade nunca se considerou um verdadeiro apóstolo da causa. Confessa, porém, que duas memórias afetivas formam tanto o tênue fio que o aproxima do deficiente quanto o nó cego que o fez apoiar a mulher em tudo. A primeira memória é quando leu *A menina que tinha o nome de minha mãe*, texto que Odylo Costa, filho dedicou a Maria Aurora depois que ela partiu:

"Assim ela viveu sua frágil vida, e tudo foi natural em nosso sofrimento sem remédio. Os amigos entravam, pousavam a mão em seus cabelos, e ela sorria largo, estendia para as faces que conhecia e onde havia amor o longo braço, a magra mão comprida, os finos dedos mal comandados. E desse gesto ficava no ar uma semente que se colhia sem tristeza."

Ainda hoje Marcio é tomado pela emoção quando relê as palavras do sogro. Não conheceu Maria Aurora, mas é quase como se tivesse conhecido. Já a segunda memória, a de Felipe, esta é mais presente, mais intensa. Vem da perda do menino querido com quem Marcio conviveu.

- Tenho poemas meus dedicados a Maria Aurora, muito inspirados nos pais que Odylo e Nazareth souberam ser. Felipe, guardo-o no coração, com saudade, com amor.





JOÃO MÁXIMO. NO TRIUNFO DO ESPÍRITO, O ESPÍRITO DO TRIUNFO.

ENGANA-SE QUEM PENSA ESTAR EXALTANDO UM PARATLETA AO DIZER QUE JÁ É UMA VITÓRIA O SIMPLES FATO DE PODER COMPETIR NO JUDÔ, NA NATAÇÃO, NO ATLETISMO OU EM QUALQUER DAS MODALIDADES DE ESPORTE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. NAS MALHAS DESSE ENGANO PODE CAIR ATÉ QUEM, COM QUASE MEIO SÉCULO DE EXPERIÊNCIA NO ESPORTE OLÍMPICO, NÃO TEM NENHUMA NO PARAOLÍMPICO. PORQUE A PRIMEIRA SURPRESA QUE SE PODE TER AO CONHECER UM DESSES HERÓIS SEM LIMITES É JUSTAMENTE APRENDER QUE, NO SEU DICIONÁRIO, OU NO SEU MODO DE ENFRENTAR A VIDA, *COMPETIR* E *VENCER* NÃO SÃO SINÔNIMOS. NÃO SE APLICA A ELE A VELHA, IDEALÍSTICA, MAS DISCUTÍVEL MÁXIMA DO BARÃO FRANCÊS CRIADOR DOS JOGOS OLÍMPICOS DA ERA MODERNA, PRINCIPALMENTE O TRECHO ONDE ESTÁ DITO QUE O IMPORTANTE NA VIDA NÃO É O TRIUNFO, MAS O ESFORÇO PARA ALCANÇÁ-LO. UM PARATLETA CONSCIENTE SABE QUE ESSE ESFORÇO NÃO PASSA DE UM MEIO PARA CHEGAR AO ÚNICO FIM QUE REALMENTE LHE IMPORTA: O TRIUNFO.

É o que se sente em cada canto do prédio onde funciona o IBDD. A começar pelo corredor de entrada, em cujas paredes estão afixados dizeres que defendem os direitos de *ser* e a importância de *vencer*. Num deles, o deficiente – ou, por que não? qualquer pessoa – é conclamado a bater-se pelo direito de *ser*... humano, integrado, cidadão, competente, competitivo, eficiente, participativo, criativo, profissional, completo, único, indispensável. Em outros dizeres, ele é instado a vencer... a culpa, a apatia, o desalento, o conformismo, o preconceito, as dificuldades, os desafios, o desconhecimento, a exclusão, a diferença, a concorrência, os limites. Vencer, enfim, na vida.

O lema dos Jogos Paraolímpicos de Atlanta, em 1996, ressaltava “o triunfo do espírito humano”. Pois no IBDD a inversão cabe perfeitamente. É o espírito do triunfo – o vencer acima do apenas competir – que prevalece entre seus atletas. Todos eles têm na ponta da língua uma palavra que contrarie a ingênua crença de quem pensar o contrário. Antônio Tenório, por exemplo, não deve ao acaso ou a golpes de sorte sua coleção de medalhas de ouro no judô para cegos. Trabalho, determinação, suor, compenetração e, mais que tudo, vontade de vencer, estes são os seus atributos. Orgulha-se deles. E permite-se um gracejo ao dar sua versão paraolímpica para a máxima do barão francês:

– O importante é competir, sim, mas, se não ganhar medalha, entra na porrada.

Luiz Cláudio Pereira, atual assessor de Teresa Costa d'Amaral, superintendente do IBDD, e na linha de frente do movimento pela transformação da legislação que trata dos direitos das pessoas com deficiência, diz o mesmo com outras palavras:

– Vencer é de fato essencial. Veja o exemplo da natação. É um esporte para o qual são necessários braços e pernas e, no entanto, uma vítima da talidomida, contando apenas com os movimentos do tronco, bate o recorde mundial. Se fosse só para cair na água e provar que pode nadar, a vitória seria somente dele. Contudo, indo além, conquistando uma medalha, a vitória passa a ter significado maior para todos os paratletas. Prova a todos nós, prova a cada um de nós e prova aos não-deficientes que nossos limites são infinitos. A vitória não pode ser vista como o feito de apenas um. Quando o resultado é registrado, quando é afixado no placar, quando vai para o livro de recordes, vira História. E tem valor tão coletivo quanto individual. Por isso temos que nos imbuir do espírito do triunfo, pois este, o triunfo, é o único resultado que não será esquecido.

Luiz é um líder. Mais que líder, um símbolo. Mais que símbolo, dos raros seres humanos que transformaram em lição de vida a incrível experiência de ter passado por todas, rigorosamente todas as etapas de nossa história: o jovem pobre que por milagre tem acesso ao elitizado mundo do judô, o promissor faixa marrom, o acidente, a sobrevivência, os dois anos de recuperação num hospital, o lento processo de compreensão, conscientização, aceitação e superação da tetraplegia, a coragem de voltar ao esporte, o campeão, as medalhas de ouro paraolímpicas, o depois dedicado a lutar não só por si mesmo, mas pelos 18 milhões de deficientes do país. Para que, readquirindo os direitos que a fatalidade lhes roubou, cada um deles conquiste seu espaço, sua inclusão social, sua cidadania, sua vida. Em resumo, triunfo.

Líder, símbolo, homem raro. Que acredita ter tirado pelo menos alguma coisa de positivo de cada tropeço eventualmente sofrido, incluindo o acidente. É difícil saber se Luiz já nasceu corajoso ou se a coragem é algo que adquiriu repensando a vida em seus 30 anos em cadeira de rodas. Quem o viu em Brasília, duelando de peito aberto com os deputados que pretendem criar um estatuto para a pessoa com deficiência, garante que a coragem já veio ao mundo com ele. Mas não há dúvida de que ela cresce à medida que ameaças como aquela (a de um estatuto para converter cada pessoa com deficiência num "cidadão diferente") exijam dele coragem em dobro.

Aos 16 anos, bastava-lhe a coragem para entrar no tatame e desafiar os melhores judocas da categoria. Com algum custo, e muito pelo talento que revelara assim que abraçou o judô, pôde freqüentar de graça uma academia onde aprendeu o suficiente para aspirar à faixa preta. Até que, no dia 29 de dezembro de 1977, perdeu para o infortúnio sua última luta: ao jogar para o alto o pesado adversário, este rodou e caiu sobre seu pescoço. O traumatismo raquimedular com coágulo sanguíneo pode ter sido agravado durante o primeiro socorro, quando a inabilidade de quem o atendeu forçou-o a um indesejado movimento de cabeça. Diagnóstico: tetraplegia. Prognóstico: uma vida vegetativa. Os médicos sequer acreditavam que voltasse a sentar-se. Sem equilíbrio, braços e pernas paralisados, cabeça e pescoço não se fixando, só conseguia mover os olhos. Enfim, aos 16 anos, triste perspectiva de vida.

Por dois anos Luiz ficou internado no centro de recuperação da ABBR. Por maior que tenha sido a ajuda ali recebida, de médicos, enfermeiros e fisioterapeutas, a nova vida que conquistou deve-se principalmente a ele mesmo.

– Uma vida em cadeira de rodas – realça.



Deve-se a ele mesmo porque a luta que venceu é a do tetraplégico que se convence da necessidade de reconstruir seu mundo interior – psicológica e emocionalmente – ao mesmo tempo que remedia o corpo. Luiz não seria o homem que é se, enquanto trabalhasse a recuperação física, lenta, difícil, exigindo-lhe uma dedicação que tangencia o sacrifício, não cumprisse as não menos árduas etapas de reedificação da mente e da alma: compreender como foi o acidente, saber da extensão da lesão, ter consciência de que nunca mais seria o mesmo, inteirar-se de como a sociedade poderá tratá-lo, aceitar essa condição sem revolta e acreditar que há sempre um modo de recomeçar.

– Percebi que, se ficasse resmungando, me lamentando, me queixando da sorte, não iria muito longe – observa Luiz. – Já que tinha de viver numa cadeira de rodas, que essa vida fosse a melhor possível. Por isso, terminado meu período de reabilitação, voltei ao esporte. Se aos 16 anos eu fora impedido de ser um atleta, por que não ser um atleta aos 18?

ABAIXO Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.

36.37



O judô, definitivamente, estava fora de questão: não há prática de defesa pessoal em cadeira de rodas. Mas havia o atletismo. Partiu da treinadora Sandra Peres a idéia de inverter em Luiz os termos do emprego da força em esportes tão diferentes como o judô e o atletismo. No primeiro, a ação é feita no ponto de equilíbrio do adversário, pegando-o em cima e projetando-o para baixo. Nas provas de arremesso ou lançamento, dá-se o contrário: a força é empregada de baixo para cima. Assim, o que era um recurso errado no judô, passava a ser um trunfo no atletismo. Convencido disso, Luiz começou a trabalhar com Sandra nas provas de disco, peso e dardo. De início, com dificuldade.

– A discriminação ainda era muito grande – diz Luiz ao lembrar como era o paradesporto na década de 80.
– A gente só faz esporte hoje por uma decisão política do passado. As pessoas geralmente achavam, e muitas ainda acham, que o deficiente não tem potencial para ser atleta. Éramos os coitadinhos. Pode acreditar que foi para mudar esse quadro que começamos a praticar esporte.

É a essência do espírito do triunfo. Transformando-se de coitadinho em campeão, o deficiente passou a mostrar, inclusive fora do país, que seus limites não iam só até ali. Mais importante: Luiz não tem qualquer dúvida quanto ao fato de ser o esporte a única forma de manter o que conquistou com a reabilitação. Em 1982, quatro anos após o acidente, ele já integrava a equipe brasileira no Campeonato Parapan-americano, em Halifax, Canadá. Uma equipe de 14 pessoas, sem agasalho, ameaçada de só levar camiseta para enfrentar o frio do lugar. Não fosse uma cotização entre os simpatizantes, não se teria uniforme para os atletas. Mais uma colaboração, aqui e ali, e conseguiu-se bordar o nome do Brasil no uniforme. Ajuda oficial? Nenhuma. Apesar disso, 28 medalhas foram ganhas pelos brasileiros em Halifax, média de duas por atleta. Luiz garante que brotou ali sua fé no esporte como instrumento de afirmação do deficiente, ponto de partida para alcances maiores: a aceitação, a educação, a inclusão, a profissionalização, a discussão, a legislação, o ser cidadão.

– Ganhei nova vida, mas não uma vida fácil – pondera. – Uma vida de sacrifício, de desafios constantes, de muita responsabilidade, pois é o que o esporte nos exige. Pensava assim: ganhei, com essa nova vida, um presente, agora é preciso valorizar, administrar, preservar esse presente. Nunca mais me afastei do esporte.



Por dez anos Luiz competiu, no Brasil e no exterior. Ganhou nove medalhas paraolímpicas, seis de ouro e três de prata, e muitas outras, internacionais, de lançamentos, arremessos e pentatlo. Estabeleceu em Barcelona novo recorde mundial do lançamento de peso (9,03 metros), marca que lhe daria medalha de prata em Atenas. Só que aquela, a de 1992, seria sua última Paraolimpíada. Sentindo que já era tempo, aposentou-se. Da prática do atletismo, evidentemente, mas não do paradesporto: “Já que vim tão bem até aqui, competindo, tenho que continuar indo bem, lá fora”, foi seu raciocínio ao guardar pesos e dardos de campeão. A psicologia, em que se formou em 1999, ajudou-o bastante na fase em que o campeão deu lugar ao dirigente. Em tempo: dirigente, no presente contexto, não deve ser confundido com o dirigente esportivo tradicional, o chamado *cartola*, que é o oposto do cidadão que efetivamente dirige, pensa, constrói, trabalha, edifica, dá exemplo, lidera. Numa palavra: Luiz. Sobre quem ainda há mais a falar adiante.

Matias Costa, substituto de Luiz como coordenador de esportes do IBDD, é outro que defende e prega o espírito do triunfo. Sabe que nada se deve cobrar de um paratleta se, por algum motivo, a medalha não é alcançada, mas tudo se deve exigir dele para que as chances de um resultado desapontador sejam mínimas. Não sendo um deficiente, Matias pensa e sente como os paratletas que coordena: conquistar um lugar no esporte, de preferência com uma medalha, é conquistar um lugar na vida. Muito desse modo de pensar e sentir pode lhe ter sido passado por seu antecessor. Como já vimos, Luiz é deficiente com espírito de vencedor: “Ele é o meu herói”, diz Teresa Costa d’Amaral ao passar por Luiz durante uma entrevista. O mesmo poderá dizer de Matias, sobrinho que ela importou da Áustria.

ABAIXO Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.

O heroísmo de Matias tem outro contorno. Não é tão aparente e decerto confunde-se com a perplexidade dos que, vendo-o tão jovem, tão ativo, tão cheio de energia, tão inteligente, com capacidade para fazer o que bem entendesse, preferir, e até sentir-se realizado, por abraçar como sua uma causa que atinge 18 milhões de brasileiros.

Matias nasceu em Viena, filho de Clarissa e Isaias, este irmão mais moço de Teresa. O avô paterno, já sabemos, foi jornalista, romancista, poeta, acadêmico, político, homem importante. O materno, pianista. O menino morou algum tempo no Brasil (que adora) e outro tanto nos Estados Unidos (que detesta), antes de concluir o ensino médio em sua cidade natal. Nunca quis seguir carreira acadêmica. Enquanto se preparava para entrar na área de turismo e de agenciamento de vôos, fez esporte (que também adora). No futebol, é torcedor fanático do Rapid, clube principal da Áustria. No basquete, armador de uma seleção de novos de Viena, com a qual foi campeão, e depois professor, com curso e diploma para treinar equipes semiprofissionais.



ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.

– Essa história eu precisava conhecer de perto.

Vale a pena assistir a um treino de futebol de sete no Aterro do Flamengo. Não só pelo que conseguem realizar os 14 craques em campo, paralisados cerebrais que encontraram no esporte muito mais do que simples lazer. O empenho, o entusiasmo e até mesmo a alegria com que eles brigam pela bola é contagiante. Decorre disso sua interação com o público já cativo que eles vêm conquistando há seis anos, todas as segundas, quartas e sextas-feiras, das 7h30m às 9h30m. Também eles são heróis.

Campeões do mundo? Ainda não. Em Sydney conquistamos a medalha de bronze, a primeira em esporte coletivo. A melhor colocação brasileira numa Paraolimpíada foi o segundo lugar em Atenas. Mas quem os vê treinando ou jogando aposta que o melhor ainda está por vir. Do time do IBBD, campeão brasileiro de 2003 e depois disso rondando as terceiras colocações, somente um jogador foi convocado para a seleção brasileira dirigida pelo técnico Paulinho Cruz, o mesmo do IBDD: José Carlos Monteiro, o Zeca, um temível goleador. Mas, se alguém duvida do que os demais podem fazer em campo, o passe, o drible, a defesa, o gol, é só ir ao Aterro do Flamengo e reforçar o coro da torcida.



ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.

Numa de suas viagens de férias à Europa, com escala obrigatória para visitar o irmão, Teresa ficou impressionada com o amor de Matias pelo Brasil e pelo entusiasmo com que falava de futebol, basquete, educação física, tudo. Já estava pensando em promover Luiz a seu assessor, tirando-o da coordenação de esporte. Agora, no sobrinho que se dizia “doido para voltar ao Brasil”, via o possível substituto. No fundo, no fundo, um palpite, um tiro no escuro.

– Tudo que eu sabia de paradesporto era o que via na televisão e o que Teresa me contava – diz. – Depois de uma ida ao Brasil e uma volta a Viena, demiti-me do emprego lá, fiz as malas e vim. Cheguei aqui no finzinho de 2003.

Chegou falando um português muito longe do idioma e da pronúncia com que hoje, clara e articuladamente (e sempre empolgado), fala do esporte e do IBDD. Mas, se Teresa está convencida de que aquelas duas paixões – o esporte e o Brasil – foram o bastante para convencer Matias a vir para o Brasil, ele próprio faz questão de acrescentar um terceiro fator, tão ou mais determinante, que traduz bem seu temperamento, sua sensibilidade e, na definição da tia, “sua alma pura, sem preconceitos”. Este terceiro fator é a história de Ricardo José Barbosa, o Ricardo Manguiera, zagueiro do time de futebol de sete do IBDD. Não a história sobre como Ricardo descobriu-se com paralisia cerebral, a ser contada mais à frente, quando voltarmos a falar de Luiz, mas outra história, romântica, inspiradora, do jovem deficiente que se apaixona por moça pobre, abandonada em criança num orfanato, e decide tirá-la de lá. Como? Trabalhando para comprar terreno, construir casa, casar-se com ela e juntos tocarem a vida.

Paulinho, como tantos não-deficientes, tornou-se parte de nossa história por obra do acaso. Já formado em educação física pela UERJ, tinha dois empregos que o obrigavam a uma ginástica extra todo dia, numa academia no Centro e numa escola em Nova Iguaçu. Quando lhe ofereceram um lugar na ABBR, para trabalhar com deficientes mentais, disse a si mesmo: “Pra sair de Nova Iguaçu, trabalho até com deficiente”. Nem imaginava que estava ganhando um prêmio.

Sim, porque a experiência lhe seria tão enobrecedora que nunca mais pensaria em outro tipo de trabalho. Conheceu a treinadora Sandra Peres, na época desenvolvendo um projeto na UERJ, que o apresentou ao futsal de amputados. E também José Gomes Blanco, um cadeirante vítima de assalto, presidente da Sociedade dos Amigos do Deficiente Físico (SADEF), a quem deve ter chegado ao futebol – de amputados e de paralisados cerebrais – este, dos dois, o único oficial.

– Tive, como todo mundo, um choque inicial com um esporte que só então conhecia – admite Paulinho. – No primeiro treino, quase entrei em pânico. Como fazer, como dirigir, com passar instruções, como tratar aqueles jovens? Depois, porém, senti que alguma coisa me impulsionava para me fazer cada vez mais envolvido com aquele mundo. Hoje, acho que foi a melhor coisa que fiz na vida.

Em 1995, Paulinho já era técnico da seleção brasileira de amputados, então regida pela Associação Nacional de Deficientes (ANDE). Foi surpreendido no primeiro campeonato, disputado em Moscou, pois preparara sua equipe para atuar com 11 jogadores e lá já se praticava o futebol de sete. Na volta, optou pelos paralisados cerebrais, levando o time da SADEF a sagrar-se campeão brasileiro. Como tal, começou a trabalhar com vistas a Atlanta. Desavisado, deu uma entrevista à televisão com o boné que a SADEF distribuía de brinde aos integrantes de sua equipe, o que era proibido pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB). Tão revoltado ficou o presidente do CPB, que afastou Paulinho do comando da seleção. Mas ele viajou assim mesmo, com passagem e credencial do CPB conseguidas por Teresa.

– Vim para o IBDD com toda a turma da SADEF – diz Paulinho. – Aqui, encontrei melhores condições de trabalho, inclusive deixando de ser um faz-tudo para ter a ajuda do preparador físico Marcel Henriques Maciel e da fisioterapeuta Marcia Fernandes, meus colaboradores também na seleção.

Para Paulinho, seu trabalho com “os meninos do futebol” é, antes de tudo, uma fantástica experiência humana:



– Dificuldade de dirigir este time? Nenhuma. Amo tanto o que faço que as coisas se tornam mais fáceis. Como treinador dos jogadores do IBDD, não tem essa de ser “o técnico da seleção”. Isso não me sobe à cabeça. O astral entre nós é alto, uma alegria só, uma zorra, eles me gozando quando o Fluminense perde e eu fazendo o mesmo com os que torcem por outro time. Há, entre nós, uma grande amizade. Mesmo quando dou bronca, quando expulso do treino um mais explosivo, a harmonia não se quebra. Não posso imaginar trabalho melhor.

O futebol sempre foi uma das prioridades do IBDD. Desde que a parte esportiva funcionava no Boqueirão, clube alugado para que ali se praticassem 12 modalidades, entre as quais futebol, natação, basquete em cadeira de rodas, halterofilismo, tênis de mesa e xadrez. De 2001 até a chegada de Matias ao Rio, o número aumentou de 15 para 65 praticantes de esporte, deste para 300, 400 e finalmente 500, num programa então social, de lazer, não competitivo.

– Àquela altura, o IBDD passava a dar ênfase ao esporte de alto rendimento – diz Matias. – Não era possível preparar 500 atletas para se tornarem campeões. Não era isso que a gente queria. Decidimos sair do Boqueirão, onde estávamos tendo inúmeros problemas administrativos, um deles de alugarem nossos horários para outros. Fomos para o Aterro do Flamengo, começando a interagir com a sociedade. Ficamos um ano trabalhando ali, que é o maior espaço ao ar livre de esporte e lazer das Américas.

Mas só em 2005 o IBDD bateu na mesa e decidiu em definitivo pelo paradesporto de alto rendimento.

– Tenório e Ádria já estavam sendo patrocinados por nós, ela com três medalhas ganhas em Sydney, depois do quê nos abandonou. No Aterro, jogávamos futebol no campo, judô sob as árvores, basquete em cadeira de rodas, vôlei sentado. Montamos tendas para a criançada assistir. Organizamos festas, comemoramos datas, nos juntamos com os surdos para que eles fizessem seu campeonato de futebol, mas, naquele ano, achamos que devíamos nos restringir a poucas modalidades: futebol para paralisados cerebrais, judô para cegos (Tenório e Eduardo Paes), Natação (André Brasil e Caco) e dança em cadeira de rodas, que o Comitê Paraolímpico Internacional ainda não reconhece como competitiva.

Dança e bocha são as atividades mais novas no IBDD. É nelas que se encontra um delicado contingente feminino.

Viviane Macedo acompanha o IBDD desde 2004, quando se destacou no grupo de dança em cadeira de rodas. Credenciada pelo CPB, exibiu-se em Sydney. Em 2006, sagrou-se campeã brasileira, na categoria estreante, depois do quê foi convidada, com o parceiro Valdeci Clemente e o professor Érico Ferreira, a integrar a equipe do IBDD.

A bocha tem nos técnicos Erinaldo Pit Chagas e Hanna Kwitko pacientes mestres a dedicar horas e horas ao ensinamento de atletas como Evelyn Spangenberg e Izabel Cavalcante Silva. As duas ainda não estão prontas a participar de competições oficiais, mas é questão de tempo. Uma terceira jogadora de bocha, Samara Ayres da Matta, Matias descobriu por acaso: é filha da apontadora de bicho que faz ponto na esquina da Artur Bernardes. A menina, que Matias trata como “Princesinha”, tão valdosamente enfeitada ela aparece para treinar, tem paralisia cerebral severa. Mora no morro, convive com poucas pessoas além da família, nunca foi à escola, fala com dificuldade, são desordenados os seus movimentos de mão. Será que pode jogar bocha? Pode, garantem, com confiança, Hanna e Matias.

– Durante seu primeiro jogo, Samara não soltava a bola que deveria aproximar da outra – conta Matias. – A gente torcia por ela gritando “Vai, Samara! Solta a bola, Samara!”, e ela, morrendo de rir da nossa torcida, não soltava a bola. Mas foi emocionante: perdeu o jogo por apenas dois pontos.

ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
Insectat ossifragi.

A bocha é parte do IBDD desde 2007. Um ano antes, montou-se uma tenda gigante (115 por 75 metros) na praia de Copacabana. Refrigerada, com todo conforto, para abrigar 220 atletas em cadeira de rodas. Esses atletas passaram a gozar de uma independência que não conheciam, podiam sair quando quisessem, ir até a areia, voltar ao hotel, tudo tão por conta própria quanto possível. Duas mil pessoas por dia iam ali vê-los jogar bocha.

– A melhor coisa que já fiz no paradesporto – acredita Matias. – Fiquei tão feliz que trouxe a bocha para o IBDD.

Se dependesse dele, outras modalidades seriam logo acrescentadas às do programa que coordena. O goalball, por exemplo. Ou o vôlei sentado. Ou o basquete em cadeira de rodas. Embora sabendo ser esta uma prática extremamente cara, as cadeiras especiais requerendo alto investimento, ele tem esperança de que ainda vai formar um bom time no IBDD. Tiro esportivo é outra de suas reivindicações à Teresa, mas, ao que parece, sem chance de vingar. A superintendente quer distância de tudo que sugira violência. O que explica sua resistência a outra idéia fixa do sobrinho: o rugby em cadeira de rodas. Por ser Matias fissurado em todos os esportes, a ponto de ver incríveis emoções até na bocha, pode parecer que seu entusiasmo pelo futebol de bola oval – que na modalidade para tetraplégicos é redonda – seja apenas mais um. Mas não é. O rugby talvez seja paixão maior.



– O jogo entre deficientes é sensacional – garante Matias – É disputado em cadeiras próprias, blindadas, que permitem o choque entre os jogadores. Como no corpo a corpo do rugby tradicional.

Outro dia, voltando de uma festa com Teresa e Marcio, já meio incentivado por uns goles a mais, Matias tomou coragem e voltou a insistir na implantação do rugby no IBDD. Teresa, tranqüila, tentou encerrar assunto:

– Se quiser, faça isso sozinho.

E Matias, ainda encorajado pelos efeitos da festa:

– Ótimo. Só assim vou fazer alguma coisa na vida... sem Teresa Amaral!

Outra personagem feminina a enfeitar de alegria os dias do IBDD é a fisioterapeuta Marcia Cristina Moura Fernandes. Alegria com que ela – convivendo com os paratletas e respirando o ar de otimismo que paira entre as paredes do IBDD – mudou a própria vida.

Marcia formou-se em 1998, começou a trabalhar com esporte em 1999 e concluiu sua pós-graduação em 2002. Mas nada aconteceu tão depressa quanto parece. Trabalhava na administração do curso de fisioterapia da Gama Filho quando o professor Nilton Gomes a convidou para integrar uma delegação esportiva da Associação de Paralisia Cerebral do Brasil. Aceitou. Não foi seu primeiro contato com deficientes (já estagiara em centro de recuperação de crianças com problemas neurológicos), mas foi seu batismo num mundo para ela desconhecido.

– Eu nem sabia que deficiente praticava esporte – confessa. – Fiquei impressionada ao ver um paralisado cerebral comunicar-se com o pai pelos olhos, mais até do que com a habilidade daqueles rapazes no futebol.

Até então, Marcia era uma moça muito diferente. Tinha medo de tudo, sem confiança em si mesma, incapaz de dirigir carros, passando por fases de depressão e até às voltas com síndromes de pânico. Auto-estima? Zero.

– Mas fiquei muito ligada ao paradesporto, embora à distância. Até que nossos atletas voltaram com 22 medalhas de Sydney e eu sugeri à Gama Filho homenageá-los no que foi o primeiro Encontro de Gigantes Paraolímpicos. Uma festa, um sucesso. Tenório foi recebido como herói, todos nós emocionados. Parecia até que era o Ayrton Senna.

Um convite de Odir de Souza, que estava sendo contratado pela CBF, abriu para Marcia a oportunidade de acompanhar como fisioterapeuta a seleção de futebol de sete que disputaria campeonato na Inglaterra. Em seguida, Paulinho Cruz levou-a para acompanhar os treinos do time do IBDD. Para começar, como estagiária encarregada apenas dos primeiros socorros. De futebol, mesmo, não entendia nada: lençol, caneta, voleio, gaveta, bate-pronto, eram-lhe termos totalmente estranhos.

42.43

Na ocasião, Marcia ainda tomava antidepressivos. E foi ainda ajudada por comprimidos que trabalhou com Paulinho no Campeonato Mundial de Esportes para Pessoas com Paralisia Cerebral. Na volta, aprimorou-se, com novos cursos, livros, contatos com outros fisioterapeutas. Foi contratada pelo IBDD como fisioterapeuta. Ai, sim, começou a se tornar uma vencedora.

– Quando vi deficientes sendo capazes de tudo, cego andando sozinho pelas ruas de Nottingham, paralisado jogando futebol, amputado correndo, outros nadando, convenci-me de que já não tinha direito de ter medo. Antes, eu reclamava até de meus cabelos enrolados. Com que direito?

Atenas teve papel de divisor de águas definitivo entre o antes e o depois de Marcia. Foi sua primeira Paraolimpíada. Difícil, no dia da viagem, mas consagradora, na volta. O marido, Felix, e a filha de dez anos, Yasmin, deram-lhe força, apoiaram-na. Sabiam que aquela era uma realização profissional importante. Yasmin prometeu não chorar quando a mãe se fosse. Não pôde cumprir a promessa, mas acrescentou ao choro uma frase impossível de ser esquecida: “Esses atletas são tão importantes quanto eu, mãe”.

ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
Insectat ossifragi.

Os brasileiros ganharam 33 medalhas em Atenas, uma delas, de ouro, na categoria até 100 quilos, do tricampeão Antônio Tenório (ele faz mais do que brincar, falando sério, quando promete “porrada” a quem não luta para ganhar). Tenório é o ídolo de Marcia, que o considera “um iluminado”. É por isso que ela guarda com orgulho e carinho a coroa de campeão que, recebida por ele no degrau mais alto do pódio, fez questão de lhe dar.

– Não posso esquecer de Tenório tirando folhas da coroa para distribuí-las, uma a uma, entre toda a delegação. A mim, deu a coroa inteira. Foi a coisa mais linda do mundo.





abaixo Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.

– O paradesporto obedece a um conjunto de regras muito importantes, a que chamamos de classificação funcional – explica Marcia. – É um procedimento visando a dividir os paratletas por classes. É para que os que têm deficiências distintas em níveis também distintos possam competir com os outros de modo justo, em igualdade de condições. Antigamente, chegava-se às classes com base apenas na lesão. Hoje, a comissão classificadora é formada por um médico, um profissional da educação física e um fisioterapeuta, este por se ter chegado à conclusão de que, numa competição, os movimentos são o mais importante.

André, classificado na classe 10, bateu o recorde mundial dos 50 metros, nado livre, em 2005, e superou seu principal rival, o canadense Benoît Huot, no Campeonato Mundial de 2006. Mas antes disso uma comissão o reclassificara como inelegível para a natação paraolímpica. Isto é, mesmo com a poliomielite que lhe encurtara a perna esquerda, era “normal” para a natação (problema semelhante ao de Clodoaldo Silva, seis medalhas de ouro em Atenas, cuja reclassificação, passando-o da classe 4 para a 5, diminuiria em muito suas chances de novas vitórias). Mas até que essas decisões fossem reconsideradas, tanto no caso de Clodoaldo como no de André, o jovem nadador do IBDD sofreu (“Foi o dia mais triste de minha vida”, diz referindo-se a quando o consideraram inelegível). Drama que Marcia acompanhou com olhos de terapeuta e coração de torcedora.

Tenório é homem generoso. Tem lá seus ressentimentos, natural num homem que, voltando campeão de Atlanta, esperava o reconhecimento de público e dirigentes ao chegar ao Brasil. Só os parentes e alguns amigos foram recebê-lo no aeroporto. Desfile em carro de bombeiro? Chegou a pensar nisso, para logo cair na realidade. Patrocínio para continuar competindo? Não foi fácil. Houve um tempo em que, com dificuldades financeiras, praticamente sem ter o que comer, pensou em desistir de tudo. Mas tomou coragem e procurou o IBDD.

– Eu e Teresa tivemos pequeno desentendimento em Atlanta, quando, na Vila Olímpica, mudei de quarto sem consultá-la, sendo ela a chefe da delegação – conta o próprio Tenório. – Mas lá mesmo, sentados na grama, nos entendemos. Descobri nela uma criatura simples, meiga, responsável, bem intencionada. Teresa, como eu, descobriu em Atlanta que ainda havia muito a fazer pelo esporte entre deficientes. Quando voltamos, já éramos amigos.

Amizade que deu coragem a Tenório para, no meio de suas dificuldades, procurar Teresa no IBDD atrás de um patrocínio. Mesmo sendo pouco o que podiam lhe pagar, aceitou. Marcia e todos ali sabem essa história de cor. Até porque, esta hoje sorridente fisioterapeuta vive intensamente cada instante do que se passa com os atletas no IBDD. Como acompanhar de perto o drama vivido por André Brasil quando o consideraram sem condições para nadar entre pessoas com deficiência.

Por fim, registre-se que esta renascida fisioterapeuta já ganhou sua própria medalha: a de Mérito Esportivo Pan-americano, conferida a ela e a dois outros nomes do IBDD, os técnicos Paulinho Cruz e Marcel Henriques Maciel, pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, no plenário Teotônio Vilela. Seu agradecimento foi modesto e sucinto:

– Esta medalha é da minha profissão.

De volta a Luiz, ressalte-se que ele é parte do IBDD desde a primeira hora. Quer dizer, desde que Teresa o convocou para trabalhar na pequena sala ao lado da igreja de Nossa Senhora da Glória, como primeiro coordenador de esportes, quando Antônio Tenório e Ádria Rocha Santos, com quem tinha estado em Atlanta, eram os únicos atletas patrocinados. Na época, ainda trabalhava junto ao Comitê Paraolímpico Brasileiro e conhecia como poucos os problemas do paradesporto. Como atleta, tinha vivido um tempo mais difícil, de amadorismo sonhador mas inconseqüente, sem dinheiro para nada. Não existia ainda a Lei Piva que hoje destina ao paraolímpico 15 por cento dos 2 por cento que as loterias devem repassar aos esportes (a maior fatia, 85 por cento, vai para o olímpico). Nem havia patrocínios que permitissem a profissionalização de um judoca e uma corredora cegos, casos de Tenório e Ádria.

abaixo Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.

Luiz soube perfeitamente adaptar-se à nova ordem. Trabalhando no IBDD, descobriu que o esporte, além de contribuir com a recuperação do deficiente, podia ser um meio de vida para o atleta mais aplicado, ajudando-o a preparar-se para o futuro e a tornar-se um cidadão.

– Aqui encontrei todo o amparo, toda a garantia de que o amanhã existirá – diz Luiz. – E existirá para muitos. Se esse amanhã será bom, depende de nossa mobilização.

Mobilização é com ele mesmo. E em vários patamares. É tão evidente que Teresa o substituiu na coordenadoria de esporte para tê-lo mais perto, líder e símbolo valiosos, indispensáveis. Como assessor da superintendência, uma de suas tarefas é lutar para mudar o que está errado no país.

– Dentro de nossa proposta política – esclarece, – fazemos uma revolução em silêncio, aos poucos. Mudando a legislação sobre a educação inclusiva, melhorando a questão da saúde, adaptando o transporte e os prédios às nossas necessidades. A isso se some a contribuição do esporte, na qualidade da prótese e da cadeira de rodas. Antes, essas cadeiras eram pesadas, grosseiras, produzidas em fábrica de carrinho de feira. Quebrava-se um eixo por semana. Hoje, são de fibra de carbono, leves, menos de 4,5 quilos, feitas para correr. E a perna mecânica já permite ao paratleta fazer 100 metros em 11 segundos, tempo que já foi recorde olímpico de não-deficiente.

Uma revolução que dá a Luiz a certeza de que ele e seus pares estão transformando a sociedade brasileira.



ABAXO Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.

– É como eu digo: molda-se a sociedade e se é moldado por ela. Hoje, quem nos governa, não está familiarizado com as necessidades do deficiente. Coisas que, para nós, são imprescindíveis, nosso governantes vêem como supérfluas. Um exemplo grave: se uma pessoa sofre um acidente no Rio de Janeiro de hoje, não tem onde fazer boa reabilitação. Se o acidentado não se reabilita convenientemente, não é útil à sociedade. Assim, torna-se deficiente não pela lesão em si, mas pela falta de oportunidade. Sim, já temos bom sistema de transporte. As ambulâncias do Corpo de Bombeiros estão treinadas e equipadas para socorrer o acidentado e levá-lo ao hospital. Mas qual? Nenhum é especializado em lesão raquimedular. Então, muitos acidentados morrem de septicemia, de infecção generalizada causada pelas escaras, feridas agravadas pela insensibilidade tátil do paciente sem movimento (três horas é o máximo que o corpo humano resiste ficar na mesma posição). Faltam profissionais para cuidar dos imobilizados. Um drama. Por isso eu digo: deve-se dar graças a Deus enquanto se está dentro da ambulância dos bombeiros.

E a ABBR, onde Luiz ficou internado de 1978 a 1980?

– A internação de casos como o meu exige tempo longo, um, dois anos de reabilitação. Já não temos os centros especializados como os da ABBR, do Barata Ribeiro, do Oscar Clark. Hoje, no Rio, o acidentado recebe os primeiros socorros num hospital geral. Afastada a possibilidade de morte imediata, é mandado para casa. Sem ter noção do que está acontecendo com seu corpo, sem sensibilidade, sem controle esfinteriano. Como se sente quando, de repente, se vê fazendo suas necessidades como se fosse um bebê de colo? Há também a família, perdida, sem saber o que fazer, sem entender o que se passa. A fisioterapia, a terapia ocupacional de pelo menos um ano, evitariam isso. No Rio, não há a quem recorrer. No restante do Brasil, só a alguns poucos.

A conscientização da sociedade, acentua Luiz, não é muita. Até hoje sequer sabemos quantos deficientes temos no Brasil. Dados da ONU, de 15 anos atrás, partindo do cálculo de que nos países latino-americanos 10 por cento das populações eram de deficientes, falam em números próximos aos 18 milhões. O último censo do IBGE informa que o total é de 24 milhões, mais ou menos 14,5 por cento da população, o que significa dizer que temos mais deficientes do que duas vezes toda a população de Portugal. Mas até esses 24 milhões são contestáveis, uma vez que o recenseador só contabiliza o que lhe é informado. Quando pergunta se há deficiente em determinada casa, e a resposta é negativa, é esta que será anotada. Mesmo que o recenseador constate, com os próprios olhos, a presença ali de cego, cadeirante ou outro deficiente que a família, por preconceito, esconde.

– O mascaramento do deficiente tem suas conseqüências. Uma delas, o obstáculo no acesso ao mercado de trabalho. Algo mudou também aí. Antes, o deficiente negava sua condição por achar que ela lhe fechava portas. Hoje, com a reserva de vagas (lei que obriga empresas com mais de 100 funcionários a empregarem de 3 a 5 por cento de deficientes), é mais inteligente e verdadeiro o não mascaramento. Conseqüências, também, no esporte.

Luiz foi o responsável pela criação da Associação de Recuperação da Polícia Militar, primeiro no Estácio e depois em Olaria. Ao constatar que muitos policiais em cadeiras de rodas consideravam-se acabados, inúteis, sem razão para viver, alguns chegando mesmo a pensar em suicídio (uma “roleta-russa”, na expressão de Luiz), este pensou no seu próprio caso e acenou-lhes com um lugar no esporte.

– Antigamente, a maioria dos casos como o meu decorria das chamadas “paralisias infantis”. Poliomielite, falta de saneamento, pobreza, poucos recursos, tudo isso transformava essas pessoas em seres excluídos. Muitos mendigavam, outros recorriam a serviços públicos de terceira ou quarta categoria. Nossa Constituição não os reconhecia. Outro quadro que mudou. Com a poliomielite erradicada pela vacina, as mutilações ocorrem mais na construção civil, no trânsito, nos tiroteios da guerra urbana. Os acidentes já não se confinam ao ambiente de pobreza. Médicos, professores, advogados, engenheiros, todos são atingidos. Melhorou também o nível de informação. Muitas organizações já criam condições para que seus funcionários tenham atendimento adequado. Como a Polícia Militar, onde policiais, antes se sentindo ex-policiais, seres inaproveitáveis, também ganham outra vida.

O raciocínio de Luiz tem lógica colhida no próprio exemplo. Os policiais acidentados eram bons atiradores? Algum deles pilotava com destreza os carros que salam em disparada pelas ruas da cidade? Caso afirmativo, tinham tudo para se transformarem em campeões, ou de tiro esportivo ou de kart, este um tipo de corrida já adaptada ao deficiente. Pois foi assim, como atletas, que vários policiais militares competiram na Espanha nas duas modalidades, já filiados ao Comitê Paraolímpico Brasileiro.

– É pena que outras corporações ainda não tenham criado seus centros de recuperação, com ênfase no esporte – considera Luiz. – Ainda não consegui levar essa proposta à Polícia Civil, onde certamente há policiais precisando desse tipo de apoio. Ou às Forças Armadas. Sei de paraquedistas acidentados que estão na mesma situação. O desconhecimento, o não saber o que se pode fazer pelo deficiente, esconde, lá no fundo, muito de preconceito.



É decerto o mascaramento que faz com que, de dez deficientes convidados a participar de algum tipo de esporte, apenas um aceite. Luiz viveu isso muito de perto:

– Imagine uma pessoa com deficiência que não tenha consciência disso. Desinformada, sem acesso à literatura especializada, vive numa família que prefere não a ver como é, ao mesmo tempo que os de fora a olham à distância, como um pedinte, um vendedor de bala, um ser negativo na sociedade. De repente, alguém lhe diz: “Você é uma pessoa com deficiência. Gostaria de praticar esporte com outros deficientes?” A reação natural daquela pessoa é se ver como os outros a vêem. A família também resiste. Não quer aquela pessoa fazendo parte daquilo que a sociedade exclui. A razão de recebermos nove recusas de cada dez paratletas em potencial que queremos trazer para o nosso lado é que se fala muito pouco do deficiente. E, quando se fala, é de forma pejorativa.



ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.

O melhor exemplo talvez seja mesmo o de Ricardo Manguiera. Em nenhum outro o binômio “proteção primeiro, desconhecimento depois” é tão significativo. Paralisado cerebral, cresceu numa comunidade de moradores pobres que nunca deram muita importância à sua aparência, por sinal com acentuadas diferenças para os demais garotos com quem jogava bola ao pé do morro. Naturalmente, desde cedo a família percebeu essas diferenças. Sabia-o deficiente, mas o protegia, certa de que era melhor Ricardo desconhecer sua condição do que a assumir para aprender a viver com ela. Até que um dia, brincando com amigos num gravador, estranhou a voz inusitada que o aparelho reproduzia: “Quem é esse bêbado?”, indagou. Era ele mesmo, que, nunca tendo notado a dificuldade da própria fala, ficou arrasado. Chorou quando lhe explicaram que tudo aquilo, a fala, os movimentos, a aparência, era parte de séria deficiência que nascera com ele. Já tinha passado por muitos constrangimentos por lhe esconderem a verdade. Um deles, não poder defender-se do policial que, vendo-o trêmulo, claudicante, fala enrolada, passeando em região dominada pelo tráfico, pediu-lhe os documentos. “Deixa ele, seu guarda, é doentinho”, protestou alguém. E o guarda: “Doentinho, doentinho... só se for pelo pó”. Como se paralisado cerebral e drogado fossem a mesma coisa.

É pelo caminho inverso que passamos à exemplar história de Cassiano Paulsen Fernandez.

– Como prefere, Cassiano ou Cacá?

– Cacá é melhor.

– Quantos anos tem?

– Vinte... começando a vida.

É exatamente a certeza de que cada momento é um novo começar que faz de Cassiano, ou melhor, Cacá, um jovem especial. Agora mesmo ele está começando a levar mais a sério os treinos de bocha que cumpre, nas manhãs de terças e quintas, numa das salas do IBDD. As qualidades que revela logo ao primeiro encontro – a inteligência, a educação, a clareza de idéias, o português esmerado (não gosta de gírias e só de vez em quando deixa escapar uma interjeição menos elegante), além do gosto pela música e a vontade de aprender sempre mais – não o fazem mais especial do que o equilíbrio que mantém entre o pleno conhecimento do que é (“... o certo é paralisado cerebral e não paráltico cerebral, como erradamente se diz”) e do muito que ainda pode ser.

A principal diferença entre o seu caso e o de Ricardo Manguiera é mais bem explicada por ele, literalmente, em suas próprias palavras:



– Não posso reclamar de nada. Meus pais, Roberto da Rocha Miranda Fernandez e Luciana Joppert Paulsen Fernandez, sempre estiveram à frente do seu tempo. Nasci em 1986, quando os que usavam cadeira de rodas geralmente eram presos, escondidos dentro de casa. As pessoas, quando viam um de nós na rua, cochichavam, faziam comentários, sentiam pena. Os pais tinham vergonha dos filhos. Os meus, não. Desde cedo me assumiram como sou. Minha mãe conta que, quando eu tinha quatro anos, com uma aparência mais comprometida que a de hoje, uma senhora exclamou ao me ver: “Olha, ele fala!”. E por que não falaria? Quem disse a ela que eu era mudo ou coisa parecida?

ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.

Nunca será demais realçar o papel de Luciana e Roberto em toda a história. É fato que o meio em que o menino foi criado, de pessoas mais esclarecidas e com mais recursos que a família de Ricardo Manguiera, foi decisivo. Mesmo assim, mais do que “assumir” o filho, eles souberam fazer com que ele, para usar mais uma vez suas próprias palavras, “seguisse o curso normal da vida”. A fisioterapia desde cedo, a correção dos dentes, as cirurgias (uma, a osteotomia na perna esquerda, para colocação de placa com oito parafusos no fêmur, melhorando em 25 por cento o movimento giratório, e outras, nas duas pernas, de transferência de grupo muscular). Cacá explica em detalhes essas operações (“Claro, não foi a mim que operaram?”), assim como a adaptação da casa (banheiro, sala, quarto, cozinha) às suas naturais limitações. As quais, conforme ele mesmo ressalta, são menores do que muitos pensam:

– Passo sozinho da cama para a cadeira, não preciso de ajuda para fazer minha toalete matinal, tomar banho, ir ao banheiro. É sozinho, também, que vou até o guarda-roupa e escolho o que vestir. Sei que, nisso, tenho muito bom gosto. As moças que conheço dizem que me formei em moda e escondi o diploma. Naturalmente, é mais um exagero do que um elogio. O que elas querem dizer é que, me vestir bem como me visto, é mesmo uma proeza.

Da senhora que se espantou ao ouvi-lo falar até os dias de hoje, Cacá não pára de surpreender as pessoas. Como aquelas que o chamam de “estadista” ao ouvi-lo, mais do que falar, falar bem. Ou como a enfermeira do posto de saúde em que foi se vacinar contra a gripe.

– Não tenho medo de injeção, mas me contraio todo, sempre que me vão aplicar uma – diz Cacá referindo-se a episódio recente. – Por isso peço para me segurarem. Terminada a vacinação, a enfermeira tirou da gaveta uma seringa selada e me deu como se fosse um presente. Já na rua, perguntei à minha mãe: “Por que a moça me deu essa seringa?” Minha mãe me respondeu sorrindo: “Deve ter sido para você brincar”. Percebi então que a enfermeira tinha pensado que eu era um retardado. A paralisia cerebral é até hoje confundida com deficiência mental. Os problemas podem vir conjugados, mas não obrigatoriamente.

Quanto à seringa, Cacá informa que acabou sendo de grande utilidade.

– Minha fonoaudióloga usou-a para injetar à distância líquido em minha boca. São exercícios que faço para fortalecer os músculos da região, evitando dificuldades na hora de comer ou de falar. Mais claramente, para que eu não babe.

Cacá é excelente contador de histórias. Suas favoritas são as que tratam de sua paixão pela ópera. E, dentro desta, uma paixão maior: Maria Callas. Foi graças ao estudo da ópera que ele aprendeu a falar italiano.

– Sei de cor 21 árias, estudei técnicas, libretos, biografias. O inglês eu aprendi com professor, mas o italiano eu devo à ópera, a acompanhar o canto com o texto nas mãos. Gosto de Puccini, Verdi, Bellini, Donizetti, Spontini. *La traviata* é a minha ópera preferida, com aquela bela e trágica história baseada em *A dama das camélias*. Claro, com a Callas no papel de Violeta.

Uma provocação a Cacá é lembrar a célebre rivalidade entre Maria Callas e Renata Tebaldi, nascida em 1951, quando as duas cantaram no Rio.

– Tebaldi é o demônio. Invejosa, jamais chegou perto do gênio de Callas.

Para provar o que diz – e reafirmar o caráter único do grande soprano – Cacá fornece detalhes de um fato ocorrido em 1948, no *La Fenice* de Veneza, onde Callas deveria viver o papel de Brunilde em *As Valquírias*. Pouco antes, quando o maestro Túlio Serafin ouvia-a, quase por acaso, cantando uma ária de Bellini, não teve dúvidas: selecionou-a para ser a Elvira de *Il puritani*, cujas récitas deveriam se alternar com as de *As Valquírias*.

– Imagine, numa mesma semana e com o mesmo brilho, um soprano fazer a Brunilde de Richard Wagner, um compositor agressivo, germanicamente trágico, autor de seus próprios libretos e criador de papéis fortes, e ao mesmo tempo ser a Elvira de Vincenzo Bellini, mais romântico, mais calmo. Que outro soprano, antes ou depois de Callas, seria capaz de passar com tanta perfeição dos brados, das notas altas de Wagner, à música mais delicada de Bellini?

Daqui em diante, Cacá não perderá oportunidade para falar de ópera ou citar Callas em seus comentários sobre tudo, inclusive sobre esporte. Uma atividade que, como se disse acima, só agora ele leva mais a sério. Deveu-se à sua prima Isabella, que se formara em educação física com Hanna Kwitko, técnica de bocha e classificadora funcional do paradesporto, a aproximação de Cacá com o IBDD. Isabella achou que o trabalho da amiga com os paralisados cerebrais adequava-se perfeitamente ao caso do primo. E assim foi.

– Não sei se fui eu que cheguei à Hanna ou se foi ela que chegou a este belíssimo exemplar de paralisado cerebral – diz Cacá lembrando-se do primeiro contato com a técnica. – Só sei que, de início, não me entusiasmei. Não estava em meus planos ser um jogador de *boccia* (ele chama a atenção para a grafia original). Sabe aqueles filmes futuristas, cheios de monstros assustadores? Pois foi assim que me pareceu o kit bocha que me foi apresentado por Hanna e Matias para eu aprender o necessário ao exame de classificação. Cheguei a dizer para mim mesmo: “Não toco nessas porcarias, bolas, uniforme, nada!” Quando não quero uma coisa, pode até Callas ressuscitar para me convencer do contrário que eu não volto atrás. Jogar bocha, viajar, sair do conforto de casa, hospedar-me em albergue, comer mal? Pedi a minha mãe para queimar o kit.

Com tudo isso, Cacá não dormiu a noite que antecedeu o exame de classificação. De manhã, sentiu náuseas, o que é comum quando está nervoso. Se não queria jogar bocha, também não pretendia fazer feio diante da banca que o examinaria. Sentiu-se como se na véspera de estreiar no Scalla de Milão no papel de Giason, de “Medea”, ópera de Luigi Cherubini. Foi como enfrentou a banca, segundo ele, formada por um compenetrado e circunspeto técnico de nome Cláudio, um fisioterapeuta de nome Frazão e uma fisioterapeuta de nome Tânia casada com Frazão. Hanna acompanhou-o durante a prova.



– Lembro-me da cara do Cláudio quando veio me informar que eu era inelegível. Quer dizer, que eu era “bom demais” para jogar bocha com outros paralisados cerebrais. Parecia que ia me comunicar a morte de um ente querido, fazendo rodeios, me preparando, custando a dizer o que queria. Quando me disse, não entendeu nada ao me ver exclamar: “Que bom que não passel!”

A verdade é que Cacá caprichou tanto, de tal modo esforçou-se para provar aos classificadores “que eles não estavam lidando com qualquer um”, que acabou contribuindo para a própria inelegibilidade. A qual desejava então, mas que já não deseja hoje, quando os professores o convenceram a treinar, treinar muito, dedicar-se sempre mais, porém “caprichar menos” em futuros testes.

– Ou, pelo menos, não fazer como Violeta no último ato de *La Traviata*, quando mandou Alfredo se casar com outra.

Antes de terminado o curso médio – com estudos em casa e exames em bancas oficiais – Cacá já tem olhos voltados para nova etapa. Como nos campos do esporte, há sempre um novo começo depois de cada fim alcançado, crença reforçada no convívio no IBDD.

– Já sei o que vou fazer ao completar o curso: me sentar numa poltrona confortável e, com muita serenidade, pensar no futuro. Vou, como disse Maria Callas, “... ouvir o que me têm a dizer as minhas vozes”.



ROGÉRIO DAFLON. **NA HISTÓRIA DE CADA UM,** **A VITÓRIA DE TODOS.**

A PALAVRA HERÓI É USADA COM ALGUMA SEM-CERIMÔNIA HOJE EM DIA. “FULANO FOI O HERÓI DO JOGO”, ESCRIVE O JORNALISTA ESPORTIVO. “VOCÊ É MEU HERÓI”, DIZ AO NAMORADO A MOÇA APAIXONADA. MAS HÁ UMA ACEPTÃO ESPECÍFICA QUE NOS INTERESSA AQUI. SEGUNDO O DICIONÁRIO AURÉLIO, HERÓI É O “HOMEM EXTRAORDINÁRIO POR SEUS FEITOS GUERREIROS, SEU VALOR OU SUA MAGNANIMIDADE”. É NESSE SENTIDO QUE OS ATLETAS DO IBDD RETRATADOS AQUI SEGUEM SEU CAMINHO. AO SE CONHECER A HISTÓRIA DE CADA UM, VAI-SE ENTENDER POR QUÊ.



ANTÔNIO TENÓRIO.

AOS 19 ANOS, ANTÔNIO TENÓRIO ESTAVA TOTALMENTE CEGO. SENTIA-SE ARRASADO, SEM CONSEGUIR DISFARÇAR SEU ESTADO DE ESPÍRITO. QUERIA, É CLARO, UMA PALAVRA DE CARINHO, ALGUÉM QUE O ACOLHESSE. MAS SEU PAI - QUE SE ESFORÇARA À EXAUSTÃO EM BUSCA DA CURA DA VISTA DO FILHO - NÃO FEZ SUA VONTADE. E SEU GRACILIANO LHE DISSE ALGO QUE MUDARIA SUA VIDA RADICALMENTE. "AGORA, VOCÊ SE VIRA, VOCÊ É HOMEM E TEM QUE SE BANCAR SOZINHO". NÃO FOI FÁCIL OUVIR AQUILO TÃO JOVEM E DESAMPARADO.

O judoca teria assim de prosseguir sua vida sem qualquer apoio. Pensou no destino, e no dia que perdeu a visão do olho direito por causa de uma tradicional brincadeira. Aos 13 anos, havia sido atingido por uma semente de mamoneira vinda de um inocente estilingue de outra criança, no quintal de sua casa, em São Bernardo do Campo. A consequência foi drástica: Tenório nunca mais enxergaria por aquela vista. Seis anos depois, encontrava-se atônito diante da cegueira completa devido a uma inflamação alérgica que resultou em descolamento de retina da visão que até ali lhe restara.

Respirou fundo, preparando-se para travar uma imensa batalha contra a depressão. E só saiu vitorioso desse embate quando resolveu não levar a mal as palavras do pai. "Não achei errado o que ele fez. Só me disse que não tinha mais dinheiro para me sustentar. Ele não me tratou como um pobre coitado, e isso foi bom. Tem palavras que mexem com o caráter de um homem, que o fazem agir", comentaria ele tempos depois.

A primeira ação do judoca foi a de se entregar ao trabalho intensamente. "Olha o limão, olha o caqui!". Assim, Tenório anunciava suas mercadorias pelas ruas de São Bernardo. Com suor escorrendo pelo rosto diante do sol escaldante, ele conseguia se reanimar e tocar a vida. Mas foram tempos difíceis. Seu pai levou à risca a história de não mais ajudar o judoca, cortando a cesta básica que lhe dava todo mês. Não havia opção que não a de espantar a acomodação: Tenório comprou uma barraca na qual oferecia cachorro quente e refrigerante. Todo trabalho é digno, pensava ele.

O atleta, contudo, não dissimulava sua inquietação. A saudade do judô o angustiava. Desde os sete anos, o tatame era seu habitat. Longe dele, parecia pisar numa superfície áspera e desconfortável. Agoniado com aquela situação que já perdurava por dois anos, não vislumbrava qualquer futuro.

O mal-estar, entretanto, estava com os dias contados. Sua estrada na direção de grandes conquistas começou a ser pavimentada por um convite extremamente oportuno. O Círculo do Menino Patrulheiro – um local de recrutamento de guardas mirins, onde ele havia se iniciado no judô – o chamou para dar aulas da modalidade. Naquele contexto, melhor notícia não poderia haver.

A depressão, àquela altura, já era algo do passado. De certa forma, ela nem tinha tempo para isso. Já morava sozinho e tinha dois filhos para sustentar. No judô, ele se sobressaía em campeonatos regionais lutando no que se chama de judô regular, ou seja, com atletas que enxergam. Teve grandes adversários como Aurélio Miguel e Carlos Honorato e grandes resultados. Certo dia, Fernando Cruz, então coordenador-técnico de judô no Comitê Paraolímpico Brasileiro, encontrou-o no Campeonato Paulista de 1992. Cruz se aproximou do atleta e lhe disse: “Estou um tempo te procurando, e só agora consigo falar contigo. Gostaria que você viesse para o esporte paraolímpico”. Aquele som, “olímpico”, foi uma bela canção para o judoca. Imaginou-se nas Paraolimpíadas de Atlanta, e disse um sonoro sim a Fernando Cruz, com quem até hoje mantém amizade.

Foi lá, por sinal, que revelou sua face política, exigindo respeito, condições de treino e estrutura adequada para os atletas paraolímpicos. Uma história ilustra bem sua maneira de ser ouvido. Revoltou-se quando se percebeu num hotel no alto de uma montanha sem ter o que comer e sentindo frio, ouvindo os ruídos do cair da neve. Notou que sua indignação era comum aos outros judocas. No lobby do hotel, ao ser informado de que os dirigentes haviam ido jantar fora, vociferou assim que eles chegaram: “Isso não se faz”. Deu-se o silêncio. Estava coberto de razão e bons argumentos. Foi depois disso campeão pan-americano na Argentina.

“ELE NÃO ME TRATOU COMO UM POBRE COITADO, E ISSO FOI BOM”.

Outras portas se abriram. A AVAPE, uma associação de valorização do portador de deficiência criada pelos funcionários da Autolatina, encaminhou-o para ser coordenador de vendas dentro da Volkswagen, na rodovia Anchieta. Ficou quatro anos na função na qual supervisionava seis mulheres.

Era hora, assim, de desenhar sua trajetória no esporte paraolímpico.

E, em 1993, Tenório foi classificado na categoria B1, que reúne os atletas que não têm nenhuma percepção de luz em qualquer dos olhos, e os que, com alguma percepção de luz, não reconhecem formas a qualquer distância e em qualquer direção. Os títulos vieram numa progressão impressionante. Naquele mesmo ano, ganhou o Campeonato Brasileiro. Em 1995, foi bem mais além: conquistou o terceiro lugar no Mundial, em Colorado Springs, nos Estados Unidos.

Tenório incomodava. Não se tratava mais apenas de um atleta que exigia seus direitos. Tratava-se de um judoca com imenso talento, o que pôde ser confirmado nos Jogos Paraolímpicos de Atlanta. Neles, integrou uma delegação de 58 atletas. Venceu suas seis lutas e ganhou a medalha de ouro. Entre os esportistas brasileiros na competição, somente o judoca e o nadador José Afonso Medeiros, o Caco, subiram no lugar mais alto do pódio.

ABAIXO Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeli
insectat ossifragi. Quadrupel
incredibiliter



ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtis. Pompeii
insectat ossifragi.

A sensação de ouvir o hino nacional e a de sonho realizado, somadas à perspectiva de um futuro melhor, faziam-no refletir sobre tudo o que fez para chegar lá. “Foram seis horas de treino por dia e muita dedicação”, contou ele, dono da primeira medalha de ouro brasileira no judô em Paraolimpíadas.

Quando voltou ao seu dia-a-dia no Brasil, porém, ele se deu conta de que a medalha de ouro nas Paraolimpíadas de Atlanta pouco modificara sua vida. “Foi muito frustrante, voltei à estaca-zero”. A noção da realidade para Tenório ficou então cada vez mais forte, já que passou a ter grande percepção de quem lhe fazia falsas promessas. Sua maneira de enfrentar a falta de reconhecimento foi treinando, treinando e treinando. O resultado de tanto empenho se desenhou no Mundial de Madri, em 1998, quando ele conseguiu a medalha de bronze. Um ano depois, novamente em Colorado Springs, obteve a medalha de ouro no Pan-americano.

Naquele mesmo ano, ele procurou Teresa Amaral, no IBDD, em busca de patrocínio. Dias depois, Teresa ligou para o lutador, confirmando que a partir dali ele seria atleta da entidade. Na época, o Vasco e uma loteria estadual do Rio também ofereceram patrocínio a Tenório. Com tudo isso, partiu para ganhar sua segunda medalha de ouro nos Jogos Paraolímpicos de Sydney, em 2000, pois, tecnicamente, estava no melhor de sua forma. E, na vida pessoal, o momento era só de alegrias: naquele ano, nasceu seu terceiro filho.



Na Grécia, a fama de Tenório aumentaria. A equipe brasileira de judô fazia seus últimos treinos em Atenas, mas pelo menos quatro lutadores estavam fazendo fisioterapia devido a lesões. Isso deixou o treino, digamos, capenga. Dirigindo-se aos três treinadores que viajaram com a equipe, foi direto ao ponto: “Por que vocês não vêm lutar com a gente? Isso aqui é uma Olimpíada, e precisamos de vocês agora”. Foi atendido na hora.

Sua consciência dos direitos dos atletas se expandira. Procurou saber, por exemplo, quanto o Comitê Paraolímpico Brasileiro recebia de recursos públicos e como a entidade os aplicava. Incomodou de novo. Mas aprendera que seu lugar como atleta estava assegurado, apesar de suas posições fortes. “O Aurélio Miguel sempre me diz: se você fizer sua parte, ninguém pode te cortar da seleção”.

O atleta não decepcionou. Ganhou a medalha de ouro. O Brasil naquela competição obteve seis ouros, 10 pratas e seis bronzes. Mas Tenório, como bicampeão paraolímpico, igualava a marca de outro paulista: Adhemar Ferreira da Silva, que, no salto triplo, foi campeão nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952, e nas de Melbourne, em 1956.

Acontece que ele já estava escaldado quanto a decepções. “O que aconteceu após os Jogos de Atlanta foi a grande lição da minha vida”. Depois dos Jogos de Sydney, o Vasco deixou de lhe pagar, e até hoje o clube carioca tem uma dívida com o esportista.

“QUEREM EXPLORAR O LADO COITADINHO DOS ATLETAS DEFICIENTES, E ISSO EU NÃO TOLERO”.

No avião de volta ao Brasil, um funcionário de uma estatal lhe ofereceu mundos e fundos. Tenório ficou com o pé atrás. Na parada em Los Angeles, quando a pedido do tal funcionário foi para a Calçada da Fama, teve certeza de que aquela conversa era mais uma ilusão. O IBDD, no entanto, aumentou seu salário e manteve-se como seu parceiro. Agora, pensou o lutador, é voltar a cabeça para as Paraolimpíadas de Atenas.

Explicava sua linha de raciocínio com palavras que reúnem sabedoria e simplicidade: “Não se trata de rebeldia. Se os dirigentes estão num bom hotel, vou exigir um bom hotel para mim e para os outros atletas. Se eles comerem um prato sofisticado, eu vou exigir o mesmo prato para nós, atletas. Agora, se eles tiverem condições só de comer farinha, vamos todos comer farinha. Outra coisa: se eles lidam com dinheiro público, têm de explicar como o gastam”.

Em Atenas, Tenório fez uma bela luta na final e superou o chinês Ming-Run-Nen, tornando-se o primeiro brasileiro, em olimpíadas e paraolimpíadas, a conquistar um tricampeonato. E ajudou a realçar a melhor participação brasileira em Paraolimpíadas, com 33 medalhas (14 de ouro, 12 de prata e sete de bronze), uma campanha superior à das Paraolimpíadas de 1984, até então a melhor, com sete ouros, 17 pratas e quatro bronzes.

Tenório, que já era consagrado, chegava ao ápice. A mídia, finalmente, o descobrira. Mas, a partir dali, passou a tomar certos cuidados com entrevistas. Em algumas delas, reclamou à época, o jornalista queria destacar mais como ele perdera a visão do que seus feitos como atleta. “É sensacionalismo. Querem explorar o lado coitadinho dos atletas deficientes, e isso eu não tolero”. Era Tenório, agora com bons patrocínios, fazendo valer a sua condição de ídolo nacional. Um ídolo que jamais será esquecido por tudo que fez e pelo que ainda fará pelo esporte paraolímpico brasileiro.

CACO.

SE A HISTÓRIA DE JOSÉ AFONSO MEDEIROS VIRASSE UM ROTEIRO DE FILME, A PRIMEIRA CENA PODERIA RETRATAR SEU SUCESSO NO PARAPAN DE CARACAS EM 1990, COM OBJETIVO DE MOSTRAR QUE SUA VIDA ESPORTIVA NÃO TEVE NADA DE LINEAR E, TALVEZ POR ISSO, TENHA SIDO TÃO EMOCIONANTE. CORTA, DIRIA UM DIRETOR. VAMOS ENTÃO PARA A CENA UM.

Na capital venezuelana, Caco, como é conhecido nosso protagonista, toma de assalto todos os que assistem à natação do torneio, pois ganha uma medalha atrás da outra. Ao todo, 11, seis de ouro (50m, 100m, 200m e 400m livre, 50m borboleta e revezamento 4x50 medley), três de prata (200m medley e revezamentos 4x50m livre e 4x100 medley) e duas de bronze (100m peito e 800m livre) - até hoje, o maior número de medalhas de um brasileiro na natação em Parapans. Nasce um fenômeno das piscinas, que iria confirmar seu imenso talento dali por diante.

A cena dois é anterior ao Parapan. Ela registra Caco aos 16 anos, exercitando-se antes do treino coletivo de atletismo de seu colégio, em Curitiba. Ele sente então uma dor aguda nas costas e não consegue se levantar. Preocupados, os amigos comunicam o ocorrido à família e o levam para um hospital. Seu problema é algo novo na medicina e, por isso, demora a ser diagnosticado. Trata-se de uma mielite transversa, síndrome neurológica causada pela inflamação da medula espinhal.

A terceira cena poderia mostrar Caco na escola. Nela, ele pratica atletismo - mais especificamente salto triplo, influenciado por seu ídolo na época, João Carlos de Oliveira, o João do Pulo - e joga basquete também. Enfim, um adolescente apaixonado por esporte.

O ritmo do filme aumenta, e as cenas passam a ser ininterruptas. Caco está sob impacto, atormentado até, quando vê à sua volta uma corrente de solidariedade, na qual se engatam a família e os amigos. O ano é 1983, e a turma do basquete da escola não sai de sua casa. Seus pais promovem lanches, enquanto os jovens ouvem música, embalados, sobretudo, por Madonna e Michael Jackson. E Caco tem seus primeiros momentos de alegria após a doença. A reação dele contagia os amigos, que o levam para a noite curitibana. Ainda se adaptando à nova condição, Caco chega aos bares e boates com um andador até o peito. Ouve música alta e percebe que sua juventude está ali, intacta.



Com essa disposição, ele convence um técnico do clube Curitibano a treiná-lo. Por pouco tempo. Embora mostrasse qualidades no estilo livre e no borboleta, o treinador resolve dispensá-lo. Aquele revês lhe dá mais força. Caco vai atrás de uma explicação. O técnico lhe informa que pelo fato de o Curitibano ter uma equipe de ponta, com nadadores renomados como Cristiano Michelena e Renato Ramalho, o clube exige bons resultados e ele não pode mais perder tempo com um nadador que não traria glórias à associação. Caco já participara então das primeiras competições paraolímpicas e foi paixão à primeira vista. Esse sentimento afastou qualquer abatimento diante da decisão do treinador.

A imagem mexe com o dia-a-dia do clube e impressiona. Caco passa a nadar mais de cinco mil metros por dia, variando o estilo, a velocidade, enfim, imprimindo um ritmo forte ao treino. Meses depois, uma estafa muscular o acomete. O cansaço toma conta do seu corpo, e Caco sorri, numa surpreendente atitude. Não há nele um átimo de arrependimento. Em meio a dores musculares, falou para si mesmo: “Virei um grande nadador”.

Os amigos, porém, não querem só saber de diversão. Levam os deveres do colégio para sua casa, informam-lhe datas das provas e estudam junto com o rapaz, que retribui, passando o ano colegial com louvor.

“FOI UMA LIÇÃO. TIVE DE APRENDER A LIDAR COM A PRESSÃO”.

A dedicação à fisioterapia também é intensa. No processo, descobre que a hidroterapia pode melhorar sua capacidade locomotora e a ela se entrega com a mesma devoção. Tem logo uma empatia com a terapeuta que comanda seus movimentos na piscina: “Por que você não compete na natação paraolímpica?”, provoca Rosa. Caco responde que não conhece esse universo, e ela explica pacientemente do que se trata. Quatro anos haviam se passado desde o dia em que nosso personagem largara o basquete e o atletismo, e Caco vê ali a possibilidade de retornar ao esporte. Imagina-se um atleta de alto nível, mas sabe que para chegar lá terá de ultrapassar grandes obstáculos.

O pensamento de Caco é uma agitação só. Próximo à piscina do clube, ele deixa seu olhar apontar em todas as direções como se procurasse uma solução. De repente, ele fita um quadro com as séries da equipe de ponta do Curitibano. E tem uma idéia que oscila entre a loucura e a genialidade: decide fazer a série dos melhores nadadores do clube à risca, por sua conta e, literalmente, risco.

Aqui se encaixa à perfeição a cena na qual Caco viaja de Caracas até Curitiba, com 11 medalhas no peito, após o Parapan de 1990, consequência daquele intenso treinamento. O sucesso na Venezuela o credencia para os Jogos Paraolímpicos de Barcelona de 1992.

Caco chega à capital da Catalunha encantado com aquele zunzunzum. E tal encantamento é um perigo para um estreante na maior competição do planeta para atletas com deficiência.

ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi. Quadrupel
Incredibiliter

A DIREITA Saburre fortiter
conubium santet verecundus
rures. Quadrupel lucide
senesceret quinquennalis syrtes.
Pompeii insectat ossifragi.
Quadrupel Incredibiliter



Caco se dispersa em meio àquele momento histórico e se descuida da parte psicológica. Fica extremamente nervoso ao assistir um nadador americano provocando um norueguês no vestiário antes da prova de 400m livre, na qual está inscrito. Desestabilizado emocionalmente, não compete bem, forçando muito na saída e ficando sem a força suficiente nos 100m finais. Chega em sexto lugar na competição em que tinha chances de conseguir, no mínimo, uma medalha de bronze. Chora copiosamente no seu dramático batizado em Paraolimpiadas. “Foi uma lição. Tive de aprender a lidar com a pressão”.

Pois Omar, sentindo o perigo de perder a final, tenta desestabilizá-lo no vestiário, minutos antes da prova. Caco, é claro, lembra-se do que ocorrera em Barcelona. Procura se acalmar. Não consegue num primeiro momento. Olha para o céu e fala baixinho: “Meu Deus do céu”. Ato contínuo, começa a rezar o Pai Nosso. A oração o inspira. Nada a prova tão forte que bate o recorde mundial do próprio egípcio, com o tempo de 33s33 nos 50m livre. Torna-se, assim, o primeiro brasileiro a bater um recorde mundial na natação paraolímpica. Seria pioneiro em algo ainda mais importante.

A fase é excelente, mas um desses muitos absurdos que povoam o universo dos dirigentes a interrompe. Ele fica impedido de competir as Paraolimpiadas de Sydney em 2000 porque o Comitê Paraolímpico Brasileiro usa um dos seus campeonatos como seletiva, mas já fora do prazo determinado pelo Comitê Paraolímpico Internacional. Uma barbearagem histórica. Caco fica tão decepcionado que abandona a natação. Engenheiro eletrcista, havia largado o emprego à época para se dedicar exclusivamente à competição em Sydney. “Fiquei muito revoltado”. Com razão.

Para o bem do esporte, no entanto, ele retorna à modalidade em 2003, no Parapan de Mar del Plata, na Argentina, onde obteve três medalhas de ouro (100m e 400m livre e 50m borboleta) e uma de prata (50m livre). Em 2004, nas Paraolimpíadas de Atenas, nas quais foi porta-bandeira da delegação brasileira, ficou em oitavo nos 400m livre e nono nos 50m borboleta.

Ele inicia sua preparação rumo às Paraolimpiadas de Atlanta, nos Estados Unidos, que se realizariam em 1996. Depois de muito treino, chega à capital da Geórgia confiante na prova de 50m borboleta. Classifica-se para a final, e nela procura se concentrar. Antes da largada, ouve um coro da torcida espanhola e, ao final do refrão, seu nome: “Caco, Caco”. Trata-se dos gritos da equipe brasileira que aproveita a deixa dos espanhóis para incentivá-lo. “Na hora, eu pensei: não perca a concentração, aproveite somente a boa vibração, não fique nervoso”. O autocontrole se mantém, e Caco conquista a medalha de ouro, a primeira brasileira na natação masculina em Paraolimpiadas – em 1988, Graciana Alves Moreira havia obtido o ouro nos 100m livre.

“A NATAÇÃO PARAOLÍMPICA ME FEZ CONHECER O MUNDO E CONQUISTAR FEITOS EXTRAORDINÁRIOS.”

Não à toa, portanto, vira leitor assíduo do livro *O Tao do esporte*, de Jerry Lynch e Chunglian Ai Huang. Vislumbra seu próximo compromisso internacional, o Mundial de Natação, na Ilha de Malta, cravada no mar Mediterrâneo, ao sul da Itália e ao norte da África. Em 1994. Na prova eliminatória dos 50m livre, classifica-se em segundo lugar, perdendo apenas para o egípcio Omar Abdellatif.

ASAXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Guadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtis. Pompeii
insectat ossifragi.



Casado com Tânia, Caco continua treinando para novos desafios. Quando jogava basquete, ele era ala-pivô, mas, com 1,80m de altura, era baixo para os padrões do esporte do aro. “Não chegaria a lugar algum no basquete. Já a natação paraolímpica me fez conhecer o mundo e a conquistar feitos extraordinários”.

Caco ainda sonha com novos feitos. Admite, no entanto, que de vez em quando faz a retrospectiva da carreira. Lembra do apoio incondicional dos pais, dos irmãos, dos amigos. Torce para que o esporte paraolímpico brasileiro seja mais bem administrado e que as cidades tenham maior acessibilidade. “Curitiba está longe do ideal, mas é a melhor cidade brasileira para o deficiente físico se locomover”. O atleta está no IBDD desde 1999. “É uma entidade que realmente vestiu a camisa da luta pelos direitos das pessoas com deficiência na sociedade”.

Aos 40 anos, Caco é ágil tanto ao andar de bengala como na cadeira de rodas. Sabe que o esporte paraolímpico tem muito a oferecer em termos de conscientização quanto aos direitos das pessoas com deficiência. Por isso, e pela paixão pelo esporte, prossegue dando suas braçadas nas competições mundo afora. Como o herói de um filme que se desdobra em séries sem fim.



RICARDO MANGUEIRA.

O BRASIL VIVIA UM PERÍODO CONTURBADO EM 1992, QUANDO O ENTÃO PRESIDENTE FERNANDO COLLOR DE MELLO ESTAVA PARA SOFRER O PROCESSO DE IMPEACHMENT. SEU EX-TESOUREIRO DE CAMPANHA PRESIDENCIAL, PAULO CÉSAR FARIAS, SOFRIA ACUSAÇÕES DE CORRUPÇÃO E TRÁFICO DE INFLUÊNCIA. RICARDO BARBOSA, CONHECIDO COMO MANGUEIRA, SORRI PARA SEU INTERLOCUTOR QUE NADA ENTENDE SOBRE POR QUÊ ELE ESTÁ TOCANDO NAQUELE ASSUNTO. TENTA EXPLICAR A LIGAÇÃO DA SUA HISTÓRIA DE VIDA COM AQUELE MOMENTO POLÍTICO. DÁ ALGUMAS GARGALHADAS. SUA CONVERSA É SEMPRE PONTUADA PELO BOM HUMOR.

Ricardo conta que estava à beira de uma quadra na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) assistindo a uma pelada e à espera de que ela terminasse para jogar a sua com seus companheiros do Morro da Mangueira, onde morava com a família. Por três vezes, deixou que sua bola invadisse a pelada alheia. A mesma pessoa pegou-a nas três vezes, mas na última não resistiu e perguntou: “Você é PC?”. Ricardo ficou ressabiado e pensou: “Esse sujeito perdeu a paciência. Ele está me xingando de PC Farias”. Não era nada disso. Aquele pequeno diálogo levaria Mangueira a conhecer o mundo.

O rapaz, esclareceu Ricardo, na verdade lhe indagara se ele era paralisado cerebral. “O nome dele é Cristiano, e ele me explicou que treinava uma equipe de paralisados cerebrais; foi a primeira vez que ouvi essa expressão na vida”. Esclarecida a confusão, o técnico o convidou: “Venha terça-feira treinar com meu time”. Ele tinha na época 17 anos, e adorava futebol. Flamenguista, tinha Zico como ídolo maior. Apresentou-se para treinar animadíssimo. Ficou impressionado com o grau de dificuldade de dois jogadores especificamente. “A seqüela da paralisia cerebral neles foi bem maior do que em mim. Eles andavam com mais dificuldade e tinham problemas ainda mais sérios de coordenação motora. Ao vê-los, percebi que eu estava sendo preconceituoso. Olhava para eles da mesma maneira que, nas minhas primeiras peladas da infância, alguns companheiros de time olhavam para mim”. Ricardo fez a autocritica na hora, e dias depois estava lá, pronto para mais um treinamento.

Mas, naqueles dias quando seu coração batia forte devido àquela surpreendente oportunidade, Ricardo deixou-se levar pelas lembranças de infância. Tinha noção que preocupara toda a família quando nasceu. Décimo primeiro filho de seu Pedro e dona Odaléia Barbosa, só deu seus primeiros passos com cinco anos de idade. A sensação de seus pais e irmãos era de que seria dependente deles a vida toda.

“POR NUNCA TER DESISTIDO DE JOGAR BOLA ACABEI PREMIADO COM ESSA CONVOCAÇÃO”.

Ricardo, contudo, sempre teve o movimento natural de não se excluir das boas coisas de criança. Aos oito anos, no Morro da Mangueira, soube que havia uma escolinha de futebol por lá. Recorda como se fosse ontem de seus primeiros desempenhos com a pelota: “Como eu tinha dificuldade de locomoção, sempre optei por me dedicar à marcação. Fazia o papel de um cone móvel”. Mas alguns comentários o chateavam. “A gente está jogando com menos um”, afirmou certa vez um companheiro de equipe, fitando o garoto.

O curioso é que tal coisa, embora o deixasse magoado, não o levava a desistir, a se enclausurar em casa. Percebeu desde pequeno que quanto mais jogasse mais habilidade teria. Estava coberto de razão. Com 12 anos, Ricardo já se sentia bem mais à vontade em campo. “Nessa época, eu já contribuía na criação de jogadas”.

Ele admite que com essa idade não dava tanta bola para o estudo. Deixou a escola com 14 anos e passou a vender bala na rua. Depois disso, foi jardineiro na Villa Olímpica da Mangueira e tornou-se ajudante de mecânico numa oficina perto de casa. E, assim, tomou gosto por ganhar seu próprio dinheiro. Trabalho e futebol, e futebol e trabalho, esse era o dia-a-dia de Ricardo até o professor Cristiano lhe fazer aquela curiosa pergunta: “Você é PC?”.

Ricardo se deu conta de que aquela equipe treinada por Cristiano pertencia à Sociedade de Amigos do Deficiente Físico (SADEF). Resolveu treinar muito, porque teve a certeza de que aquele esforço poderia levá-lo a algum lugar.

Com 18 anos, em 1994, ele teve uma surpresa extremamente agradável: foi convocado pela primeira vez para a seleção brasileira de futebol de paralisados cerebrais. Emocionado, o jogador deixou-se tomar pelas palavras que ouvira na infância de meninos da Mangueira dizendo que o time deles estava jogando com menos um. Ali, muito jovem, ele não teve raiva, mas sim a certeza de que se deve sempre prosseguir diante das adversidades. “Por nunca ter desistido de jogar bola, mesmo nas peladas de infância, acabei premiado com essa convocação”.

A seleção brasileira de paralisados cerebrais iria jogar o Campeonato Mundial na Irlanda na cidade de Dublin. O Brasil estava engatinhando na modalidade, na qual os europeus estavam num estágio muito, muito superior. “Perdemos todas as partidas, mas foi uma experiência e tanto. A cidade de Dublin me traz uma lembrança sobre o aquecimento antes da partida. Eu me exercitava, me exercitava, e nada de me sentir aquecido. Era um frio danado”.

ABAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi.





O Brasil não foi bem no torneio, mas a seriedade de Ricardo, já famoso como bom zagueiro, era um exemplo para todo o elenco. Em Dublin, diante do fracasso da seleção brasileira, começava a nascer um cidadão não só com talento dentro de campo como também fora dele.

A partir dali, ele seria um jogador com a cara da seleção brasileira. Em 1995, foi o zagueiro do Brasil no Parapan de Mar del Plata. O time brasileiro mostrou evolução, conquistando a medalha de prata, deixando a de ouro com o time da casa, a Argentina.

O jovem começava a conhecer o mundo. As viagens internacionais o incentivavam a manter a seriedade nos treinamentos. Os resultados, assim, viriam naturalmente. Foi com felicidade que viu seu nome na lista dos convocados para as Paraolimpíadas de Atlanta, em 1996, nos Estados Unidos. O Brasil ficou em sétimo lugar na competição.

O futebol brasileiro de paralisados cerebrais, no entanto, aprendera algumas lições e amadurecera. Ricardo testemunhou esse processo. No Mundial de 1997 em Nottingham, na Inglaterra, terra de Robin Hood, ele viveu, como sub-20, o sonho de ser campeão mundial. Aquele time cresceria junto. Foi a base da equipe que disputou a Copa América em Santiago do Chile, no mesmo ano, conquistando novamente o lugar mais alto do pódio.

Em 1998, o Mundial seria no Rio de Janeiro. Ricardo estava concentrado no Hotel Glória, quando o telefone tocou. Recebeu a notícia de que seu pai havia morrido. Foi ao enterro e, muito abalado, voltou para o torneio. O Brasil ficou em terceiro lugar. Foi a última participação de Ricardo na seleção brasileira.

Longe da agitação da competição, ele se lembrou, consternado, de uma conversa que tivera com seu Pedro. A voz dele estava presente na mente do atleta. "Dos meus onze filhos, eu e sua mãe pensávamos que você é que ficaria dependente de nós a vida inteira. Mas você sempre se mostrou uma pessoa capaz", disse seu Pedro, cheio de orgulho, pouco antes de morrer.

Ricardo de fato era motivo de orgulho. Já era bem-sucedido tanto no trabalho como no esporte. Foi auxiliar de escritório no Clube dos Paraplégicos de 1995 a 1999. O clube, porém, foi à falência, e ele se viu sem emprego.

Ele se transformaria num funcionário do IBDD. Dos bons. Em abril de 2002, sua ligação com o trabalho ficaria ainda mais forte, pois seu filho, Carlos Eduardo, nasceu. O pequeno bebê, somado à pressão de Teresa e de seus companheiros de trabalho, inspirou-o a voltar aos estudos. Em 2005 foi indicado para trabalhar em Furnas, como auxiliar-administrativo, cargo que ocupa até hoje.

Em 2001, o IBDD formou seu primeiro time de futebol de sete. A escalção de Ricardo na equipe se impôs. Ele então se viu com uma segurança que nunca tivera antes. "O IBDD é uma instituição fundamental na minha vida", fez questão de realçar.

“O IBDD É UMA INSTITUIÇÃO FUNDAMENTAL NA MINHA VIDA”.

Dirigiu-se ao IBDD na esperança de que a instituição o indicasse para alguma empresa. Fez sua ficha, foi embora, pegou o elevador e, na saída do prédio, o acaso lhe trouxe uma boa surpresa: encontrou Teresa Amaral. Naquele 3 de dezembro, Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, haveria um evento comemorativo. Teresa, que o conhecera nas Paraolimpíadas de Atlanta, em 1996, lhe pediu que não fosse embora e ficasse para participar do dia em que, no Instituto, estava em debate a luta das pessoas com deficiência no país. Naquela atmosfera, Teresa e Ricardo tiveram uma longa conversa.

Ricardo surpreende sempre com algo que sabe fazer. No futebol, além de seu currículo vencedor, ele tem um lado de descobridor de talentos. Há dois exemplos impressionantes. O primeiro é Zeca, hoje um dos principais jogadores da seleção brasileira. O segundo é Fabiano Peixoto, que virou um mito no futebol de sete.

Ricardo o viu no metrô da Central. Aproximou-se do rapaz e puxou conversa, já com a intenção de fazer uma pergunta. "Você joga bola?". Fabiano – que tinha os movimentos da perna e do braço direito comprometidos – mostrou a personalidade que iria exibir em campo: "Jogo legal, não tenho medo de zagueiro e parto para cima dele com a bola dominada". Ricardo sentiu firmeza e o recomendou ao técnico Paulinho Cruz. Peixoto teve carreira brilhante na seleção. Além de outras conquistas, foi campeão mundial em 2002. Em 2005, andou sumido do treino da equipe do IBDD, causando apreensão entre os amigos. Morreu naquele ano, deixando muita saudade. Hoje, o torneio de futebol para pessoas com deficiência organizado pelo IBDD leva seu nome: Copa Fabiano Peixoto.

A vida de Ricardo se confunde com a história do futebol de sete no Brasil. Fora do meio esportivo, ele também se mostrou extremamente eficiente. O técnico Paulinho Cruz costuma dizer que ele deveria se transformar num dirigente, tamanha sua experiência na modalidade. Boa parte dos jogadores tem nele um exemplo a ser seguido. A receita de Ricardo é simples: "Faço tudo com muita dedicação". Hoje, Ricardo está no segundo ano do ensino médio, presta serviço para a estatal de Furnas e planeja fazer faculdade de contabilidade. Aos 30 anos, como sempre, está cheio de sonhos.

A close-up portrait of a man with dark, curly hair and a mustache, looking slightly to the left. He is wearing a blue textured shirt with a red patch on the shoulder. The background is a warm, out-of-focus brown.

QUIRINO.

JOÃO QUIRINO DA SILVA REFLETE SOBRE SUAS CONQUISTAS. ESTAVA ENTÃO NO PÁTIO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA, NA BAIXADA FLUMINENSE, AINDA DIGERINDO O QUE UMA COLEGA LHE DISSERA: “TINHA SIDO PROGRAMADA UMA APRESENTAÇÃO DE DANÇA, E ELA PREVIU QUE EU NÃO CONSEGUIRIA FAZER O MEU PAPEL DIREITO”, RECORDA O JUDOCA. NÃO HAVIA SIDO A PRIMEIRA VEZ QUE ALGUÉM O ACONSELHARA A DESISTIR. E NÃO SERIA A PRIMEIRA VEZ QUE ELE NÃO DARIA OUVIDOS ÀQUELE TIPO DE COMENTÁRIO.

Quirino nasceu no dia 10 de agosto de 1970, no Morro do Juramento, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Filho de Francisco e Maria Emília, sua dificuldade de visão foi notada por uma professora, que alertou sua mãe de que, quando ele escrevia no caderno, sua linha ia descendo, descendo até formar uma diagonal sinuosa. Diante disso, dona Emília o levou a um oculista, que informou que a visão do garoto, então com cinco anos, já estava bem comprometida.

Ficou chocada, porque tinha um filho, Risomar, então com 15 anos, que já perdera a visão. Quirino saiu do colégio à época. Uma vizinha comentou com seus pais que o Instituto Benjamin Constant, na Urca, só aceitava deficientes visuais de família rica. “Fiquei dos seis aos 15 anos sem estudar”, afirma Quirino.

A essa altura, sua família morava no Parque Capivari, em Caxias. Quirino chama a atenção para uma pessoa que o ajudou muito nessa época: o padre Armando, da Igreja de Santa Rita de Cássia, bem próxima à sua casa. “Ele gostou da minha participação nas aulas de catecismo. E, assim que eu fiz a primeira comunhão, me encaminhou para um hospital em Belo Horizonte, custeando as despesas, para ver se eu teria alguma chance de voltar a enxergar”.

O diagnóstico foi o previsível. Quirino estava perdendo cada vez mais a visão, num processo irreversível. Padre Armando levou-o a não ter mais falsas ilusões. Assim que chegou de Belo Horizonte, o padre apresentou o judoca a duas irmãs, Aparecida e Cristiane, que estudavam no Benjamin Constant. “Elas vão ajudá-lo a se matricular no instituto”, determinou o pároco. “Mas ouvi dizer que lá pobre não entra”, interveio Quirino. As irmãs responderam quase em coro: “Não é nada disso. Você vai estudar lá”.

Disputou seus primeiros campeonatos em 1991. Num deles, o treinador, achando que o judoca teria enfrentar um faixa preta, disse-lhe: "Quirino, não olhe para a faixa dele". Ele não resistiu ao gracejo: "Mestre, como é que eu vou olhar a faixa dele, se eu sou cego?". Sem medo dos rivais, fez boas lutas, chegando a conquistar um vice-campeonato brasileiro naquele ano.

Estudara a matéria a fundo e gabaritou as 10 questões sobre técnicas comerciais. A professora, que dera a prova oralmente, abandonou sua incredulidade e saiu pelo pátio contando o feito de Quirino a todos os colegas que encontrava. Houve grande repercussão no colégio. Alheio àquela agitação, ele procurou um canto solitário e chorou muito. "Ninguém pode subestimar uma pessoa desse jeito".

"ELA PREVIU QUE EU NÃO CONSEGUIRIA FAZER O MEU PAPEL DIREITO".

Nunca mais largaria o judô. Sentia-se mais maduro e se deu conta de que havia terminado seu ciclo no Benjamin Constant, importantíssimo na sua trajetória. Inscreveu-se no Colégio ATG em Caxias, onde era o único deficiente visual. Conversou com cada professor, informando sobre a sua cegueira e como poderia acompanhar as aulas. "Eu gravo as aulas e tento não deixar passar nada". Mas ouviu algo desalentador de uma professora: "Quirino, será difícil você acompanhar a turma e apreender o conteúdo da minha aula". Aquilo, é claro, soou mal aos ouvidos do jovem. Apesar de desestimulado, ele resolveu assim mesmo freqüentar a aula. Uma música o perseguia naquele momento: *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré. Uma estrofe da canção martelava sua cabeça: "Quem sabe faz a hora não espera acontecer". Quando chegou o mês da prova, Quirino foi conversar com ela, e disse que estava a fim de fazer a prova. "Vai ser difícil para você", foi a resposta. "Professora, deixa que a minha hora eu faço", retrucou o aluno.

Ali, naquele instante, Quirino tomou pé de sua vida. A partir de então, limite quem lhe daria seria ele mesmo. Aos 26 anos, enfim, conseguiu se formar no ensino médio. Já exibia um bom currículo no judô paraolímpico, tinha conquistado o título de campeão brasileiro em 1993. Trabalhava, ora vendendo roupa, ora dedicando-se a uma barraca onde vendia petiscos e bebidas. Às vezes, sentia-se cansado: estava já com um filho, Leonardo, fruto do casamento com Rosiléia, e os treinos de judô foram sendo deixados de lado diante das responsabilidades. Separou-se da mulher, ficou sem clube e treinava com dificuldade numa academia em Caxias.



PÁGINA AO LADO Saburre fortiter
conubium sanitet verecundus
rures. Quadrupel lucide
senesceret quinquennalis syrtes.
Pompeii insectat ossifragi.
Quadrupel incredibiliter

A vida do rapaz, é claro, mudou da água para o vinho. Ainda não experimentara a sensação de andar sem um acompanhante. Disposto a fazê-lo, ele se dedicou com afinco às aulas de orientação e mobilidade do instituto. "Quirino, hoje você vai para casa sozinho", ordenou a professora Vera. Ele se esmerou para cumprir a missão. Pegou um ônibus da Urca até a Central; da central a Caxias; de Caxias, ao Parque de Capivari. De repente, ouve uma pergunta: "Quirino, esta aqui é a tua rua?". O coração do jovem se encheu de emoção. Era a professora Vera, comemorando emocionada o bom desempenho do aluno.

Bem ambientado no Benjamin Constant, inscreveu-se no curso de música, uma de suas grandes paixões. Dedilhava o violão, era atento às aulas, mas nada disso tirou do professor a impressão sobre os dotes musicais dele. "Você não tem o dom, não tem ouvido musical", disse o mestre ao aluno, que rebateu em seguida, com bom humor: "Quer dizer que, além de cego, eu sou surdo?", perguntou Quirino, saindo da sala de maneira doce, mas com o espírito derrotado. Vendo a cena, o professor de judô lhe perguntou se ele queria fazer uma aula-teste. No dia seguinte, lá estava Quirino, cheio de disposição, já simpático à idéia de trocar a frustração na música pela paixão do esporte. "Professor, eu tenho dom para o judô?", indagou o novo aluno, ainda sugestionado pelo que ocorrera na aula de música. "Vontade, você tem. O resto é mais fácil".

Até que bate à sua porta o judoca Antônio Tenório, já dono de duas medalhas de ouro em Paraolimpíadas, em Atlanta e Sydney. Morando em Xerém, um distrito de Caxias, Quirino se emocionou com a presença do ídolo e amigo em sua casa naquele ano de 2000. Tenório, como sempre, foi direto ao ponto: "Quirino, vim aqui para lhe fazer um convite em nome do IBDD. Você gostaria de integrar nossa equipe de judô?". Ao ouvir aquela proposta, Quirino não coube em si de felicidade. Era o impulso que lhe faltava para se reanimar, buscar novos desafios. Tenório mais tarde afirmaria que, se Quirino o vê como ídolo, a recíproca é verdadeira. "O Quirino é um exemplo de luta para todos nós, atletas". Teresa Amaral também é sua grande admiradora e fã do bico que Quirino faz vendendo produtos da Natura.

No ensaio, a professora perguntou por ele, mas o aluno nem comparecera. Alguns colegas explicaram sua ausência, dizendo que, por ser cego, seria difícil para ele executar uma coreografia. A professora foi taxativa: "Quero o Quirino na apresentação de qualquer jeito".

Não foi a primeira vez que enfrentou um desafio com sucesso. No IBDD, a sua formatura de educação física foi comemorada como uma grande conquista na vida do judoca.

“NINGUÉM PODE SUBESTIMAR UMA PESSOA DESSE JEITO”.

Estimulado, o judoca passou para a faculdade de educação física da UNIABEU, em Caxias. No quarto período, a professora de dança exigiu que a turma fizesse uma apresentação. Foi aí que aquela colega de turma, citada no primeiro parágrafo, desestimulou Quirino a participar do evento.

A turma então o requisitou para os ensaios. Ressabiado, compareceu e, como de hábito, esforçou-se ao máximo. Um final apoteótico esperava por ele no dia do show. Auditório da faculdade cheio, Quirino estranhou a demora do locutor em chamá-lo e a seu par, Márcia, para dançarem o número que haviam preparado. "Deve ser porque seremos os últimos a entrar", previu ela. Dito e feito. Ao som da canção *Estúpido Cupido*, com Celly Campelo, Quirino mostrou a todos seu lado pé-de-valsa.

A seu jeito, fazendo uma original mistura de bom humor e perseverança, Quirino conquista amigos, admiração, espaço e felicidade.

A esquerda Saburre fortiter
conubium sanet verecundus
rures. Quadrupel lucide
senesceret quinquennalis syrtis.
Pompeli insectat ossifragi



EDUARDO.

EM 2003, EDUARDO PAES BARRETO AMARAL TRABALHAVA COMO SEGURANÇA DE UMA FÁBRICA DE REMÉDIOS NO RECREIO DOS BANDEIRANTES, NO RIO, ONDE FISCALIZAVA OS ADESIVOS DOS CARROS QUE PASSAVAM NUMA GUARITA, A FIM DE AVERIGUAR SE ELES ERAM DE FATO OS DE FUNCIONÁRIOS. MAS UM CONSTRANGIMENTO ABATEU SUA ALMA. COM SÉRIOS PROBLEMAS DE VISÃO, NEM SEMPRE CONSEGUIA VÊ-LOS.

Manteve-se no trabalho mesmo assim, esforçando-se para não comprometer a segurança do lugar. Pensava em Mamede, seu grande companheiro de judô no IBDD, que lhe indicara para a ocupação. Não podia decepcioná-lo e, sobretudo, precisava do emprego. O embaraço virou tormento quando os donos da fábrica deram um ultimato à empresa de segurança à qual Eduardo prestava o serviço. Avisaram que ele não tinha mais como cumprir aquela tarefa: não enxergava o suficiente. "Fiquei sem rumo. Como iria arranjar emprego sem enxergar? Por isso, resolvi me apegar ao judô; talvez a solução estivesse justamente na coisa que eu mais gostava de fazer".

Seu mundo na época caiu. Vivendo com Ana Luiza, morava com os três filhos do casamento anterior desta, a pequena Maria Eduarda, Pedro e João. O que fazer numa hora dessas? O casal se uniu e demonstrou intenso espírito de luta. Ele a conhecera quando ensinava judô para Pedro e João numa escola. E surpreendeu-se quando Ana reuniu um grupo de mães de alunos para terem aulas com ele. Assim, Ana virou judoca e participou de torneios no Rio. Hoje, assiste a lutas de Eduardo com o filtro da paixão e com a leitura técnica e tática de quem sabe o que acontece no tatame. Não à toa, Eduardo diz que o judô sempre o levou ao caminho da felicidade.

Teria, assim, a cumplicidade de Ana naquele aperto financeiro após perder o emprego. Depois de muita conversa, Eduardo comunicou à esposa: apostaria todas as fichas nas Paraolimpíadas de Atenas de 2004, já que contava com o total apoio do IBDD para isso. Ele passara a integrar a equipe de judô da entidade em 2002, a convite do então técnico, que teve de convencê-lo a deixar o judô convencional. "Ali, aos 35 anos, assumi minha deficiência", admite, acrescentando que resistira muito até tomar consciência de que tal atitude só o levaria de mais frustrações. A essa altura, sua visão do olho direito era somente de 2%. No esquerdo, era melhor: 30%.





ADHA Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeli
insectat ossifragi. Quadrupel
incredibiliter

A DREDA Saburre fortiter
conubium santet verecundus
rures. Quadrupel lucide
senesceret quinquennalis syrtes.
Pompeli insectat ossifragi.
Quadrupel incredibiliter



Para economizar, Eduardo chegava a extremos. "Eu e Ana andávamos distâncias enormes. Cheguei a ir de Ipanema até o Centro a pé. Para treinar, ia só com o dinheiro de uma passagem, para pelo menos voltar de ônibus". Nessa época, Mamede passou a lhe dar uma cesta básica; e o IBDD um cartão de alimentação para que ele comprasse gêneros de primeira necessidade em supermercados. "Nós priorizamos a alimentação das crianças, e comíamos muita banana. Até que o IBDD passou a me dar uma bolsa, isso a oito meses das Paraolimpíadas de Atenas". Era a senha para Eduardo treinar com tranquilidade. Houve então uma virada.

Antes de o embate começar, estava emocionado. Foi o seu erro, pois o chinês o derrotou facilmente. "Nunca havia perdido uma luta desse jeito. Foram só 11 segundos de combate", relembrou ele. Eduardo, contudo, tinha motivos para estar sob forte emoção. Antes da luta, passavam pelo seu pensamento coisas diversas: a medalha de prata garantida, tudo que fizera para chegar àquele momento, as acusações levianas de que ele falseava seu grau de visão para obter vantagem. "Cheguei a ler uma matéria em jornal na qual afirmavam que eu estava não só apto para dirigir um carro, como de fato dirigia. O que era um absurdo diante do meu problema de visão", conta Eduardo. Logo ele que já sentia perda gradativa da vista que lhe restara.

A medalha de prata lhe trouxe paz. E coisas boas começaram a acontecer, como a reaproximação de Rodrigo e Maurício, filhos de seu primeiro casamento. Hoje, Eduardo continua como atleta do IBDD e dá aulas de judô. É respeitadíssimo não só na instituição como entre os atletas paraolímpicos. Esforça-se para continuar a ler, uma de suas paixões, o que faz com uma lupa que chama a atenção pelo tamanho e com uma lente de monóculo chinês que ele costuma acoplar ao seu olho esquerdo.

“FIQUEI SEM RUMO. COMO ARRANJARIA EMPREGO SEM ENXERGAR?”

Eduardo venceu a seletiva para ir a Atenas, e seu nome começou a aparecer na imprensa, o que lhe valeu emprego de professor de judô numa escola, na Tijuca. Além de dar aulas, Eduardo treinava muito para as Paraolimpíadas: corria, nadava, fazia musculação, afiava sua técnica. Em Atenas, fez muito, muito bonito: ganhou, na categoria leve, todas as lutas até chegar à final contra o chinês Yun Seng Wang. E recebeu uma cortante lição do esporte.

Em Atenas, diante daquele turbilhão em seu pensamento, o judoca lembrava que chegou a pensar em parar de lutar, por terem lhe atribuído algo que ele nunca fizera. "Quase deixei a concentração da seleção brasileira no Rio, um pouco antes de ir a Atenas. Tinha feito uma bateria de exames, e tive de repeti-la para dois oftalmologistas. E os dois exames diagnosticaram que minha visão estava pior do que antes. Mamede disse na época que eu iria ganhar uma medalha, eu chorava a seu lado".

Também usa tais lentes para se locomover na rua. Não se preocupa mais com o olhar de estranheza das pessoas. Teve de superar zombarias desde a infância. Em seu colégio no Andaraí, na Zona Norte do Rio, recebeu apelidos relativos à sua pouca visão. "Mister Magoo, Pantaleão, Corujinha" eram alguns dos que as outras crianças martelavam em sua cabeça.

Professores, se não o chamavam por alcunhas inconvenientes, por outro lado diziam que ele era dispersivo, por não copiar a tempo as anotações no quadro negro. “Cheguei a ficar de castigo e sem recreio”, conta ele. Uma professora, no entanto, teve sensibilidade maior. Aconselhou a mãe do garoto a levá-lo a um oculista. O diagnóstico foi claro: boa parte da visão de seu olho direito estava comprometida.

Eduardo entristeceu-se, mas, como todo jovem querendo viver sua idade, não manteve vínculo com aquele estado de espírito. Já conhecera àquela altura o mestre Jorge Kawata, um filho de japonês extremamente ligado à cultura do país de seus pais, que o acompanharia dos seus 3 aos 18 anos. No início dessa parceria, Eduardo era o espírito infantil em pessoa. Tinha a mania de andar, à maneira de uma cobra, debaixo dos tatames. Isso lhe valeu novo apelido inspirado em outro bicho: Barata, do qual ele sempre gostou. Até os dias de hoje há quem o chame assim.

“NUNCA HAVIA PERDIDO UMA LUTA DESSE JEITO. FORAM SÓ 11 SEGUNDOS DE COMBATE”.

Mestre Kawata era o professor de judô do Grajaú Tênis Clube, do qual sua mãe, Mirian, era diretora de esporte. A mãe, por sinal, ao notar a alegria do filho na prática da modalidade, deu-lhe amparo para prosseguir. Com a força materna e um mestre como Kawata, as primeiras vitórias surgiram. No Rio de Janeiro, ganhou fama ao ser campeão carioca em 1977, quando tinha 10 anos. Conseguiria mais três títulos estaduais sucessivos até 1980.

Treinava duro, pois Kawata fazia o estilo disciplinador. Quando um aluno dava um golpe sem a técnica adequada, o mestre batia nele levemente com seu *shinai*, uma espada de bambu japonesa. Aquele método pouco ortodoxo levou Eduardo a se esmerar em fazer os golpes perfeitos.

Aos 18 anos, terminado o ciclo com Kawata, inicia-se uma fase na qual Eduardo solidificou outro dom: o de ser um grande professor. Casado com Luciana, que na época estava grávida, mudou-se do Rio para Juiz de Fora, onde seu pai, Huyghens, ofereceu a casa para os dois morarem. Ele passou então a dar aulas numa associação e lá fez exame para ganhar a faixa preta. Em Juiz de Fora, foi campeão mineiro de 1982 a 1984. “Mas foi em Juiz de Fora que me percebi como um professor de judô. Cheguei a ter sob meu comando mais de cem crianças”.

Logo no primeiro torneio na cidade mineira, porém, ele teve uma sensação que o afligiu. Não enxergava mais o placar de uma luta. O judô, pensou ele, poderia ir embora de sua vida, como a percepção do placar já tinha ido. Lembrou que, nos jogos do Flamengo, no Maracanã, já não acompanhava tanto as jogadas de seus ídolos Zico e Adílio.

Mesmo assim, foi obtendo vitórias em torneios com pessoas que enxergam. Em 1985, foi novamente campeão carioca. Em 1989, obteve a terceira colocação no Campeonato Brasileiro. Certo dia, Eduardo entrou numa associação de cegos em Juiz de Fora não em busca de respostas para seu problema, mas por um motivo mais singelo: lá havia uma academia de musculação. Um homem com o qual ele só teve contato naquele dia se aproximou e disse: “Você faz tudo de óculos, até tomar banho. Pois quando puder veja essa revista sobre esporte paraolímpico. Você pode encaixar o judô nesse universo”. Eduardo, aos 30 anos, resistiu à idéia, não queria largar o judô regular. Teve de vencer suas próprias barreiras, mas quando o fez tornou-se um campeão.

Atualmente, é um ídolo nacional do judô paraolímpico. Mas, como a perda de visão tem sido progressiva, deixou claro que seus ídolos maiores hoje em dia são os amigos judocas da categoria B1, a dos cegos. “Já Paulo Roberto e João Quirino são meus ídolos na vida. São exemplos de como podem se superar a cada dia. Eu nunca vi o Paulo Roberto triste. E é isso que me motiva, quando me dou conta de que estou perdendo mais visão”, afirma Eduardo.



Eduardo está num movimento de atrair força para enfrentar seu problema de perda gradativa de visão. Maria Eduarda, de 9 anos, que considera sua filha, faz parte desse processo de uma maneira delicada e alegre ao mesmo tempo. “Ela me leva ao supermercado, vê os preços, me guia e está sempre preocupada comigo. Sinto que isso está dando a ela uma maturidade que, embora precoce, será boa para sua vida”, conta Eduardo com um sorriso emocionado que não disfarça o orgulho.

Depois dos Jogos de Atenas, Eduardo passou a ter uma vida mais estabilizada. E conquistou outros resultados expressivos no judô paraolímpico, como o da Copa do Mundo de Judô da IBSA (Federação Internacional de Esporte para Cegos), em São Paulo, em 2005, e a medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos da IBSA em São Paulo, em 2005. Foi ainda campeão brasileiro de 2003 a 2005.

Aos 40 anos, pretende fazer faculdade de educação física, a fim de melhorar ainda mais sua qualificação como professor de judô. Eduardo é um homem de fé, tem sempre à mão um terço japonês, e sempre faz suas orações. Uma tatuagem em seu braço, com o desenho do mestre e inventor da luta Jigoro Kano, mostra sua paixão pelo esporte. Um esporte no qual também ele é um mestre.



MAMEDE.

ELMO MAMEDE NASCEU EM SALVADOR, NA BAHIA, EM 1961. E EM SEU BATIZADO TEVE COMO PADRINHOS UM CASAL, ALBERTO E ISALTINA, IRMÃ DE SEU PAI. DOIS ANOS SE PASSARAM, E ALBERTO QUIS CONHECER MELHOR O AFILHADO. ISALTINA ENTÃO PARTIU PARA SALVADOR E TROUXE O GAROTO PARA PASSAR AS FÉRIAS EM SUA CASA, EM OLARIA, ZONA NORTE DO RIO. DESDE ENTÃO ELE NUNCA MAIS VOLTARIA À CASA DOS PAIS E NUNCA SOUBE POR QUE FOI ASSIM. NO FUTURO, PREENCHERIA ESSE VAZIO DE FORMA SURPREENDENTE.

Os padrinhos então viraram verdadeiros pais. Alberto obrigava o menino com seis anos a copiar textos de Sócrates e Platão. Criança, ele gostava de jogar bola. Adolescente, trabalhava entregando jornal e, depois, café em prédios no Centro da cidade.

Seu talento com a bola nos pés levou-o a jogar no Pavunense, no América e no São Cristóvão. Mamede, no entanto, brigava à toa com os dirigentes, e acabou abandonando o futebol, até então paixão de sua vida. Trocou por outra: o boxe. Era a época áurea dos peso-pesados, e ele assistia a lutas na tevê com entusiasmo. “Na década de 70, acompanhei a carreira de Muhammad Ali, Joe Frazier, Ken Norton e George Foreman”, lembra, demonstrando domínio sobre o tema.

Inspirado por seus ídolos, Mamede iniciou sua trajetória no boxe amador. Ele já tinha boa experiência em luta, pois praticava o Urucan, arte marcial militar ensinada no Exército brasileiro, na qual teve como mestre Wiliam Guimarães, que é até hoje seu conselheiro quando o assunto é luta. Não foi por acaso, portanto, que, em 1994, Mamede foi campeão carioca da categoria cruzador. O lutador, porém, avaliou na época que a modalidade no Rio era muito fraca. Até que ouviu uma pergunta inesperada do amigo João Carlos, primo de um famoso lutador: “Você quer ser *sparring* do Maguila?”. Tratava-se do sergipano Adilson José Rodrigues, campeão nacional dos peso-pesados de 1990.

Em 1995, Mamede encontrou Maguila, então com 112 quilos, 27 a mais do que ele. Passou a treinar com o boxeador na cidade paulista de Arujá, numa academia da via Dutra. “Eu não ganhava para ser *sparring* dele, mas ele me colocava em suas lutas preliminares”.

Em 1998, já terminada a parceria com Maguila, Mamede foi campeão brasileiro de boxe. Ali começaram os primeiros sinais do problema de visão que teria de enfrentar. Tempos depois descobriria que tinha "propensão orgânica ao descolamento de retina", que foi apressada pelas diversas lutas do boxeador. No ano de seu primeiro título ficou cego do olho direito. Como não se imaginava fora do boxe, tomou uma atitude errada em nome do seu amor pela modalidade, a de continuar lutando apesar do diagnóstico. Houve uma consequência imediata: "Passei a perder lutas que não perderia". Enquanto isso, o percentual de visão do olho esquerdo também diminuía.

“NÃO TENHO DE DEIXAR A DEFICIÊNCIA ME DOMINAR, E SIM DOMINAR A DEFICIÊNCIA”.

Manteve o título de campeão brasileiro de pesos pesados até 2000. Ele estava indo longe demais: restavam apenas 45% de visão no olho esquerdo e perdera a visão periférica. Já trabalhava na época na Forbin, um centro especializado de formação de profissionais de segurança privada. Os donos da companhia, Helder e Ivo, compreendiam os atrasos de Mamede. Já o respeitavam bastante profissional e pessoalmente, principalmente por ele ter sido um dos melhores alunos do inspetor Edenilson Humelino, até hoje um grande amigo do atleta.

Em 2000, Mamede precisaria do apoio dos seus grandes amigos. Numa luta que valia o título carioca de pesos pesados, o drama se intensificou: ele estava bem no combate, atingira algumas vezes o adversário na altura do fígado, mas este contra-atacou com um golpe na cabeça. Na sequência, ele encarou os holofotes. Seus golpes então passaram a atingir o vazio, o nada. "Fiquei tonto, e perdi a luta por nocaute, mesmo estando de pé", relembra. Feitos os exames oftalmológicos, Mamede sentiu imensa tristeza. Tinha consciência de que sua carreira no boxe terminara. Seria proibido de praticar o esporte pelo Conselho Mundial de Boxe.

Outra batalha estava por vir. Agora, teria de vencer logo a depressão, pois havia a urgência de evitar que ficasse totalmente cego do outro olho. Já casado, pai de duas filhas e preocupado com o futuro, submeteu-se a uma cirurgia para conter o descolamento de retina e preservar os 45% de visão que restaram no olho esquerdo. A operação, feita pelo médico Renato Cunha David, foi bem-sucedida. Mamede ficou muito grato ao oftalmologista, que fizera a intervenção sem custos. "Ele evitou que eu ficasse totalmente cego, costurando as bordas descoladas da minha retina".

Seu estado de espírito, no entanto, era o pior possível. Como ocorrera antes com o futebol, teria de trocar uma paixão, agora o boxe, por outra. Mas como? Era tão obcecado pelo boxe que tinha estendido demais seu tempo no esporte. Naqueles embates, Mamede lembra, o autoengano deu o tom. "Entrava para lutar segurando no meu treinador. Conhecia como ninguém o espaço do ringue e procurava deixar o meu oponente sempre na alça de mira do meu olho esquerdo".

Aquilo tudo passava na cabeça de Mamede. "Tive muita dificuldade de aceitar largar o boxe, por isso insisti tanto". O fato de ter de trabalhar para sustentar as duas filhas, Elisângela e Suzana, ajudou-o a se reerguer. Pensava na relação com elas. Aos 11 anos, Suzana contraiu uma bactéria rara, que resultou em septicemia e osteomielite. "Sempre cuidei das minhas filhas, e é claro que Suzana merecia e merece atenção especial. Só que nunca deixei de correr atrás dos meus sonhos. Dessa forma, jamais poderei transferir a responsabilidade de não ter conseguido isto ou aquilo por causa delas. Pelo contrário. Elas sempre foram um forte motivo para eu prosseguir", afirma Mamede.



A ESQUERDA Saburre fortiter
conubium sanctet verecundus
rures. Quadrupel lucide
senesceret quinquennalis syrtis.
Pompeii insectat ossifragi.
Quadrupel incredibiliter

ABAIXO Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtis. Pompeii
insectat ossifragi. Quadrupel
incredibiliter



Seu trabalho na Forbin era cada vez mais reconhecido. Ele impressionava por não parar de estudar o tema da segurança, como também pela forma como passava esse conhecimento aos alunos. Certo dia um deles, Ricardo, sugeriu que seu professor de judô, José Fonseca, passasse a dar aulas a Mamede, que acabou trazendo Fonseca para ensinar a luta aos demais instrutores da Forbin.

Em 2001, Fonseca colocou a equipe da Forbin para disputar o Campeonato Estadual, da faixa branca à verde. Mamede chegou a ser terceiro colocado no Máster e no Sênior, respectivamente em 2001 e 2002, lutando com atletas que enxergavam.

Em 2003, a equipe do IBDD observou Mamede numa dessas competições e convidou-o a integrar o quadro de atletas do Instituto. Não estariam levando apenas um grande lutador, mas um exemplo para os demais judocas. Mamede, que até então não conhecia o universo paraolímpico, aceitou o convite. Era o momento de trocar sua paixão, o boxe, por outra: o judô paraolímpico.



Aquele universo do IBDD, onde não havia só pessoas com deficiência visual, fez bem à sua alma. E ele explica por quê de uma maneira singular. "Cheguei ao IBDD em 2003 e com 41 anos. Naquele instante, tive a maior lição da minha vida. Foi fantástico, porque, embora eu me sentisse um guerreiro, lá no fundo eu tinha uma autopiedade. Eu me fazia de forte, mas cansei de chorar sozinho. Aquelas pessoas do IBDD me passaram muita energia. Quando vi um deficiente físico assinar o nome com o pé, me dei conta de algo que passei a ter como uma espécie de mantra: não tenho de deixar a deficiência me dominar, e sim dominar a deficiência".

Hoje, Mamede exibe um currículo e tanto no judô paraolímpico, no qual é tetracampeão brasileiro vencendo de 2003 a 2005, na categoria médio (até 90 quilos) e em 2006, na categoria meio-pesado (acima de 90).

Divorciado de Sônia, Mamede tem até hoje amizade e respeito pela ex-mulher. "O casamento durou de 1983 a 1998, mas somos tão amigos que ela conhece meus outros filhos e procura ajudá-los também".

“EDUCAI AS CRIANÇAS E NÃO SERÁ PRECISO PUNIR OS HOMENS”.

A convivência com os judocas paraolímpicos reforçou as conclusões de Mamede sobre como lidar com a deficiência visual. Impressionou-se com João Quirino, totalmente cego, vindo de Xerém, em Duque de Caxias, para treinar cheio de animação, depois de mais de quase uma hora de viagem até o Centro da cidade. "Embora passasse algumas dificuldades, ele estava sempre bem". Percebeu que alguns cegos brincam com a própria cegueira. Entrou na zombaria, percebeu-se gargalhando e feliz.

Mamede reencontrou seus pais biológicos, Edgard e Cleonice, muitos anos depois da viagem ao Rio. E tem com eles um bom relacionamento. Mas a ausência paterna na infância e na adolescência o levou a fazer algo que ele só se deu conta que tinha a ver com sua história há bem pouco tempo. "Passei a ter como filhos mais seis pessoas, a quem ajudo sempre: Juliana, de 23 anos; Isabela, de 24; Cláudio, de 28; Emerson, de 31; Sandro, de 33; e Alexandre, de 34".

Mamede hoje é a solidariedade em pessoa. Foi um grande companheiro de Eduardo Paes quando este enfrentou graves problemas antes de brilhar nas Paraolimpiadas de Atenas, em 2004. Aos 47 anos, é um exemplo ao unir garra e sabedoria. Recorre sempre à filosofia grega para mostrar o que pensa sobre a vida. Cita Platão: "Educai as crianças e não será preciso punir os homens". Deve aos pais biológicos sua aproximação com a Bíblia. "Reencontrei-os 17 anos depois, quando eles vieram morar no Rio. Convivo com eles até hoje. Eles não me explicaram por que me deixaram na casa dos meus padrinhos. Não tem problema. A essa altura, quero é vê-los bem e lhes agradecer por terem me influenciado a freqüentar a igreja".

Não há qualquer dúvida: Mamede é um homem de fé.



ZECA.

VINÍCIUS DE MORAES JÁ DIZIA NO SEU BELO SAMBA DA BENÇÃO:

“A VIDA É A ARTE DO ENCONTRO, EMBORA HAJA TANTO DESENCONTRO PELA VIDA”.

AOS 29 ANOS, JOSÉ CARLOS MONTEIRO GUIMARÃES, O ZECA, SABE BEM DISSO.

TEMPOS ATRÁS, ELE ANDAVA PELO MORRO DA MANGUEIRA DESNORTEADO,

ATÉ QUE SE DEPAROU NÃO COM UMA SOLUÇÃO PARA SUA VIDA, MAS COM

UMA OPORTUNIDADE. E ERA SÓ ISSO QUE ELE QUERIA.

Descia o Morro da Mangueira cabisbaixo, sentindo-se desvalorizado em seu trabalho.

Era entregador de quentinhas, e o dono do negócio, que atrasava seu salário, não deu ouvidos aos apelos para acertar a dívida. Zeca argumentava que trabalhara duro até então: levava mais de 50 quentinhas por dia, 25 em São Cristóvão, na Zona Norte do Rio, e mais 25 na Barra da Tijuca, na Zona Oeste. A caixa de isopor com os pratos feitos pesava mais de 35 quilos, o que causava fortes dores no ombro. E ele, com alguma frequência, ajudava as cozinheiras no preparo da comida. Nada disso sensibilizou seu patrão.

O ano era 2002, e Zeca não sabia que suas andanças na Mangueira estavam sendo observadas. Certo dia, Ricardo Barbosa, o Mangueira, resolveu puxar conversa. Tinha corrido para alcançar Zeca, e estava ofegante. Paralisado cerebral, Ricardo tem alguma dificuldade na fala. Cansado, expressou-se de maneira algo atabalhoada. “Você tem uma deficiência e, se jogar bola bem, pode participar do nosso time de paralisados cerebrais...”, disse Ricardo, já àquela altura um líder da equipe do IBDD.

Estressado com a situação de seu trabalho, Zeca, sem ser mal-educado, deu-lhe pouca atenção.

Dias depois, após nova tentativa frustrada de acordo para receber seu dinheiro, Zeca deixava o Morro da Mangueira com um estado de espírito oscilando entre o desânimo e a indignação. A descida da ladeira, pensava Zeca, simbolizava de certa forma seu momento. Mas a arte do encontro se impôs àquele pensamento derrotista. Cabeça baixa, já decidido a nunca mais voltar àquele lugar, Zeca foi surpreendido por um chamado. “Hei, você, espera aí”.

Tratava-se de Ricardo dando ao acaso um toque de magia. Com a fala mais calma, foi fazer a última tentativa de diálogo com Zeca. Trouxe fotos do time do IBDD, explicou a proposta do trabalho da instituição e pediu que ele fosse lá fazer um teste, já que tudo levava a crer que sua deficiência era advinda de uma paralisia cerebral.

O encontro na rua do Buraco Quente da Mangueira acabou sendo histórico na trajetória de Zeca. E ele sempre se comove quando fala disso: "Eu devo minha vida ao Mangueirinha, e isso não sai da minha cabeça. Parece que Deus colocou ele ali. Se um dia ele precisar de mim, faço qualquer coisa. Será difícil isso acontecer porque ele é um cara inteligente e preparado. De qualquer forma, Mangueira colocou luz na minha vida".

Agora, chegou a hora de se entender por que a trajetória de Zeca foi mesmo iluminada.

“SÓ PENSO NO QUE EU POSSO CONSEGUIR, COM MEU ESFORÇO E SENDO UMA PESSOA DIGNA”.

Assim que chegou para treinar no Aterro do Flamengo com o time do IBDD, o técnico Paulinho Cruz já reparou que Zeca era paralisado cerebral.

Só ficou na dúvida se ele estaria na Classe 6 ou 8. Feitos os exames pelo médico do IBDD, Zeca se integrou à equipe da instituição. Paulinho no primeiro treino já vislumbrou: “Esse moleque vai dar samba”.

Zeca tinha consciência de que agradara ao treinador. “Desde o momento em que comecei a conquistar meu espaço, já imaginava que seria um bom jogador e daria muitos frutos ao IBDD. Apesar da minha deficiência, eu sempre tive vaga na minha rua”, afirma ele, já totalmente dono de seu ofício.

Zeca conta com simplicidade como chegou até aquele momento. Nasceu em Austin, na cidade de Nova Iguaçu, mais precisamente na rua Itororó. Aos 15 anos, vendo o pai desempregado, começou a batalha pela vida. “Tive de trabalhar em obra, o que não era fácil com a minha deficiência. O serviço era muito pesado. Mesmo assim, consegui me superar, carregando cimento, virando massa, e com isso ajudava a sustentar a minha família. Lá em casa éramos oito irmãos, meu pai e minha mãe”.

O serviço era pesado, mas ele admite que gostava. Até porque procurou se especializar nas coisas mais leves: “Cuidava mais do rejunte de piso, e procurei ficar com a parte da limpeza. Fazia questão de deixar a obra limpinha; varria e lavava tudinho. E isso fazia com que o dono da obra gostasse de mim”.

Quando não aparecia obra, Zeca vendia vale transporte em passarelas da avenida Brasil, ganhando dez centavos em cada um. De vez em quando um policial implicava. E ele corria revoltado. “Não achava que estava fazendo algo errado, comprava os vales com o meu dinheiro. Uma vez tomaram meus vales todos, fiquei um mês sem trabalhar. Eu tinha gastado 200 reais naqueles vales”.

Zeca conta a história um pouco angustiado. Já estava cansado de obra, mas não teve jeito. “Tive de voltar, mas deu problema na minha perna comprometida, acabei fazendo uma drenagem, uma cirurgia. Fiquei um tempo em casa, parado”.

Recuperado, Zeca passou a vender quentinhas feitas no Morro da Mangueira, conheceu Ricardo e, no Campeonato Brasileiro de Paralisados Cerebrais, em 2003, após novos exames médicos, foi enquadrado na Classe 8, que é a dos menos comprometidos. Foi campeão brasileiro pelo IBDD e sua atuação ao longo da competição foi premiada com a convocação para a seleção brasileira, que tinha como técnico o mesmo Paulinho Cruz. Ao fazer sua primeira viagem internacional a Buenos Aires para disputar o Campeonato Mundial, Zeca teria uma surpresa.



A ssourea Saburre fortiter
conubium santet verecundus
rures. Quadrupel lucide
senesceret quinquennalis syrtis.
Pompeli insectat ossifragi.
Quadrupel incredibiliter



A esouexa Saburre fortiter
conubium santet verecundus
rures. Quadrupet lucide
senesceret quinquennalis syrtis.
Pompeii insectat ossifragi.
Quadrupet incredibiliter

Teve de se submeter a uma nova avaliação funcional, já que estrearia em torneios fora de seu país. Os exames mostraram, contudo, que ele não pertencia à Classe 8, e sim à 6, integrada por atletas com maior nível de comprometimento. De fato, já demonstrara dificuldade de cruzar as pernas e de alterná-las para frente e para trás. O que disfarçava essa complicação era o fato de ele ser muito, muito bom de bola. Entusiasmado, o técnico Paulinho Cruz previu: "Se ele já era um excelente jogador na Classe 8, na Classe 6 garanto que ele será considerado o melhor jogador do mundo". Estava coberto de razão. O Brasil foi vice-campeão mundial na Argentina, perdendo somente na final para a Ucrânia, com grandes desempenhos de Zeca na campanha do time.

Na semifinal contra a Argentina, vitória de 4 a 1, com dois gols de Zeca. Um deles, como o próprio salienta, à la Maradona: "Dominei a bola, driblei o zagueiro, me livrei do goleiro e fiz o gol. Mas... Sempre tem um "mas" contra a Argentina. O Brasil caiu na provocação dos argentinos, teve três jogadores expulsos e perdemos a final para a Ucrânia. Mesmo assim, voltei para casa bem feliz, com a medalha de prata no pescoço".

"Aquele foi a primeira medalha de prata do Brasil", valoriza Zeca. No avião de volta, ele teve uma sensação de paz. Lembrou-se da dificuldade para chegar aos treinos no Aterro do Flamengo. "Às vezes, sem dinheiro, dava até calote no trem".

Ele morava de aluguel, mas o IBDD já solicitava a Bolsa Atleta do Ministério do Esporte pelo seu desempenho na seleção brasileira. Ao perceber esse movimento, com voz de apaixonado, afirmou para Aline: "Acho que vou passar a receber um dinheirinho e a gente vai comprar nossa casinha". O jogador detalha com orgulho o imóvel que conseguiu adquirir: "A casinha em Austin tem garagem, sala, cozinha, dois banheiros, dois quartos, comprei ela quase pronta. Estou reformando, eu mesmo botei as telhas novas".

“AQUELA FOI A PRIMEIRA MEDALHA DE PRATA DO BRASIL”.

A sua participação nas Paraolimpíadas de Atenas, é claro, seria algo fundamental para a seleção brasileira. Em campo, Zeca correspondeu às expectativas. Ele se lembra como se fosse ontem de cada jogo na Grécia. "No primeiro, contra os Estados Unidos, fiz dois gols na vitória de 4 a 1; no segundo, contra a Holanda, mais dois, e vencemos por 6 a 1". Sobre esse jogo ele se dá o direito de deixar a modéstia à parte para narrar um dos seus feitos: "Recebi a bola fora da área, dominei, dando um toque para cima e, sem deixar ela cair, bati de perna esquerda. No ângulo! Um golaço!". Empolgado, Zeca continua: "No terceiro, contra a Rússia, não fiz gol, mas dei passe para um, e vencemos por 2 a 0".

Quando chegou ao Rio de Janeiro, desfrutava a sensação de felicidade. Talvez isso tenha ajudado a atrair Aline, que disse sim ao pedido de namoro do rapaz. No fim de 2006, mais um motivo para comemorar: nascia Endrew, o filho do casal.

Zeca não reclama de nada, pelo contrário: "Comecei a dar mais valor à vida. A melhor coisa que aconteceu comigo foi conviver com outros deficientes. Se eu tenho uma deficiência, vejo que um amigo tem também, e pior que a minha, e ele é feliz, então, como posso reclamar?".

Aos 29 anos, Zeca usa um verbo que ouvia constantemente em obras para mostrar seu atual estilo de vida: "Agora vou arrematar: hoje em dia, não penso para trás, não penso para baixo, só penso no que eu posso conseguir, com meu esforço e sendo uma pessoa digna".



ANDRÉ BRASIL.

O CARIOCA ANDRÉ BRASIL LEVA O PAÍS NO NOME E DIZ AMAR DEFENDÊ-LO EM COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS. MAS, QUANDO FALA SOBRE O ESPORTE PARAOLÍMPICO, DEIXA O TEMA DO NACIONALISMO À PARTE PARA SE DETER NA QUESTÃO HUMANA. ANTES DE FALAR SOBRE SUA TRAJETÓRIA DE SUCESSO, ELE REALÇA SEU APRENDIZADO NESSE UNIVERSO.

Mundial de Natação em dezembro de 2006, na cidade de Durban, na África do Sul. André fica intrigado. Vê um chinês preparando-se para nadar os 50m costas. O nadador, narra o brasileiro, não tem os dois braços. “Como ele vai segurar na borda para fazer a saída de costas?”, indaga a si mesmo. De repente, continua o atleta, o técnico do chinês se aproxima com uma corda, e o nadador a abocanha. André explica que a corda não pode ser usada para impulsioná-lo, apenas para mantê-lo na posição de largada. O chinês então apóia seus pés na piscina, e André fica ainda mais impressionado. Mas não crê que o nadador fará o movimento com a técnica adequada para a saída de costas. “Essa técnica exige que o nadador se projete para frente e para cima, fazendo um semi-arco com as costas”. E foi exatamente o que André o viu fazer. “Foi uma das saídas mais técnicas e belas que já vi. E a batida de perna dele, nem tenho palavras... era algo espetacular”.

André pôs-se a refletir. “Aqui neste Mundial eu vi imperfeições produzindo perfeições, e comecei a pensar no que é perfeito ou imperfeito nesse mundo”.

O chinês, é claro, foi campeão mundial. Mas agora é justo mergulhar na história de André.

Ao lado do pai, assistia às provas de natação das Paraolimpíadas de Atenas em 2004. De repente, seu Carlos Esteves comenta: “Hei, André, aquele nadador ali tem uma deficiência similar à sua, e está nas Paraolimpíadas”. O pai então foi com o filho ao IBDD e lá se constatou que André poderia ser mesmo um atleta paraolímpico. Nem toda história tem de ter drama ou dificuldade. Foi assim no caso de André.

Corria tudo bem, e ele, que sempre foi um grande nadador, inscreveu-se no Circuito Brasil Paraolímpico em Belo Horizonte, em 2005, já integrado à equipe do IBDD. Foi a sensação daquele torneio. Com o tempo de 24s53 nos 50m livre, superou o recorde mundial do canadense Benoît Huot, cuja marca era de 24s73. Duas semanas depois, no Circuito Paraolímpico em Recife, André superou novamente o canadense, dessa vez nos 100m borboleta, com o tempo de 59s29, 25 centésimos mais rápido que Huot.

Ele esperaria até setembro, quando aconteceriam os Jogos Mundiais em Cadeiras de Rodas – Tributo à Paz, no Rio de Janeiro. Na competição, após ser avaliado por classificadores do IPC, André tomou um choque: não foi considerado elegível para a natação paraolímpica e, como consequência, seus recordes não foram homologados. Aquilo lhe doeu na alma. “Foi o dia mais triste da minha vida”. Amparado pelos pais, o jovem foi para casa.

“EU VI IMPERFEIÇÕES PRODUZINDO PERFEIÇÕES”.

André, que pensava em largar a natação para se dedicar à faculdade de fisioterapia, ficou entusiasmado com o esporte paraolímpico e com as perspectivas dali para frente. Na natação olímpica, tinha obtido bons resultados como juvenil, como o primeiro lugar na prova de revezamento 4x100m livre no Campeonato Brasileiro Interfederativo. E era um dos grandes nadadores do país nas provas de velocidade no nado livre.

Os novos recordes mundiais de André, no entanto, teriam de ser homologados pelo Comitê Paraolímpico Internacional (IPC). Uma banca da entidade deveria avaliá-lo para confirmar sua classificação, a S10, na natação paraolímpica, embora ele já tivesse tal confirmação do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB).

Retirado de forma abrupta do esporte, André se sentou no sofá e deixou-se levar pelo pensamento. De repente, aos 21 anos, flagrou-se a refletir sobre o que havia acontecido na sua vida até ali. Imagens foram vindo à sua mente, como a do bebê de três meses de idade, no qual foi constatada a paralisia infantil. A partir daquele momento, André se submeteria a sete cirurgias, uma por ano, com o objetivo de melhorar sua mobilidade no futuro. A última, aos sete anos, obrigou-o a ficar quatro meses numa cadeira de rodas. André se deu conta de todo o esforço dos seus pais, que, cedo, matricularam-no na natação de um clube do Méier, na Zona Norte do Rio.

ADIMA Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi



Aqueles meses foram duros. “Não foi fácil conviver com olhares de desconfiança em relação à minha deficiência. Amadureci muito nesse período. Passei a prestar atenção na política que existe no esporte, nas coisas erradas do país, algo que até então eu não acompanhava”, recorda André, que contou com a parceria do IBDD, junto com seu técnico, o Professor Marco Veiga, e do Comitê Paraolímpico Brasileiro até tentar nova avaliação do IPC sobre sua classificação funcional.

A ansiedade se apoderou de André no dia em que ele chegou à cidade de Bloemfontein, na África do Sul, naquele abril de 2006. Ele, enfim, seria reavaliado pelo IPC. Estudara a fundo sua deficiência e funcionalidade, até porque fazia faculdade de fisioterapia. Leu várias vezes o manual de classificação de deficiências da entidade. Não conseguiu dormir na véspera da avaliação. Pensou em como queria ver sua deficiência reconhecida e como aquele processo estava lhe ajudando a se assumir como deficiente. “Você é, sim, da categoria S10”, afirmou uma médica australiana ao nadador.

Aquelas palavras soaram como música, é claro. Na frente dos avaliadores, ele chorou um bom tempo. E às lágrimas ligou para sua mãe, Tânia. “Meu filho, calma...”. Como André só chorava e nada dizia, dona Tânia concluiu que ele não conseguira seu objetivo maior. “Até que informei a ela que tudo tinha dado certo”, diz André, agora rindo muito.



PÁGINA AO LADO: Saburre fortiter
conubium santet verecundus
rures. Quadrupei lucide
senesceret quinquennalis syrtes.
Pompeii insectat ossifragi.
Quadrupei incredibiliter

Sem caber em si de felicidade, André foi passear por Bloemfontein, festejando a confirmação com membros do CPB. “Eu, Adriana, Jaqueline e Andrew fomos a um safári, sugestão de um motorista já idoso, que informou que lá havia vários animais, embora há 30 anos ele procurasse uma espécie do parque: o guepardo. Assim que entramos no parque o motorista se espantou, pois havia não só um guepardo, mas um casal com um filhote. Naquele dia tudo deu certo para mim”, diz André, ainda hoje em tom de comemoração.

Competiu com prazer aquele Campeonato de Verão da África do Sul. E seus resultados foram expressivos: primeiro lugar nos 50m, 100m e 400m livres; e nos 50m costas e 100m borboleta. André, no entanto, queria mais.

“NÃO FOI FÁCIL CONVIVER COM OLHARES DE DESCONFIANÇA”.

Em dezembro de 2006, haveria o Mundial da África do Sul, em Durban. O nadador se preparou para o torneio com o claro objetivo de bater recordes mundiais. E o fez em três provas: 50m livre (com o tempo de 24s36), 100m livre (52s61) e 100m borboleta (58s). Obteve ainda a medalha de ouro nos 400m livre e a de bronze nos 200m medley e no revezamento 4x100m livre, na companhia de Clodoaldo Silva, Marcelo Collet e Danilo Glasser.

Aos 23 anos, André sonha com uma medalha nos Jogos Parapan-americanos e outra paraolímpica. Mas percebe que esse universo já lhe deu muito no campo pessoal. “Não só passei a aceitar minha deficiência como a reparar mais nas pessoas à minha volta. Esse convívio com as pessoas com deficiência, seja no IBDD, seja nas competições esportivas, me trouxe grandes lições. Hoje, o que me interessa nele é a diversidade das pessoas. É mais ou menos como o meu gosto musical, que é bem eclético. Curto forró, rock, metal, Djavan para baixar a adrenalina e algo mais pesado para aumentá-la antes de competir. Vejo o brasileiro Lucas Ito nadar nos torneios. Ele não tem movimento nos braços e nas pernas, mexe basicamente a cabeça e o quadril, e faz isso de maneira brilhante. O que quero dizer é que me surpreendo com a capacidade do ser humano, e sua vontade de exercitá-la”.

André consegue explicar melhor o que quer dizer com outra reminiscência do Mundial no qual voltou ao esporte paraolímpico. “Sabe aquele chinês que me impressionou nadando costas? Pois é. No fim do Mundial, teve um jantar comemorativo com todas as delegações. E eu não tirei o olho dele. De repente, chega à sua mesa um macarrão, e ele pede aqueles dois palitos. E eu perguntei: como esse cara vai comer isso? E ele fez a refeição com os pés, segurando os palitos melhor do que eu com as mãos. E ainda comeu uma melancia de sobremesa. Entende o que quero dizer agora?”.

Mais claro, impossível.



LOURDES.

ATLETA DO IBDD DESDE 2005, A CARIOCA LOURDES MARIA SILVA DE SOUZA É OUTRA PESSOA DEPOIS QUE FEZ AMIZADE COM JUDOCAS PARAOLÍMPICOS. AOS 22 ANOS, CONTA QUE FOI UMA ESPÉCIE DE AVENTURA CONHECÊ-LOS. AO ESTREITAR LAÇOS, NOTOU QUE O BOM HUMOR COSTUMA DAR O TOM ENTRE ELES. CERTA VEZ, NA VOLTA DE ÔNIBUS DE UMA COMPETIÇÃO, ESCUTOU UMA FRASE DE UM LUTADOR CEGO QUE A FEZ RIR POR LONGOS MINUTOS. “EM TERRA DE CEGO, QUEM TEM UM OLHO É ESCRAVO. PEGA A MINHA BENGALA, MANÉ”, REPETE A FRASE, SEM CONSEGUIR CONTER A GARGALHADA NOVAMENTE.

Lourdes é B3. Isso significa que ela, com ajuda de óculos, anda pelas ruas com relativa facilidade. Na hora de lutar, porém, ela tira os óculos e vem à tona sua deficiência: menos de 30% de capacidade visual. Se seu problema é resolvido com óculos, os dos seus amigos são solucionados com incríveis artimanhas. “A Renata Quintão, por exemplo, sabe usar bengala com perfeição. E quando chega numa casa, tenta conhecer bem o espaço e depois se movimenta de maneira impressionante. Isso foi um aprendizado para mim, para meus pais e minha avó quando eles receberam a Renata. A cegueira não a impede de viver, e viver bem!”.

Lourdes vê lições de vida em cada atleta paraolímpico. Sua percepção das coisas mudou desde que entrou nesse universo. Em suas viagens ao exterior, sempre repara na acessibilidade dos lugares. “Em Londres, as calçadas todas têm rampa, alguns sinais são sonoros e o chão é tátil, com relevos que ajudam o cego a se movimentar nas ruas. Na Torre de Londres, onde são guardadas as jóias da coroa, há uma réplica das jóias para o cego saber como elas são. Em Bruxelas, os sinais são sonoros na maioria. Em Lisboa, há uma réplica pequena da Torre de Belém e, ao lado, um texto explicativo em braille”.

Quanto ao Brasil, acrescenta ela, quando há rampa, é inadequada. “E no Rio de Janeiro, só conheço um sinal sonoro: o em frente ao Instituto Benjamin Constant, na Urca. Ganhei sensibilidade para reparar nessas coisas com o esporte paraolímpico, e isso não sai mais da gente...”.

Lourdes tem dificuldade de pôr em palavras o que representou sua entrada no universo paraolímpico. "São tantas histórias tristes e legais que eu nem sei por onde começar". No Mundial de 2005, em São Paulo, a turma da seleção brasileira soube que ela falava inglês com fluência, e lhe pedia para trocar objetos e uniformes com delegações estrangeiras. Imbuída da função, Lourdes de repente estava no quarto de judocas americanas. A carioca então ficou atônita ao ver uma atleta com o quinto volume da história de Harry Potter em braille. Ela pensou alto: "O livro ainda nem foi lançado no Brasil, e nos Estados Unidos eles já têm uma versão em braille. O Brasil tinha de ter mais coisas em braille".

“SÃO TANTAS HISTÓRIAS TRISTES E LEGAIS QUE EU NEM SEI POR ONDE COMEÇAR”.

Naquele Mundial de São Paulo, ela teve um desempenho brilhante. Na categoria peso-pesado, enfrentou na final uma japonesa faixa preta de 120kg. Lourdes confessou: "Tive pânico, eu me apavorei, foi uma coisa terrível". Perguntada como conseguiu bater adversária tão forte, ela nem titubeia: "Não sei", ainda hoje impressionada com o tamanho do desafio que superou.

Virou notícia. De repente, vinha alguém e perguntava: "Foi você que derrotou aquela japonesa enorme?". Um lutador americano também comentou: "Soube que você lutou muito bem".

Aquelas palavras, no futuro, ajudariam Lourdes a ter alguma convicção de que poderia ser uma boa lutadora. Ela, no entanto, entra nas lutas bem insegura. Pensa na sua pouca experiência, no maior tempo de judô das rivais e no quanto ainda tem que aprender. "Lembro sempre que o Eduardo tem 37 anos na modalidade". Ocorre que essa insegurança, reconhece Lourdes, também a leva a ter bons resultados, pois entra para lutar extremamente concentrada.

Pudera. Ela se deparou com situações inesperadas nos primeiros treinos. Tomou, por exemplo, uma queda de João Quirino, cego, que lhe valeu dores intensas nas costelas. "Doía até quando eu respirava", recorda ela.

Dos primeiros treinos à sua estréia num grande torneio, o tempo foi curto, muito curto. Quatro meses depois, Lourdes disputaria o Grand Prix do Brasil e, em seguida, o Mundial da IBSA (Federação Internacional de Esporte para Cegos), ambos em São Paulo. Em 2006, obteve a terceira colocação no Mundial de Brommat, na França.

Nos torneios, ela se mostrava nervosa. Numa das lutas, Eduardo Paes, o medalhista de prata nas Paraolimpiadas de Atenas, recomendou: "Lourdes, não se afobe, mantenha a calma", acrescentando que ela deveria usar esta e aquela estratégias. Aquele apoio dele e do técnico José Fonseca, junto aos gritos de incentivo da equipe do IBDD, levaram a judoca a perceber que ganhara uma nova família. Fonseca, Eduardo, os judocas do IBDD, além do gerente de esporte da entidade, Matias Costa, são hoje referências fortes de amizade. Lourdes se emociona quando fala deles.

ABAIXO Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennialis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi



E é tão apaixonada por judô que, perguntada sobre quando começou a lutar, responde rapidamente: "Foi no dia nove de março de 2005". Explica que a data se refere ao tempo em que ela começou na modalidade de fato, pois, aos oito anos, pisou pela primeira vez num tatame, numa academia em frente a seu prédio, na Tijuca. Ainda com espírito infantil, foi ali que ela conquistou suas primeiras medalhas, embora tenha ficado por lá somente por alguns meses. Reencontraria o esporte 12 anos depois.

Sua mãe, no entanto, iria se orgulhar de uma iniciativa da filha. Lourdes tem um perfil bem acadêmico e adora estudar. Desde pequena, as boas notas são constantes. Optou por fazer engenharia civil, e passou em primeiro lugar na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Universidade Federal Fluminense (UFF) e na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Escolheu a UFRJ, na qual foi selecionada para ser monitora de cálculo no quarto período. A função lhe rendia R\$ 300,00 por mês.

De certa forma, comentários em tom de brincadeira foram premonitórios. "Você pode lutar no judô paraolímpico", diziam alguns alunos, sem saber que era exatamente o que iria acontecer. Até que chegou às mãos de Lourdes o telefone de José Fonseca, treinador do IBDD, instituição pela qual ela tem conquistado muitas vitórias. Fora dos tatames, também é muito bem-sucedida: já planeja fazer um mestrado relacionado a materiais alternativos de construção, dedica-se à carreira de professora de inglês e ainda encontra tempo para aprender francês.

“EM TERRA DE CEGO, QUEM TEM UM OLHO É ESCRAVO”.

Na sua adolescência, teve algumas idéias pouco ortodoxas para uma menina entre 12 e 14 anos. "Mãe, quero jogar futebol". Recebeu um não como resposta. Tentou de novo. "Mãe, quero tocar bateria". Outro não. "Mãe, quero fazer judô". Mais uma negativa. Dona Maria Eloisa tinha argumento para tudo: "Futebol é para menino"; "bateria faz um barulho danado, e o pessoal do prédio vai reclamar"; "judô... bem, você vai acabar se machucando...".

Com isso, ela se matriculou na academia próxima à sua casa e reencontrou a luta de que começou a gostar aos oito anos. Certo dia, ela ouviu um diálogo extremamente curioso entre um dos professores e uma aluna. "Eu tenho um grau de miopia", disse a garota. Enchendo-se de orgulho, e disposto a ganhar aquela espécie de competição, o professor foi enfático: "Pois eu tenho quatro graus de miopia". Lourdes não resistiu àquela conversa. "Gente, eu nem vou entrar nesse torneio para não chocar vocês. Se entrasse, ganharia longe".

Lourdes é assim: leva a vida com alegria. E isso faz toda a diferença.



A dextra Saburre fortiter
conubium santet verecundus
rures. Quadrupel lucide
senesceret quinquennalis syrtis.
Pompeli insectat ossifragi.
Quadrupel incredibiliter

PAGINA AO LADO Saburre fortiter
conubium santet verecundus
rures. Quadrupel lucide
senesceret quinquennalis syrtis.
Pompeli insectat ossifragi.
Quadrupel incredibiliter

PAULO ROBERTO & ROBERTO JULIAN.

OS IRMÃOS PAULO ROBERTO BARRETO SILVA JÚNIOR E ROBERTO JULIAN SANTOS DA SILVA TINHAM, RESPECTIVAMENTE, 19 E 6 ANOS, QUANDO DONA POSSIDÔNIA DOS SANTOS, MÃE DOS MENINOS, DESCOBRIU QUE OS FILHOS SOFRIAM DA MESMA DOENÇA: A RETINOSE PIGMENTAR QUE, AOS POUCOS, TIRA A VISÃO. POR SER MAIS VELHO, PAULO ROBERTO VIVEU TODAS AS DIFICULDADES DE SE LIDAR COM O PROBLEMA, PAVIMENTANDO O CAMINHO DO CAÇULA. ESTA HISTÓRIA TRATA DA TRAJETÓRIA DESSES DOIS IRMÃOS, DE COMO UM FOI ESPELHO PARA O OUTRO E DE COISAS EM COMUM ENTRE ELES.

Nascido em 25 de março de 1973, no Morro do Borel, Paulo Roberto descobriu a doença degenerativa no seu nervo ótico quando um oftalmologista da Ótica do Povo lhe pediu para fazer exame mais cuidadoso. O médico solicitou a presença da sua mãe: "Há pigmentações comprometedoras e, nesse caso, é necessária uma grande avaliação oftalmológica".

Preocupada com a possibilidade de a doença ser hereditária, ela resolveu levar não só Paulo Roberto como o filho mais novo, Roberto Julian, então com seis anos, ao Hospital dos Servidores do Estado. Ali houve dois diagnósticos: o de Paulo Roberto, que estava com retinose pigmentar avançada, e o de Roberto, que estava com a mesma doença, só que em estágio inicial. Não existia tratamento para a retinose no Brasil. Meses depois, Paulo e Roberto Julian receberam mais uma notícia ruim: a morte do pai, após uma parada cardíaca.





A esquerda Saburre fortiter
conubium santet verecundus
rures. Quadrupel lucide
senesceret quinquennalis syrtis.
Pompeii insectat ossifragi.
Quadrupel incredibiliter

Um sintoma da retinose é a grande dificuldade de se enxergar à noite. É comum pessoas com essa baixa visão trombarem com outras na rua. As crianças, por exemplo, têm dificuldade de ver o escrito ou desenhado no quadro negro do colégio. Foi o caso de Paulo Roberto que, antes de saber da gravidade doença, já apresentava pouco interesse na escola. Sem saber, era um indício dos sintomas. Sua mãe se desdobrava para pagar um colégio para ele, que só pensava em jogar bola. “Ela ficou revoltada ao saber da minha segunda reprovação na sétima série, e aquilo mudou comigo”. As palavras de dona Possidônia foram mesmo duras: “Vou ter outra atitude para você aprender a dar valor às coisas: vai ter que trabalhar e estudar”. Em poucas palavras, a mãe explicou como seria sua vida dali por diante. Aos 12 anos, teve sua primeira experiência de trabalho em um supermercado. Depois de fazer cursos preparatórios, buscou outras oportunidades.

Embora tivesse bom relacionamento com o chefe, Fernando Taranto, por quem era considerado um bom funcionário, a progressão da retinose em ritmo acelerado lhe trouxe problemas no emprego. “Nas ruas, comecei a esbarrar em postes e em gelos balanos”. Na empresa, o chefe o chamou, e ele ficou nervoso por não conseguir ler em voz alta uma proposta de benefícios. Paulo não enxergava as letras e teve de admitir isso ao chefe. Tempos depois, os dois tiveram uma conversa séria. Fernando disse que a empresa ainda não tinha se adaptado para que ele fizesse serviços internos. Paulo saiu de lá aposentado por invalidez, em 1997.

“PASSEI A VER A VIDA COMO UM CEGO. MAS SABENDO QUE IRIA DAR A VOLTA POR CIMA”.

Tinha 15 anos quando foi para uma empresa de exportação de café. Aos 19, já sabendo da retinose, terminou o segundo grau, e ingressou numa empresa de engenharia, como contínuo. De lá foi chamado para uma corretora de seguros.

Ficou sem perspectiva naquele momento. Passado o sobressalto, teve uma atitude extremamente positiva ao investir seu tempo em reabilitação. Aprendeu a utilizar o DosVox, um programa de computador desenvolvido para a pessoa com deficiência visual. Teve ainda aula de orientação e mobilidade, em que aprendia noções de locomoção com sua bengala guia. Estava assim mais preparado para sonhar com uma volta ao mercado de trabalho. “Eu me senti mais livre e menos dependente de auxílio”, lembra.

Mas, em 1999, dona Possidônia soube que em Cuba se fazia uma cirurgia para reduzir os danos da retinose pigmentar. Para ir à capital cubana, entretanto, um médico do Sistema Único de Saúde tinha de avalizar aquele diagnóstico. Muitos se recusaram, e a única médica que aceitou fazê-lo mandou sua autorização em duas cartas, uma para cada irmão, e nelas argumentou que não havia aquele tratamento no país.

O Fundo Nacional de Saúde do governo federal liberou recursos para a mãe e os dois filhos irem a Cuba. Os três foram para Havana e lá ficaram 21 dias. Os irmãos fizeram a cirurgia. Paulo Roberto, no entanto, não conseguiu ter a cegueira contida. Já Roberto Julian diz que o tratamento ajudou a manter sua capacidade de visão. “A operação retardou o progresso da retinose”, explica Roberto Julian.

Paulo Roberto estava então com 26 anos e Roberto Julian com 13. Consciente de que tentara tudo para recuperar a visão, o irmão mais velho tinha naquele momento assumido completamente sua condição de cego. “Passei a ver a vida como um cego. Mas não um cego destruído, arrasado, e sim esperançoso e sabendo que iria dar a volta por cima”.

Tal estado de espírito atraiu coisas boas. Em 2000, um amigo de colégio ligou para Paulo, convidando-o para uma sociedade num estúdio de ensaio musical. Ele levantou o dinheiro e passou a trabalhar muito. Recebia os clientes e fazia a passagem de som. A sociedade durou três anos, depois dos quais o estúdio foi vendido. Paulo Roberto estava novamente sem ocupação.

Roberto Julian, o irmão caçula, acompanhou os passos do irmão. Fez curso de massoterapia, drenagem linfática e alongamento. E ainda trabalha na área administrativa de um grande hospital do Rio, por indicação da área de mercado de trabalho do IBDD. Os irmãos riem quando reparam as muitas coisas em comum. "Eu acabei casando com a irmã da mulher dele", diz Roberto, que tem um filho de dois anos, Gabriel Lucas, com Camila.

Paulo Roberto levou Roberto Julian para o judô. O caçula treina com Fonseca e com seu professor e incentivador, Leonardo Lara. Roberto Julian é apenas um iniciante. Aos 21 anos, no entanto, seu currículo já impressiona, com três medalhas de prata em campeonatos brasileiros: no de 2005, na categoria meio pesado – quando disputou a final com o tricampeão paraolímpico Antônio Tenório –, e nos de 2006 e 2007, agora na categoria peso médio.

“ELE É O MEU EXEMPLO MAIOR. FICOU CEGO E CONSEGUIU TRABALHAR, CONQUISTAR SUAS COISAS”.

Nada que o desanimasse. Nenhum obstáculo o detinha na luta por uma vida melhor. Dirigiu-se então ao Instituto Benjamin Constant, e se inscreveu no curso de massoterapia. Não teve dificuldade para adquirir clientela. Fez mais cursos ligados a massagem, como drenagem linfática, alongamento e shiatsu, além de outros, de auxiliar de radiologia, telemarketing e perfumaria artesanal. O número de clientes que solicitavam seus serviços foi crescendo.

Estava para acontecer outra coisa marcante. Paulo Roberto mudou-se do Morro do Borel para uma casa própria em Campo Grande. O fato de morar num terreno plano melhorou sua qualidade de vida. Lembra-se do tempo em que ia até a casa da namorada, Adriana de Souza, no alto do morro. “É algo bem difícil para um cego”. Paulo casou com Adriana, e os dois foram morar na Zona Oeste da cidade. A filha do casal, Thaiza, nasceu lá. Hoje, ela tem sete anos. Adriana tem dois filhos do primeiro casamento, Carlos Eduardo, de 17, e Thainara, de 12. “Somos uma família muito feliz”.

O judô é só mais uma das coisas em comum dessa dupla familiar. Em 2002, Paulo Roberto se viu com 95 quilos e decidiu ter uma vida saudável. Em função disso, ele foi até o Centro Esportivo Miécimo da Silva, em Campo Grande, onde se inscreveu na aula de judô, na qual só havia dois deficientes visuais, ele e mais um. Vendo um futuro para Paulo no judô paraolímpico, o professor Jiu o encaminhou para o mestre Hélio de Oliveira, que, por sua vez, apresentou-o ao técnico Fonseca, do IBDD. “Desde então estou no IBDD. Em 2006, tive a honra de substituir o Eduardo Paes, que estava lesionado, no Campeonato Brasileiro. E me tornei campeão brasileiro da categoria leve, para lutadores que têm peso entre 67 e 73 quilos. Vi ali todo o meu esforço para me transformar num grande atleta. Estava recompensado”.

É fã do irmão Paulo Roberto. “Ele é o meu exemplo maior. Ficou cego e conseguiu trabalhar, conquistar suas coisas, sem nunca perder a fé de que as coisas iriam melhorar”, elogia Roberto Julian, que hoje tem apenas 40% de visão.

Os dois irmãos, é claro, são muito amigos. São massoterapeutas, judocas e extremamente agradecidos a uma certa senhora, Possidônia dos Santos. “Considero minha mãe uma grande vencedora. Nunca desistiu diante das dificuldades. E eu e Roberto seguimos esse exemplo”.

ABAIXO Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtis. Pompeli
insectat ossifragi. Quadrupel
incredibiliter



THIAGO.

THIAGO CARNEIRO TINHA QUATRO MESES QUANDO A MÃE, PREOCUPADA, SAIU À RUA PARA LEVÁ-LO A UMA CLÍNICA, POIS O BEBÊ ESTAVA COM UMA FEBRE QUE INSISTIA EM CONTINUAR. COMEÇOU A CHOVER NA PRAÇA ROBERTO SILVEIRA, NO BAIRRO DE SÃO MATEUS, NA CIDADE DE SÃO JOÃO DE MERITI. DONA SÔNIA, QUE SEGURAVA O BEBÊ NO COLO, TROPEÇOU EM ALGUMA COISA, E A CRIANÇA CAIU. FICOU DESESPERADA QUANDO PERCEBEU QUE THIAGO FOI DIRETAMENTE PARA UM BUEIRO, SENDO LEVADO PELA ÁGUA. ATÉ QUE UM HOMEM CONSEGUIU RETIRAR O MENINO DO BUEIRO SEGUINTE. "EU ESTOU VIVO PORQUE DEUS QUIS", COSTUMA DIZER THIAGO.

Thiago foi levado ao Hospital de Bonsucesso, onde teve duas paradas cardíacas e ficou internado durante quatro meses. Chegou a ser desenganado pelos médicos. Jairo, o pai, procurou um pastor da igreja evangélica, que o recomendou: "Não perca a fé". "Quando vimos que o Thiago sobreviveu, entendemos o fato como um milagre", afirma o pai, agradecendo muito não só o conselho do pastor como sua constante presença na casa da família, orando pela criança. Bebê, Thiago passou a freqüentar a igreja evangélica com os pais.

Aos sete anos, depois de fazer um sem-número de sessões de fisioterapia, Thiago estava pronto para ser um garoto como os outros de São João de Meriti. Foi com emoção que o pai o viu jogar as primeiras peladas. Seu Jairo jogara no Botafogo "no tempo do Josimar e do Mendonça", e sempre dava apoio ao menino para praticar futebol. Até porque percebeu que ele levava jeito para a coisa. Thiago tinha ficado com seqüelas do acidente, que o levaram a perda de visão do olho esquerdo e a um comprometimento no braço esquerdo. Nada disso, no entanto, impediu o menino de ter qualidade como atacante. Nos estudos, a vida também corria de maneira satisfatória. "Estudei normal, não tive dificuldade de aprender a ler e escrever. Fiz o meu primário, o meu ginásio. Uso uma prótese no olho esquerdo e tenho dificuldade de pegar um copo ou mesmo amarrar um cadarço com a mão esquerda. Mas isso não me atrapalhou na escola", esclarece ele.



Quando em 2006 Thiago passou a integrar o time do IBDD, seu pai o chamou para uma conversa. “Filho, se você quer ser atleta, não pode sair e chegar tarde da noite, beber então nem se fala. Você está com uma excelente oportunidade nas mãos. Agora, precisa se alimentar bem, ter uma vida de esportista”, disse o pai. “Esse conselho foi fundamental para mim. Meu pai sempre gostou de esporte e praticou futebol. Sabia do que estava falando. Ele também me deu boas dicas sobre como me posicionar em campo, fugir do zagueiro, proteger a bola, como esperar um cruzamento na área”, afirma Thiago. Ele também recebeu força da mãe nos estudos. “Sem estudo, Thiago, tudo fica mais difícil”, dizia dona Sônia, que também pedia ao filho para ser respeitador com as namoradas.

“EU ESTOU VIVO PORQUE DEUS QUIS”.

Foi com essa base familiar que Thiago chegou ao IBDD. A história dele na entidade, no entanto, não começou por causa do futebol de sete. Ele foi à instituição à procura de emprego. Estava para ser recebido por João Carlos Farias, quando bateu os olhos na sala de troféus. “Vocês têm um time de futebol?”, perguntou o rapaz, depois de vencer a timidez. Da pergunta à apresentação para um teste, tudo aconteceu muito rápido. Só faltavam agora os exames para avaliar se ele tinha paralisia cerebral. O médico do IBDD chegou então à conclusão de que Thiago podia, sim, fazer parte do time de futebol de sete. Ligou para o pai contando a novidade.

“Pai, eu sou PC”, disse ele explicando todo o processo. O pai não viu qualquer revolta no filho e sim felicidade por ter realizado um sonho. “Eu não sabia que tinha paralisia cerebral”, comenta Thiago.

Thiago já mostrara suas qualidades para atuar no time do IBDD. Agora, iria passar por novas avaliações, já que fora inscrito para o Campeonato Brasileiro de 2006, em Mato Grosso do Sul. Seria o primeiro teste numa competição oficial. Na sala de espera do exame, conheceu um jogador com um problema parecido com o seu no braço esquerdo. Quando ele saiu da sala do médico, Thiago não resistiu à pergunta: “E aí?”. A resposta o deixou ainda mais tenso. “O médico disse que eu não sou PC”, respondeu o colega de outra equipe.

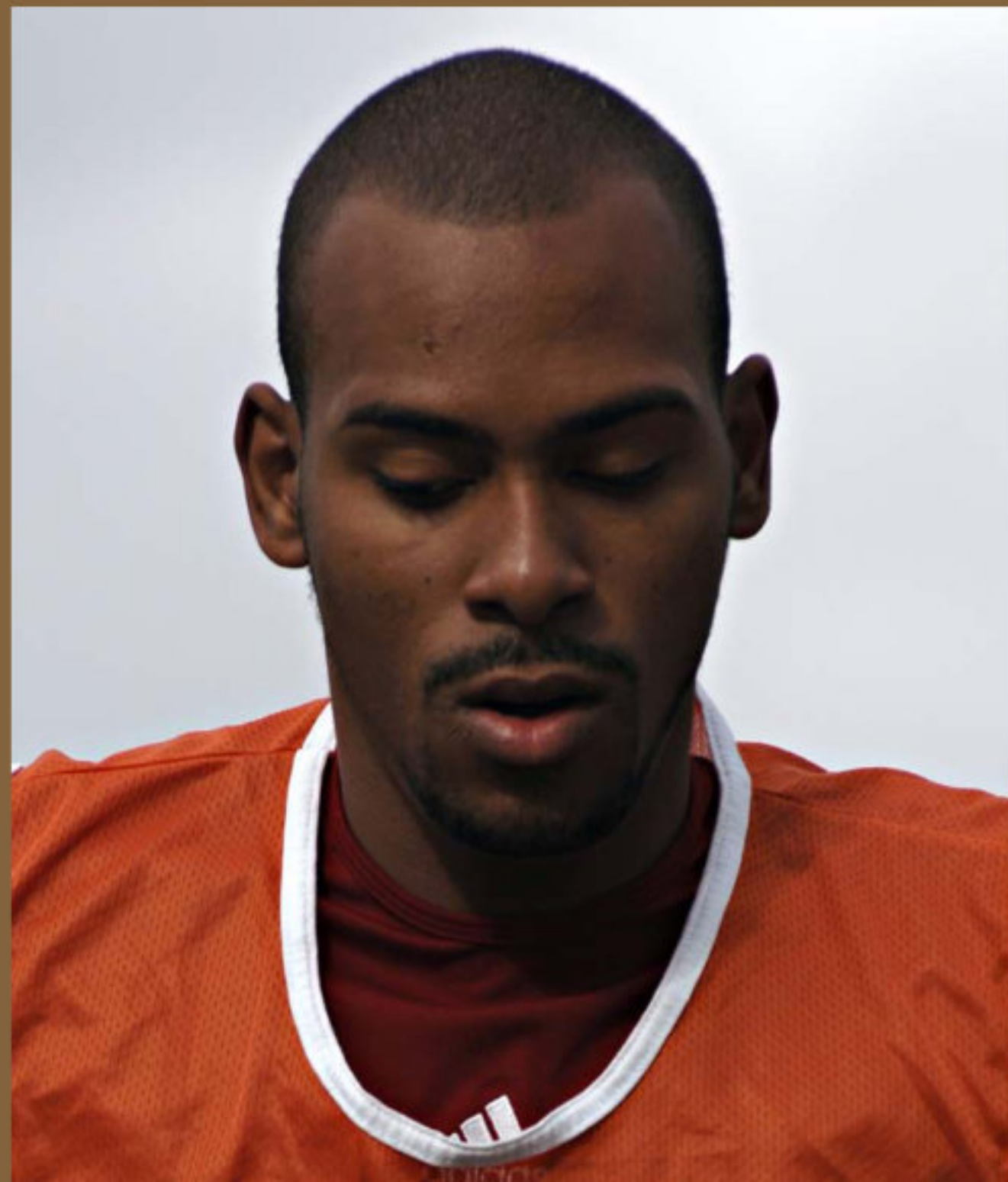
A fisioterapeuta do IBDD, Marcia Fernandes, procurou acalmá-lo. “Fique tranquilo, vocês podem ter o mesmo problema só aparentemente”. Marcia tinha razão. Thiago foi avaliado como PC, e comemorou muito. “Se eu tinha qualquer problema com a minha deficiência, ele deixou de existir ali naquele momento quando me peguei vibrando por ser PC. Foi uma coisa engraçada, mas ser PC me levou a realizar um grande sonho. Queria muito disputar aquele Campeonato Brasileiro. A Marcia me deu parabéns, depois o técnico Paulinho Cruz, o gerente de esporte Matias Costa, o time inteiro. Fiquei muito emocionado”, conta Thiago, ainda hoje empolgado.



A esquerda Saburre fortiter
conubium sancte verecundus
rures. Quadrupel lucide
senesceret quinquennalis syrtis.
Pompeii insectat ossifragi.
Quadrupel incredibiliter

ARAIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeii
insectat ossifragi. Quadrupel
incredibiliter

PÁGINA AO LADO Saburre fortiter
conubium santet verecundus
rures. Quadrupel lucide
senesceret quinquennalis syrtes.
Pompeii insectat ossifragi.
Quadrupel incredibiliter



Ao que parece, a felicidade de Thiago se estendeu ao campo. No torneio, após ser avaliado como classe B, jogou tanta bola que, embora o IBDD tenha ficado em quarto lugar, foi considerado o jogador revelação. Exibe com orgulho o troféu que enalteceu suas qualidades técnicas.

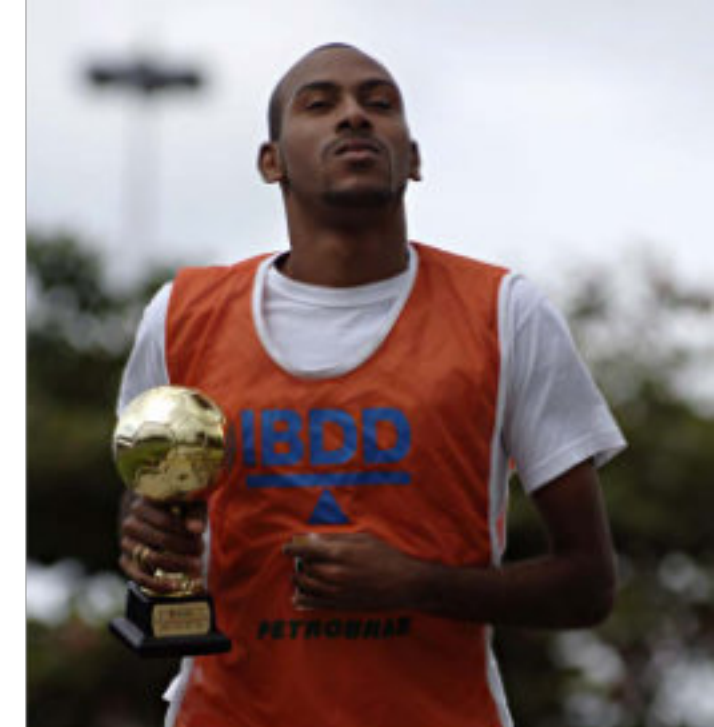
Thiago não joga só bola pelo IBDD. Por intermédio da entidade, teve experiências de trabalho que o marcaram. Passou seis meses de sua vida como camareiro da Rede Globo. "Cuidava da roupa dos artistas, fazia bainha, colocava o botão na blusa, e conheci a Juliana Paes, o Fábio Assunção, o Stênio Garcia...", recorda o atleta, que, mais novo, já tivera outras ocupações, como continuo, caixa de supermercado e auxiliar de pintor de paredes.

110.111

Thiago se enchia de orgulho quando via na tevê uma roupa preparada por ele. E tomou um gosto irreversível por trabalho. É atleta, mas vive fazendo cursos profissionalizantes propostos pelo IBDD. Atualmente, dedica-se ao esporte e acabou de terminar um curso de auxiliar administrativo. Fala com animação sobre as oportunidades que o esporte lhe ofereceu. "Tenho 20 anos, e o esporte já me deu muita coisa. No meu time, há pessoas com diferentes graus de paralisia cerebral, e eu os vejo sempre tão felizes, sempre tão a fim de trabalhar... Por isso que eu digo: o esporte me ensinou a ser um lutador, a nunca desanimar e a ter um objetivo na vida", diz Thiago, sem qualquer preocupação em disfarçar a emoção.

"O ESPORTE ME ENSINOU A SER UM LUTADOR, A NUNCA DESANIMAR E A TER UM OBJETIVO NA VIDA".

Thiago é aquele tipo de jovem que sonha com as jogadas antes de entrar em campo. É tão apaixonado por futebol que é só puxar conversa que ele dispara a falar dos seus ídolos e do seu Flamengo. Diz que um dos grandes momentos da sua vida foi o gol de falta do "Pet", o sérvio Petkovic, aos 43 minutos do segundo tempo, que deu o título do tricampeonato estadual à equipe rubro-negra. Quem conversa com ele vê um rapaz cheio de vida, entusiasmado com o esporte, com o trabalho e com a perspectiva de fazer faculdade de direito. Talvez esse estado de espírito o ajude a conseguir coisas boas na vida. É difícil para ele lembrar momentos tristes. "A morte da minha avó Neuza, quando eu tinha 19 anos, foi algo que me deixou mal, pois ela cuidou muito de mim quando eu era mais novo.



A separação dos meus pais, quando eu tinha 12, foi outra coisa marcante. Mas hoje eu entendo os motivos dos dois, e sou muito apegado a eles".

De olhos voltados para o futuro, e para uma oportunidade na seleção brasileira, Thiago não resiste à metáfora com o futebol: "Quero fazer muitos gols na vida".



RENATA.

RENATA QUINTÃO NÃO VAI ÀS PARAOLIMPÍADAS DE ATENAS? A PERGUNTA FEITA À EXAUSTÃO EM 2004 INCOMODAVA A JUDOCA. ELA TINHA PASSADO NUM CONCURSO PÚBLICO PARA A JUSTIÇA FEDERAL, E NÃO SE SENTIA COM SAÚDE SUFICIENTE PARA PARTICIPAR DOS JOGOS. TINHA DE QUANDO EM QUANDO LABIRINTITE. DIANTE DISSO, TOMOU A SURPREENDENTE DECISÃO.

Renata fizera carreira rápida no judô paraolímpico. Participou de sua primeira competição em 2001. Em 2002, no Mundial de Roma, ela impressionou ao ganhar a medalha de bronze na categoria até 48 quilos. Em 2000, já estava formada em Direito na Universidade de Itaúna, cidade bem próxima a Belo Horizonte. Hoje, de volta ao judô, transita entre a luta, o emprego e uma gama de interesses bem diversos. Muitos chegaram a pensar que ela ia parar de lutar depois de não ir a Atenas. Engano. Impulsionada por pessoas como Antônio Tenório, voltou aos tatames mostrando a garra de sempre. De certa forma, sua vida exigiu sempre uma atitude positiva. E Renata foi conquistando vitórias com leveza e sabedoria, como demonstra na afirmação que a norteou no processo de aceitação de sua cegueira: “Não é quando você perde a visão que você se dá conta que está cego, é um processo mais longo do que se imagina”.

Renata teve retinose pigmentar. Nascida na pequena cidade mineira de Ferros, ela circulava pelas ruas sem problemas. Mas, aos quatro anos, seus pais já perceberam nela algum problema de visão. Aos nove, a menina estava em Belo Horizonte com os pais na sala de um grande nome da oftalmologia, Hilton Rocha. A garota não só aprovou a forma como o médico lhe contou sobre a gravidade da doença como a recomenda. “Primeiro, o doutor Hilton pediu para que meus pais saíssem da sala. E me explicou o que é o globo ocular, a retina, o nervo ótico e como a imagem se forma e chega ao cérebro. Enfim, uma aula de anatomia maravilhosa. Depois, ele ensinou o que é uma doença degenerativa. E, como bom professor, expôs a conclusão ao falar sobre a retinose e as manchas que se formam devido à destruição de cones e bastonetes da retina. Ele disse que, com o tempo, eu iria perder mais visão. Ou seja, até então eu tinha a esperança de voltar a enxergar melhor. Mas ele deixou claro que a doença, diante do que a ciência oferecia naquele tempo, era irreversível”, conta Renata, acrescentando que o médico lhe deu um alfabeto em braille.

Renata deixa claro que sempre gostou da verdade. Daí ter achado tão boa a conversa com doutor Hilton. A partir de então, ela foi uma adolescente mais consciente da sua deficiência. Aos 10 anos, foi aconselhada a aprender braille. Não viu por que fazê-lo na época, pois na cidade de Ferros não havia praticamente nada naquela linguagem. “Nenhum amiguinho de Ferros lia em braille, e eu tinha uma lembrança forte de tudo na cidade, sua catedral, suas ruas, e por isso andava normalmente, sem auxílio de ninguém”, conta ela.

“NÃO É QUANDO VOCÊ PERDE A VISÃO QUE VOCÊ SE DÁ CONTA QUE ESTÁ CEGO”.

Aos 18 anos, no entanto, Renata teve mudança radical de vida. Passou a morar em Belo Horizonte, a fim de fazer um curso de vestibular para a faculdade de Direito. No curso, fez amizade com quatro cegos: Ernesto, Osvaldo, Edson e Marcelo. “Eles começaram a me perguntar por que eu não usava bengala”, lembra Renata. “Fiquei muito amiga dos quatro. A questão técnica de como ser cega, eu aprendi com eles”. Foi também na capital que o judô surgiu na sua vida.

Embora morasse em Belo Horizonte, ela ia todos os dias de ônibus para Itaúna, onde se formou em Direito. A amizade com o quarteto citado lá em cima deixou-a mais à vontade nas ruas da grande cidade. Com tranquilidade, característica que sempre a acompanha, Renata se deu conta de que não enxergava mais, e nem por isso deixaria de correr atrás de seus sonhos. Novidades tecnológicas, como o programa de computador pelo qual se ouve o que está escrito, causaram um impacto altamente benéfico na sua vida acadêmica e profissional. “Na internet, faço compras, tenho acesso a todo o tipo de texto, consigo o telefone de uma pizzaria que entrega em casa, leio um livro e baixo a lei de que preciso”, enumera a judoca, que lê dois jornais por dia. “O deficiente visual não diz que ouve o jornal, mas sim que lê. Você, por exemplo, pode pedir para o programa ler com pontuação ou mais rapidamente”.

Renata brinca com a história de romper limites. Adora, por exemplo, tirar fotos. Rindo, argumenta que sabe apertar o botão da máquina e enquadrar as pessoas. “É claro que algumas pessoas às vezes saem cortadas, mas eu vou lá e faço outra foto para corrigir o erro”, explica seu método.

Diz que nunca se sentiu excluída por ser cega. Pelo contrário, ela acrescenta, viveu dificuldades como todo mundo, mas encontrou em seu caminho muita gente que a incentivasse. Toca novamente no nome de Tenório, que a influenciou a procurar o IBDD em 2006. “Não foi fácil conviver com as pressões após não ter ido às Paraolimpíadas de Atenas, mesmo conseguindo a vaga na seletiva. Fui aconselhada até a largar o judô”, conta Renata.

Com simplicidade, como sempre, a atleta se perguntou: “Mas por que eu largaria o judô?”. Verdade. Por quê? Um dos seus mestres na luta, o técnico Floriano Almeida, respondeu à questão: “Não vejo motivo algum para você deixar de fazer judô. Talento não lhe falta”, pontuou o professor.

Abaxo Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syries. Pompeii
insectat ossifragi. Quadrupel
incredibiliter



PÁGINA AO LADO Saburre fortiter
conubium sanctet verecundus
rures. Quadrupei lucide
senesceret quinquennalis syrtas.
Pompeii insectat ossifragi.
Quadrupei incredibiliter

Hoje, Renata é feliz como atleta porque põe em prática o que aprende. Com Tenório, ela se deu conta da necessidade de uma estratégia de luta mais requintada. Usa como exemplo um embate no último Grand Prix em que, sem dar nenhum golpe decisivo, superou uma rival, levando-a a cometer falhas. “Já aprendi muito com o Tenório, e ele ainda tem muita coisa a me ensinar. Ele me deu a noção de que entrar na luta para dar um *ippon* pode não ser o melhor caminho”.

Quando o tema é trabalho, diz ela, não se assusta com a quantidade de processos que tem de examinar como advogada da Justiça Federal. “Tenho um ótimo ambiente de trabalho com os colegas e o chefe às vezes flexibiliza meu horário para eu treinar”.

A vida de Renata, portanto, segue em paz. Isso não quer dizer que falte emoção no seu dia-a-dia. Nas lutas, passa a imagem de uma judoca contida. Não é nada disso. “A minha adrenalina é alta, pois eu fico muito ligada no confronto, em como fazer o golpe de forma eficaz, em como derrubar e não cair”.

“NÃO FOI FÁCIL CONVIVER COM AS PRESSÕES”.

Renata ama o judô, mas seu universo de atividades é imenso. Andar a cavalo é um *hobby* que ela nunca vai abandonar. “Embora eu more na capital, não perco as raízes do interior. Vou freqüentemente a Ferros visitar meus pais”.

Como ela anda a cavalo? É simples. “É só ter uma companhia, na maioria das vezes o meu pai me guia”.

A leitura também está na lista de suas predileções. Pelo programa de fala do computador, está sempre visitando grandes obras, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e *O Príncipe*, de Maquiavel. Ah, Renata gosta também de dançar, sobretudo dança de salão.

Renata realça que a queda faz parte do judô. “E a vida é assim, cheia de altos e baixos, né? Quando você consegue encarar isso com mais naturalidade, você acaba tendo mais leveza para continuar. O Romário não teria feito mil gols se tivesse medo da idade e da decadência. Soube se reinventar...”.

Seguindo o conselho de Tenório, a atleta se integrou à equipe do IBDD em 2006. Mas, por causa de uma lesão na perna, só começou a competir em 2007. Brilhou no Grand Prix de São Paulo, que valia como seletiva para o Mundial naquela cidade, e para o Parapan no Rio. A judoca se sentiu extremamente apoiada pelos atletas e pela comissão técnica do IBDD na competição. “Nas lutas, fiz exatamente o que eu havia combinado com o técnico Fonseca. E as coisas deram muito certo. Fiquei em primeiro lugar na minha nova categoria, até 52 quilos, e consegui as vagas para o Mundial e o Parapan”, diz ela, orgulhosa. “Apesar de treinar mais em Belo Horizonte, eu tenho sintonia forte com o técnico e com a equipe do IBDD”.

Sempre que pode, Renata vem ao Rio de Janeiro para treinar, o que só faz nos fins de semana. Para ela, vale o sacrifício. “O Fonseca é perfeccionista como eu, se apegar a detalhes. Eu sempre filmo meus treinos para ele ver. E ele se comunica constantemente com meu técnico em Minas, o Floriano Almeida”.



ROBERTO PAIXÃO.

ANTES DE SUA EMANCIPAÇÃO, A HISTÓRIA DE ROBERTO PAIXÃO, DE 30 ANOS, ERA TODA ENTRELAÇADA COM A DA MÃE. O JUDOCA TENTOU ROMPER COM A SUPERPROTEÇÃO GRADATIVAMENTE, SEM CAUSAR GRANDES TRISTEZAS A MARIA LUZIA. ATÉ PORQUE NUNCA DUVIDOU DE SUAS BOAS INTENÇÕES. E, PARA ELE, ISSO É O QUE IMPORTA.

Sua mãe acreditou que Roberto não teria condições de viver sem ajuda. Com muito custo, ele iria mostrar que estava enganada. Demonstrou isso com conquistas na infância, na adolescência e na fase adulta. Tais vitórias no dia-a-dia parecem pequenas para quem as observa de longe. Para ele, contudo, seus avanços significaram uma libertação.

Roberto tinha um ano de idade quando ficou totalmente cego devido a uma infecção nos olhos. Maria Luzia ficou muito assustada e imaginou, já àquela época, que seu filho seria sempre totalmente dependente dela.

A apreensão tornou-se tão grande que ela não queria sair de perto do menino em momento algum. Por isso, Roberto foi amamentado até os seis anos. Sua mãe considerou sua cegueira algo extremamente grave, e não tinha qualquer parâmetro sobre o que fazer em relação à educação do filho. Seu temor diante da situação aumentou, quando, aconselhada por uma vizinha, matriculou-o numa instituição de cegos da Zona Oeste. Acertadamente, ela reparou que o lugar parecia mais um asilo do que uma instituição de ensino, e tirou o garoto dali. De qualquer forma, ficou ainda mais ressabiada.

Quando Roberto fez seis anos, ela o inscreveu no Instituto Benjamin Constant, na Urca, Zona Sul do Rio. A família morava em Santa Cruz, na Zona Oeste, e Maria Luzia, resistindo à idéia de deixar o filho como interno na instituição, levava-o de ônibus. Numa técnica curiosa, às quatro horas da manhã, ela vestia no filho calça, blusa, meia e até escovava os seus dentes antes de ele despertar. Tudo feito, os dois partiam para uma longa viagem de coletivo. Na rua, pegava-o no colo, apesar do peso e de a criança, com seis anos, andar normalmente.





ABIXO Saburre fortiter conubium
santet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtes. Pompeli
insectat ossifragi, Quadrupel
incredibiliter

Vendo aquela relação entre mãe e filho, os inspetores do instituto sugeriram que seria melhor se Roberto fosse um aluno interno, já que, além da cansativa viagem de ônibus, não havia na casa da família livros em braille.

Por trás disso, porém, havia a preocupação com o excesso de zelo da mãe com o filho. Depois de muita conversa, Maria Luzia se convenceu a deixá-lo interno por um ano.

Seu apelo foi em vão. E os inspetores passaram a prepará-lo para romper com aquele exagero protecionista de maneira mais definitiva. Roberto completara 14 anos, e o instituto decidiu que ele faria algo inédito na sua vida: ir do Instituto Benjamin Constant até a Central e, de lá, para casa, em Campo Grande. Sozinho.

“HOJE, ESTOU SEMPRE SENDO CONVOCADO PARA A SELEÇÃO BRASILEIRA”.

Ela passou a freqüentar o instituto, a fim de fiscalizar como seu filho era tratado e verificar se ele estava se sentindo bem tão longe de casa. Nas segundas, quartas e sextas-feiras, não só pedia informações sobre o filho como entrava no seu quarto, tentava recuperar seus pertences e – às vezes de forma acalorada – discutia com inspetores sobre a melhor forma de educá-lo. Como Roberto era bastante dependente, ouvia piadas de outras crianças. “Puxa, você não sabe nem amarrar o cadarço do tênis”, dizia um. “Sua mãe não larga você”, dizia outro. Roberto também começou a tomar algumas broncas que contrastavam com o tratamento que tinha em casa. “Você tem de aprender a tomar banho sozinho”, ralhava um dos inspetores. Diante disso, pediu à Maria Luzia: “Mãe, não precisa vir tanto ao colégio, eu vou ter de aprender a fazer as coisas sozinho”.

Na Urca, após um esbarrão, um professor do instituto quebrou sua bengala. “E eu decidi na hora: vou mesmo assim”. Ele queria porque queria sua independência. Achava que se não conseguisse naquele dia, nunca mais conseguiria. Deu de cara com uma árvore. Pensou que era alguém, e pediu auxílio para pegar um ônibus. “Cheguei a pedir para a pessoa parar um ônibus para mim, e como não obtive resposta, achei que era um homem grosseiro ou uma mulher mal-educada. Era uma árvore”, recorda ele, rindo muito.

No ponto, apareceu um rapaz que o ajudou a entrar no ônibus para a Central. “No trajeto, perguntei se estava perto da Central umas três vezes, tamanha a minha insegurança. Já pensou se estivesse indo para outro lugar? Veio todo o tipo de receio. Pior: quando cheguei na Central, enfrentei uma chuva forte, enfiar meu pé na lama, andei no meio da multidão, esbarrei em mais pessoas. Uma delas brigou comigo, e, quando expliquei que era cego, ela me deu um vergalhão para eu usar de bengala. Entrei no trem, no qual fui para Campo Grande, saltei na estação certa, e, enfim, cheguei em casa, onde minha mãe, ansiosa, estava à minha espera. No fim daquela aventura tive algumas sensações: de medo, de ter enfrentado esse medo e de, por isso mesmo, estar me libertando”.

Com 16 anos, Roberto saiu do Benjamin Constant. “Fui estudar no Infante Dom Henrique, em Copacabana. Lá passei a gravar aulas ou recorrer a um leitor voluntário”. Aos 18, apaixonado, Roberto casou com Cristiane e foi morar em São Gonçalo, mas o matrimônio durou apenas de 1994 a 2000. “Minha mãe sempre foi contra o casamento. Anos depois, ela se mostrou mais conformada, mas isso não quer dizer que ela estivesse feliz”.

Roberto então passou a valorizar ainda mais o esforço e a dedicação da mãe para criá-lo, embora não concordasse com seus métodos. Sentiu-se bem quando percebeu que não guardava qualquer rancor da mãe. Dela, só sentia saudade.

“AQUELE DIA INFLUENCIOU A MINHA TRAJETÓRIA NO JUDÔ”.

O judô apareceu na vida de Roberto logo em seguida, como o fator definitivo para que ele consolidasse liberdade. As aulas eram no Instituto Benjamin Constant. Certo dia, seu professor, Osmar da Silva, pediu-lhe que fizesse um *osotogari*, golpe pelo qual se desequilibra o adversário com a perna direita. “Não conseguia fazer aquilo e o Osmar insistiu para que eu não parasse de tentar. Chegou a me expulsar do treino porque eu me recusava a fazê-lo. Diante disso, depois de muitas tentativas, um dia eu fiz o movimento certo. Osmar me ensinou, principalmente, a ter disciplina. Não podia fazer mais as coisas à minha maneira”.

Em 2001, Maria Luzia morreu de forma trágica, após um incêndio provocado por um escapamento de gás no fogão. Na época, Roberto chegou a pensar que jamais se recuperaria daquela tristeza. Teve de agüentar tudo de forma solitária. “Lembrei que, quando meu pai morreu em 1989, ela montou todo um esquema para que eu soubesse: chamou um psicólogo, um professor do instituto. Agora, ali, não tinha mais isso, e eu sofri bastante”.

Aquela altura, os bons resultados no judô já lhe davam confiança para trilhar seu caminho. Roberto foi campeão brasileiro em 1997. Em 1999, ganhou a medalha de prata no Parapan de Coral Springs, nos Estados Unidos. Foi campeão brasileiro em 2000, vice-campeão mundial em 2001, no Rio, campeão brasileiro em 2002 e 2003, segundo lugar no Mundial por equipe em São Paulo, em 2005, e campeão da Copa do Brasil, em 2006. “Hoje, estou sempre sendo convocado para a seleção brasileira”, orgulha-se Roberto, que compete pelo IBDD desde 2002.

ABRIL Saburre fortiter conubium
sanctet verecundus rures.
Quadrupel lucide senesceret
quinquennalis syrtis. Pompeii
insectat ossifragi.

Em 2001, passou num concurso público para ser auxiliar de raios X, no Hospital da Polícia Civil, na praça Mauá. Recordou que a conquista do primeiro emprego, ou melhor, o fato de ter acreditado que ia passar na prova, teve a ver com sua luta para ser independente. “Aquele dia em que fui à Central sozinho está relacionado ao fato de eu crer que poderia tirar uma boa nota e obter aquele emprego. Aquele dia influenciou também a minha trajetória no judô”, afirma Roberto, que ficou aliviado quando passou no concurso, pois já era pai de Gabriel, hoje com sete anos, fruto de um relacionamento com Vera Costa.

Aos 32 anos, separado, Roberto segue sua vida mostrando sua capacidade. Como judoca, como profissional e como pai. Maria Luzia teria bons motivos para se orgulhar.





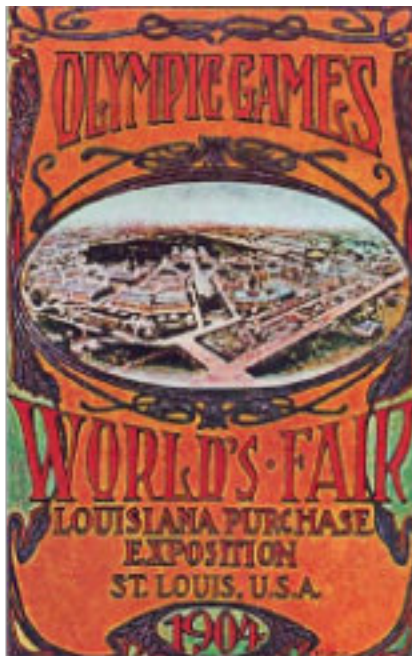
JOÃO MÁXIMO. DE HOMERO E JACÓ AO OURO EM ATENAS.

ST. LOUIS, MISSOURI, ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 12 E 13 DE AGOSTO DE 1904. DUAS SEMANAS ANTES DA ABERTURA DOS III JOGOS OLÍMPICOS DA ERA MODERNA, INDÍGENAS DE VÁRIAS PARTES DO MUNDO, HOMENS DE CABEÇA E MEMBROS ENORMES, ANÕES, OBESOS, PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, CLASSIFICADOS SIMPLEMENTE COMO “MINORIAS”, EXIBEM-SE EM PROVAS DE LUTA LIVRE NA LAMA, ARREMESSOS DE PEDRA E LANÇA, PAU-DE-SEBO, CABO-DE-GUERRA, NUM ESPETÁCULO VISTO POR UM PÚBLICO ENTRE CURIOSO E ESCANDALIZADO.

Brasília, capital da República Federativa do Brasil, 3 de dezembro de 2004. Comemorando o Dia Internacional e o Ano Ibero-Americano da Pessoa com Deficiência, um circo é montado na Esplanada dos Ministérios para que cegos, paraplégicos, amputados, paralisados cerebrais, artistas ou não, exibam-se no picadeiro entre, segundo o programa, cantores pop, astros de novela, trapezistas, ginastas, nenhum deles deficiente, num espetáculo visto por um público nem curioso, nem escandalizado.

O que mudou em 100 anos? A julgar pelas duas cenas resumidas acima, muito pouco, quase nada. É verdade que há significativas diferenças entre elas, embora, numa e noutra, a palavra de ordem seja a mesma: *exibição*. Em St. Louis, a insólita competição, denominada *Anthropology Days*, constituiu-se num dos mais lamentáveis episódios da história do olimpismo. Os competidores foram arregimentados entre os que antropólogos americanos haviam selecionado para exibirem na Feira Mundial que se realizava na cidade à mesma época dos Jogos Olímpicos. O objetivo de ambas as mostras – a da Feira e a do estádio – era provar o quanto o homem evoluíra daquelas minorias até o atleta branco, “perfeito”, que logo depois brigaria nas pistas e nas águas pelas medalhas de ouro.

ABAIXO Vista geral do centro de entretenimento da feira e indígena em prova de arremesso de lança durante os Anthropology Days.



A esquerda Cartaz dos Jogos Olímpicos e da Feira Mundial de St. Louis, 1904.

Mudou também o conceito de esporte. Historicamente, a prática esportiva sempre foi atividade das elites. Só as classes privilegiadas tinham tempo livre para o lazer ou para o culto ao corpo. Elites, também, no que diz respeito a esse corpo: só os “perfeitos” podiam se entregar ao prazer dos jogos e dos exercícios físicos. Isso desde a Grécia de 30 séculos atrás, a Grécia dos deuses e heróis, onde os Jogos Pan-Helênicos (entre os quais os antigos Olímpicos) coroavam com os louros da vitória os mais velozes, os mais altos, os mais fortes. Enfim, os fisicamente mais dotados, segundo a noção do belo (*kalón*) e do bom (*agathón*), que, fixada pelo poeta grego Píndaro em suas *Odes triunfais*, acabaria chegando até nossos dias na sentença latina de Juvenal: “*Mens sana in corpore sano*”.

O processo de deselitização arrastou-se por séculos até 1896, quando foram recriados os Jogos Olímpicos, de início ainda restritos às elites, mas pouco a pouco se popularizando, se democratizando, até chegarem ao que são hoje. Muito mais tempo ainda seria necessário para que o deficiente fizesse parte do mesmo processo. É fato que o uso da educação física como valioso elemento de reabilitação e readaptação de pessoas com problemas anatômicos e fisiológicos já era reconhecido na Europa desde o século XVIII. E que, em 1918, logo depois da primeira Guerra Mundial, exercícios físicos foram usados como ajuda no tratamento e readaptação de vítimas do conflito.

Mas foi preciso que outra guerra, a segunda, chegasse ao fim para que as portas do esporte competitivo – e não apenas reparador – comessem a ser abertas para o deficiente. Mas antes é preciso pensar melhor o termo *deficiente*. Pensar, por exemplo, no que nos ensina Marcio Tavares d’Amaral, não como presidente do IBDD, mas como psicanalista, advogado e professor de filosofia, quando ele cita os exemplos de Homero, um cego, e de Jacó, um coxo, na formação de duas das maiores culturas da História:

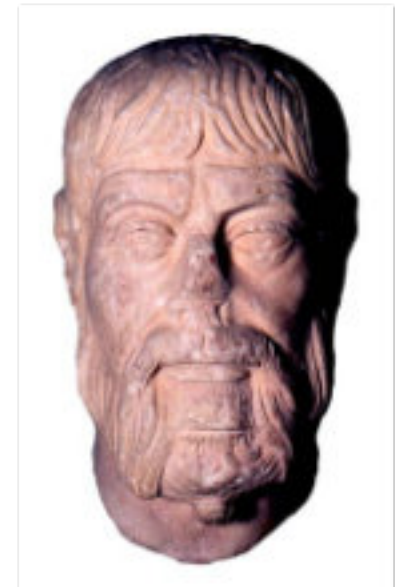
– Não enxergar e mancar não os impediram de realizar suas obras, sinal de que o conceito de deficiência, como coisa negativa, sinônimo de ineficiência, é mais recente. Data da Revolução Industrial, da época em que era preciso “entrar nas máquinas”, máquinas que só o homem normal, ou melhor, eficiente, podia operar. Mais ou menos como o Chaplin de “Tempos modernos”, correndo atrás dos parafusos para entrar na máquina. Não sendo eficiente nisso, é considerado deficiente em tudo.



4.5

Em 1944, convidado por Jorge VI, Ludwig “Poppa” Guttmann inaugurou o Centro de Traumas Medulares do Hospital de Stoke Mandeville, perto de Londres. O governo britânico quis com isso prestar homenagem a um dos maiores neurologistas da Europa, defensor do esporte como meio de ajuda à recuperação de acidentados e vítimas de guerra. Guttman tinha 45 anos. Cidadão alemão, embora nascido na cidade polonesa de Toszek, sentira-se forçado a deixar seu país quando, depois de operar verdadeiros milagres como médico do Hospital Judaico de Breslau, recusou-se a servir ao exército nazista quando sua clínica foi fechada. Exilou-se na Inglaterra, tornou-se cidadão inglês e ainda seria sagrado Cavaleiro do Império Britânico.

“Sir” Ludwig não só inaugurou o centro em Stoke como se tornou seu diretor pelos 22 anos seguintes. Adaptou e introduziu em seu programa várias modalidades de esporte para que pacientes sob seus cuidados competissem neles e, de alguma forma, melhorassem. Em 1948, com os Jogos Olímpicos de Londres, aquelas competições terapêuticas, fechadas, até então circunscritas ao território do hospital, começaram a ganhar o mundo.



ABAIXO Sir Ludwig Guttmann.



Os Jogos Olímpicos de Londres, os primeiros do pós-guerra, tiveram sentido claramente simbólico. Os ingleses fizeram questão de realizá-los, com extremos sacrifícios, apenas três anos após o armistício. Escombros causados pelas bombas nazistas foram mantidos de propósito nas ruas da cidade. Eram eloquentes atestados do quanto um povo orgulhoso resistira à guerra, tendo seu território bombardeado mas nunca invadido. Enfim, os ingleses mostravam ao mundo sua heróica sobrevivência. E as competições do Dr. Guttmann eram parte dela.

A esquerda Coroação de Juvenal no frontispício de As Sátiras de Decimus Junius Juvenalis: E de Aulus Persius Flaccus, 4ª ed. John Dryden, et al., Londres, 1711 e busto de Píndaro, Galeria Nacional de Oslo.



No show de Brasília, não se chegou a tanto, embora o fato de deficientes se exibirem sob a mesma lona de não-deficientes acabasse por ressaltar, talvez involuntariamente, o contraste entre eles. Auto-investido nas funções de embaixador do deficiente no Brasil – e apoiado por generosa verba oficial – o ator Marcos Frota montou fantástico *happening* para promover-se, promover seu verdadeiro circo, promover artistas já famosos, em nada contribuindo com a causa do deficiente. Assim, se cem anos antes os americanos usaram minorias para pregar perversa “evolução”, cem anos depois brasileiros faziam o mesmo em nome de insólita promoção.

As primeiras provas dos denominados *Stoke Mandeville Games* foram exclusivamente entre atletas em cadeiras de rodas. O sucesso foi tal que, a cada quatro anos, os jogos voltaram a acontecer, sempre aumentados e paralelamente aos Jogos Olímpicos. Oficialmente, coincide com a iniciativa de 1948 o nascimento do paradesporto. Um Comitê Internacional foi criado em Stoke Mandeville para regulamentá-lo nos vários países em que ia sendo adotado.

Um desses países, a Itália, por iniciativa de Antonio Maglio, diretor do Centro de Lesionados Medulares de Ostia, sugeriu ao Comitê Internacional transformar os *Stoke Mandeville Games* nos Jogos Paraolímpicos, já que Roma ia sediar, em 1960, os XVI Jogos Olímpicos da era moderna. Idéia aprovada, 400 deficientes de 23 países competiram na capital italiana, nos últimos dias de um verão dos mais quentes e nas mesmas instalações usadas pelos não-deficientes. Desde então, os Jogos Paraolímpicos vêm sendo cumpridos com êxito cada vez maior, com mais e mais participantes (em Atenas foram mais de 4 mil atletas de 142 países), quase sempre imediatamente após o término dos Jogos Olímpicos, esquema adotado nos Jogos Parapan-americanos de 2007.

O paradesporto no Brasil, como o próprio interesse pela causa do deficiente, começou tarde em relação à Europa e aos Estados Unidos. Deveu-se a dois louváveis pioneiros, ambos voltando de períodos de reabilitação em centros especializados americanos, a partida rumo à vitória. Primeiro foi Robson de Almeida Sampaio, criando em 1958, no Rio de Janeiro, o Clube do Otimismo. Pouco depois, Sérgio Delgrande fazia o mesmo, em São Paulo, com o Clube dos Paraplégicos. Coube a Sérgio trazer a cadeira especial que serviu de modelo à fabricação das 12 com as quais o basquete seria introduzido no Brasil. Um ano depois, as equipes dos dois clubes disputaram o primeiro jogo, no Maracanãzinho, fazendo do basquete em cadeira de rodas a modalidade que inaugurou o paradesporto no país.

Da criação de novos clubes e associações, da importação de outras modalidades e da conscientização dos benefícios que o esporte pode trazer ao deficiente, ocorreu um crescimento que, embora lento, fez do paradesporto uma realidade. Em 1969, o basquete brasileiro vivia em Buenos Aires sua primeira experiência internacional. Em 1972, dias depois do encerramento dos Jogos Olímpicos de Munique, uma pequena delegação brasileira fez-se representar nos Jogos Paraolímpicos de Heidelberg, Alemanha. Medalhas, porém, só seriam ganhas quatro anos depois, em Toronto, uma delas, de prata, pelo pioneiro Robson de Almeida Sampaio. Na bocha.

O restante, como se diz, é história. Desde Toronto o Brasil estaria presente em todas as Paraolimpiadas, sempre subindo ao pódio: Nova York 80 (28 medalhas), Stoke Mandeville 84 (22), Seul 88 (27), Barcelona 92 (7), Atlanta 96 (21), Sydney 2000 (22) e Atenas 2004 (33).

É possível, e até provável, que tenham sido os Jogos Paraolímpicos de Atlanta os que disponibilizaram aos brasileiros o maior volume de informações relevantes. Muitas delas, como já vimos em páginas anteriores, inspiraram Teresa Costa d'Amaral a criar o Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência (IBDD). Ao lado das muitas realizações nas áreas de inserção no mercado de trabalho e de defesa de direitos e reformulação de leis, está uma intensa participação no esporte. Não só em medalhas conquistadas (15 internacionais em 2006), mas na maneira de ver a prática esportiva como ferramenta para uma conquista maior: a cidadania. Também sobre isso já se falou mais atrás.

ABAIXO Identidade visual dos primeiros Jogos Paraolímpicos, Roma, 1960.



PARALYMPICS

ABAIXO E À DIREITA Identidade visual e cerimônia de abertura dos Jogos Paraolímpicos de Atenas, 2004.



Em termos competitivos, tudo tinha começado com Ádria e Tenório, heróis em Atlanta. Com a certeza, porém, de que no paradesporto brasileiro havia lugar para muitos outros campeões, o IBDD investiu séria e inteligentemente em novos talentos do judô, da natação, do futebol. A desorganização geral daqueles Jogos Paraolímpicos, não só no reduto brasileiro, foi lição, também, para Luiz Cláudio Pereira, então presidente da ABRADCAR (Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas), filiada ao Comitê Paraolímpico Brasileiro, e futuro coordenador de esportes do IBDD. Mais do que lição, confirmação. Sempre fazendo das questões das pessoas com deficiência a sua causa, sempre buscando soluções, sempre pensando mais à frente, Luiz viu confirmado, na terra da Coca-Cola, até onde se pode chegar pelo poder da mobilização:



– A Coca-Cola investiu dinheiro grande naquelas Olimpíadas, já que sua sede era em Atlanta. – recorda Luiz – Mas, chegada a hora de os paraolímpicos competirem, ela pulou fora. Cadê os dólares? Diante daquilo, deficientes americanos protestaram. E de forma veemente. Ameaçaram publicar anúncios em jornal e TV cujo teor era mais ou menos o seguinte: “Se você acha que o paratleta merece uma oportunidade, não beba Coca-Cola, pois ela discrimina o deficiente”. A ameaça foi o suficiente para que os dólares aparecessem. Lá, a capacidade de mobilização tem outra grandeza. Imagina se, no Brasil, 18 milhões de deficientes se mobilizassem por uma causa. Conseguiriam tudo. Fariam uma revolução da qual, infelizmente, estamos longe.

Mas Luiz não é um desiludido. Pelo contrário, é um lutador animado pela esperança de que, senão tudo, muito pode ser alcançado. É o espírito do triunfo, ídolo, símbolo, ser humano raro, ele é mesmo personagem destacado de uma grande história. Uma história que nos ensina a compreender o paradesporto como mais uma modalidade de esporte, o que efetivamente é, e não como uma série de provas de exceção, de exibição de excepcionalidades.

E nos ensina mais: que o paradesporto volta e meia desafia, contraria, derruba, nega conceitos seculares. Como o de Pierre de Coubertin, para quem o importante no esporte é apenas competir. Ou como o de Píndaro e Juvenal, sabiamente desmentido numa das divisas emolduradas na sala de reuniões do IBDD:

“O espírito olímpico não precisa de um corpo perfeito”.

OS HERÓIS DO IBDD.

ADRIANO BIGGI DA COSTA

ALAN JONES DIAS FREIRE

ALEXANDRO DE SOUZA

ANDRÉ BRASIL ESTEVES

ANDRÉ QUELONI RODRIGUES

ANTÔNIO MARCOS PASSOS DA ROCHA

ANTÔNIO TENÓRIO DA SILVA

CASSIANO PAULSEN FERNANDEZ

DANIEL TEIXEIRA DA SILVA

DOUGLAS CÂNDIDO DA SILVA

EDIVALDO CANDIDO ALVES

EDUARDO PAES BARRETO AMARAL

ELMO MAMEDE CARVALHO VAZ

ENÉAS DE OLIVEIRA FERREIRA

EVANDRO SOUZA NASCIMENTO

EVELYN SPANGEMBERG MOURA DA COSTA

EUDES DE MORAES RAMALHO

FRANCISCO ANANIAS CAMELO DE SOUZA

GEZIEL FRANCO SILVEIRA FILHO

IZABEL CAVALCANTE SILVA

JOÃO QUIRINO DA SILVA

JOSÉ AFONSO MEDEIROS

JOSÉ CARLOS MONTEIRO GUIMARÃES

LEANDRO LUÍS DOS SANTOS PEREIRA

LEANDRO SILVA DE LAIA

LOURDES MARIA SILVA DE SOUZA

LUCIANO MONTEIRO CALDAS

LUÍS LEANDRO DE ARAÚJO CORDEIRO

MÁRCIO JERÔNIMO PEREIRA SILVA

PABLO CALDAS FIGUEIREDO

PAULO HENRIQUE MONTEIRO

PAULO ROBERTO BARRETO DA SILVA JUNIOR

PEDRO JOÃO DOS SANTOS

PRISLEY FERREIRA DE SOUZA

RAFAEL CAVALCANTE SILVA

RENATA CARVALHO QUINTÃO

RICARDO JOSE BARBOSA

ROBERTO JULIAN SANTOS DA SILVA

ROBERTO NUNES DA PAIXÃO

SAMARA DUMORTOUT AYRES DA MATTA

SÉRGIO EDUARDO OLIVEIRA VILLAR

THIAGO CARNEIRO DA SILVA

VINICIUS NASCIMENTO SOUZA

VIVIANE PEREIRA MACEDO

WANDERSON SILVA DE OLIVEIRA

WELLINGTON FERREIRA DOS SANTOS

WILTON ALVES MUNIZ JUNIOR



INSTITUTO BRASILEIRO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

PRESIDENTE

Marcio Tavares d'Amaral

DIRETORIA

Armando Braga Neto
Celso Japlassú
Tjerk Franken

SUPERINTENDENTE

Teresa Costa d'Amaral

SUPERINTENDENTE-ADJUNTA

Raphaela Athayde

EQUIPE TÉCNICA

Ana Cláudia Monteiro
Andrei Bastos
Alexandre Magnavita Gaschi
Fernanda Japlassú
Luiz Cláudio Pereira
Matias Costa
Marcelo de Godoy Campos
Sérgio Henrique Teixeira

ESTAGIÁRIOS

Eduardo Bazílio Gomes Correia
Rafaela de Azevedo Fernandes
Thiago Ferraz Colella
Diego Paes de Vasconcelos
Rodrigo Frolick Vasconcelos

SEDE

Rua Artur Bernardes, 26 - loja A
Catete - Rio de Janeiro - RJ
22220-070
Tel./Fax (21) 3235 9290
www.ibdd.org.br
ibdd@ibdd.org.br

Bruno Salvaterra
Carla Rodrigues de Mello
Carla Vieira Nonato da Rosa
Carlos Alberto Souza de Oliveira
Cristiane Mega
Denise Teixeira da Rocha
Ellana Sousa Costa
Eliane Aparecida Gomes
Érico Rodrigo Gomes Ferreira
Erinaldo Batista das Chagas
Fernando Cezar Silva de Lima
Gustavo Proença
Hanna Ferreira Kwikko
João Carlos Farias da Rocha
José Augusto Jesuino dos Santos Júnior
José Pereira da Fonseca
Leandro Luiz dos Santos Pereira
Leila Galvão de Carvalho Argento
Letícia Tostes Coelho
Luciana Guimarães Rodrigues
Marcel Henriques Maciel
Marcia Corrêa de Sá e Benevides
Marcia Cristina Moura Fernandes
Marcos Antônio de Aragão Veiga
Marcos Antonio de Jesus Santos
Maurício da Silveira
Michel dos Reis
Paulo Fernando Rodrigues da Cruz
Priscilla Araujo
Renato de Novaes Gaensly
Roberto dos Santos Pinto
Valdeci Clemente da Silva
Valdir dos Santos Mansur
Walmir Luiz dos Santos
Wellington Magalhães Vasco

COMPOSTO EM TIPOS HTF GOTHAM,
DE TOBIAS FRERE-JONES, 2000
E IMPRESSO SOBRE PAPEL COUCHÉ
REFLEX MATTE SUZANO 150 G/M².